

LIRIA APARECIDA PEREIRA

O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: CONCEPÇÕES DE  
PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO  
UNICID  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LIRIA APARECIDA PEREIRA

O PROCESSO DE MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: CONCEPÇÕES DE  
PROFESSORES DO ENSINO TÉCNICO

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação junto à Universidade Cidade de São Paulo – UNICID sob orientação da Profª Dra. Margaréte May Berkenbrock Rosito e co-orientação da Profª Dra. Sylvia Helena Souza da Silva Batista.

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO  
UNICID  
2007

---

---

---

COMISSÃO JULGADORA

**Buy Now to Create PDF without Trial Watermark!!**

4

*Para  
Leonilda, Max, e  
Rodrigo*

**Created by eDocPrinter PDF Pro!!**

## **AGRADECIMENTOS**

Chegar ao final deste trabalho representa mais uma etapa vencida. Para esta conquista ser possível contei com a colaboração de várias pessoas, às quais gostaria de agradecer imensamente.

Primeiro agradeço ao Senac São Paulo, Unidade do Jabaquara, que me propiciou a oportunidade de participar e realizar a presente pesquisa. Em seguida, os agradecimentos vão para os professores que participaram ativamente respondendo, opinando e sendo entrevistados, sem os quais o presente trabalho não seria possível.

Agradeço ainda a todos os amigos que estiveram comigo nesse período, acompanhando a evolução deste trabalho.

Em especial quero agradecer à Prof<sup>ª</sup> Dra. Sylvia Helena Souza da Silva Batista, que esteve ao meu lado desde o início dessa pesquisa e optou por me acompanhar até a conclusão.

Agradeço, também, à Prof<sup>ª</sup> Dra. Margaréte May Berkenbrock Rosito que tão gentilmente me acolheu e me aceitou como sua orientanda, à Prof<sup>ª</sup> Dra. Ecleide Cunico Furlanetto e Prof<sup>ª</sup> Dra. Irani Ferreira da Silva, que prontamente aceitaram meu convite para compor a Banca Orientadora e que muito contribuíram para a finalização deste trabalho.

Quero, ainda, agradecer à minha mãe, Leonilda, pelo carinho dedicado a mim ao longo de minha vida e por ter me ensinado a ser honesta, digna e responsável; ao Max, meu querido companheiro que a vida resolveu me presentear, pela paciência em me explicar tantas e tantas coisas que eu nem sabia que existiam, sempre com carinho e boa vontade, e, ao meu filho, Rodrigo, simplesmente por ele existir.

Agradeço, finalmente, a Deus por sempre estar ao meu lado e ter me dado forças e coragem para a conclusão de mais esta etapa de minha vida.

**Buy Now to Create PDF without Trial Watermark!!**

6

O mais importante é não parar de questionar.

Albert Einstein

**Created by eDocPrinter PDF Pro!!**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 DAS ORIGENS AOS OBJETIVOS DA PESQUISA</b> .....	11
1.1 A semente .....	11
1.2 O encontro com o problema de pesquisa.....	14
1.3 As questões orientadoras e os objetivos da pesquisa.....	21
1.4 A Formação do docente no Senac .....	23
<b>2 MEDIAÇÃO – CONSTRUINDO UMA COMPREENSÃO</b> .....	25
2.1 Adentrando nos sentidos de Mediação .....	25
2.2 Conhecendo pesquisas sobre Mediação .....	27
2.2.1 Conceito clássico .....	27
2.2.2 Produções acadêmicas sobre o tema Mediação.....	30
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	45
3.1 O contexto da pesquisa .....	45
3.2 O Curso Técnico em Segurança do Trabalho.....	50
3.3 Os participantes da pesquisa.....	52
3.4 O processo de coleta de dados.....	52
3.4.1 As fases da pesquisa .....	52
3.4.1.1 O Questionário.....	52
3.4.1.2 A Entrevista .....	57
3.4.2 O estudo piloto .....	58
3.5 O processo de análise de dados .....	59
3.5.1 Análise de conteúdo.....	59
3.5.2 Análise dos questionários .....	61
3.5.3. Análise das entrevistas.....	62
<b>4 CONHECENDO OS PROFESSORES E SUAS CONCEPÇÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS</b> .....	63
4.1 Perfil dos docentes.....	63
4.2 Concepções de mediação.....	65
4.2.1 As concepções que emergiram dos posicionamentos docentes frente às assertivas....	65
4.2.2 As concepções que emergiram na análise da questão aberta.....	68



<b>5</b>	<b>MEDIAÇÃO DOCENTE: OLHARES DOS PROFESSORES.....</b>	<b>76</b>
5.1	Concepções de mediação docente .....	76
5.2	Experiências de sucesso e não exitosas .....	79
5.2.1	Experiências de uma boa mediação docente .....	79
5.2.2	Experiências de uma mediação docente não satisfatória.....	82
5.3	Condições facilitadoras e dificultadoras para a construção da mediação docente .....	85
5.3.1	As condições facilitadoras .....	85
5.3.2	As condições dificultadoras.....	88
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>94</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>99</b>
	Anexo I.....	100
	Termo de Autorização Institucional .....	100
	Anexo II.....	101
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	101
	Anexo III .....	104
	Questionário (piloto) .....	104
	Anexo IV .....	107
	Questionário .....	107
	Anexo V.....	110
	Análise Temática dos Questionários .....	110
	Anexo VI .....	121
	Roteiro da Entrevista .....	121
	Anexo VII.....	123
	Análise Temática das Entrevistas .....	123
	Anexo VIII.....	154
	Protocolo de Pesquisa nº 13234674.....	154

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar as concepções de professores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, na Unidade Jabaquara do Senac São Paulo, sobre a mediação docente, bem como identificar características de formação e trajetória profissional dos professores e de discutir limites e possibilidades da mediação docente na ótica dos professores. O referencial teórico adotado abrange a perspectiva sócio-histórica de L. S. Vygotsky. A metodologia de pesquisa privilegiou duas fases no processo de coleta de dados: a primeira refere-se à aplicação de um questionário com os objetivos de caracterizar o perfil docente e mapear as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto do Curso Técnico em Segurança do Trabalho. A segunda fase, realizada a partir da análise dos dados coletados por meio dos questionários, abrangeu uma entrevista de aprofundamento, tendo como núcleo central a mediação docente. Os dados dos questionários foram sistematizados e analisados, o que possibilitou a identificação do perfil do professor do ensino técnico, bem como a apreensão das concepções docentes sobre mediação da aprendizagem, agrupando-as em núcleos temáticos. Na análise das entrevistas, as concepções foram analisadas em dois núcleos temáticos: a interação e a construção do conhecimento. As condições facilitadoras para o processo de mediação abarcaram: a boa comunicação e a receptividade, portanto o diálogo; o respeito ao aluno; o conhecimento próprio; a empatia; ser paciente e observador; a informalidade adotada junto aos alunos. No que concerne às condições dificultadoras no processo de mediação, foram citadas: a diversidade entre os alunos; as próprias limitações dos professores. A compreensão do sujeito professor, de suas concepções e práticas, de seu efetivo papel no processo ensino aprendizagem, mostra-se fundamental para que a mediação docente seja desenvolvida de maneira a favorecer que o professor assuma seu próprio processo de transformação e, neste sentido, entenda que a medida que se transforma poderá contribuir na transformação do outro.

**Palavras-chave:** mediação docente, educação profissional, formação de professores.

## ABSTRACT

The object of the present study is an analysis of the conceptions of teacher-student mediation as described by teachers from the Technical Course in Safety in the Workplace, offered by Senac São Paulo at its Jabaquara branch. This research also identifies characteristics of the academic background and of the professional path those teachers have followed, and discusses the possibilities and limits of teacher-student mediation from the teacher's point of view. L. S. Vygotsky's social and historical perspectives were used as theoretical references. During the phase of collecting data, two stages were emphasized in the methodology of this research: the first stage included a questionnaire that aimed at establishing the teacher's profiles and at examining pedagogic practices developed within the classes of the Technical Course in Safety in the Workplace. The second stage, which took place after the analysis of the data collected from the questionnaires, was accomplished with a series of in depth interviews that had teacher-student mediation as its core subject. The development of an organized system and of a body of analysis built from the data offered by the questionnaires made it possible to identify the profile of professionals working as teachers in technical schools, and also to apprehend teacher's conceptions about mediation in the learning process. It also allowed grouping those conceptions by themes. In analyzing the interviews, conceptions were examined within two different themes, interaction and the building of knowledge. Conditions that work for the mediation process included: openness and good communication, meaning dialog; respect for the student; the subject's own body of knowledge; empathy; patience; the ability to observe; an informal posture while working with the students. Some conditions that work against the mediation process were also mentioned: the students various profiles and backgrounds; the teachers own limitations. The understanding of the subject-teacher, his conceptions and practices, his effective role in the teaching-learning process, appears essential so that the teacher-student mediation can be developed and thus help that the teacher assumes his own process on transformation and, therein, perceives that while he changes he shall contribute in the other's transformation.

**Keywords:** teacher-student mediation, professional education, teacher professional development.

## **INTRODUÇÃO**

O mundo do trabalho é cada vez mais dinâmico e as competências requeridas dos trabalhadores, freqüentemente mais complexas, colocam em foco a necessidade de melhor preparo profissional. Evidencia-se, portanto, a necessidade de se repensar a Educação Profissional na perspectiva de melhor preparação dos trabalhadores, conseqüentemente, do crescimento social e econômico do país.

Num país como o Brasil, com problemas estruturais, tanto do ponto de vista sócio-econômico como educacional, a Educação Profissional assume um papel relevante para os jovens brasileiros.

Com vistas a essa realidade, o conceito de competência profissional amplia a responsabilidade das escolas na organização dos currículos da Educação Profissional, pois esse fato exige a inclusão de novas formas de estruturação do trabalho educativo, a incorporação de conhecimentos que são construídos na prática, a utilização de metodologias que propiciem o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas, comunicar idéias, tomar decisões, ter iniciativa, ser criativo, com crescente autonomia intelectual, num contexto de respeito às regras da convivência democrática e em condições de monitoramento dos próprios desempenhos, bem como do desenvolvimento pessoal e profissional.

Espera-se que as escolas preparem profissionais que, ao aprender, aprendam a aprender e a gerar autonomamente um conhecimento atualizado, inovador, criativo e operativo, que incorpore as mais recentes contribuições científicas e tecnológicas das diferentes áreas do saber.

O professor, nesse contexto, assume um papel de mediador da aprendizagem, portanto, deve ser adequadamente preparado para o desenvolvimento dessa ação. Exige-se que o docente, cuja formação inicial foi desenvolvida a partir de padrões de ensino de disciplinas estanques, entendido, sobretudo, como “transmissão de conhecimentos”, em que o professor é o “dono absoluto do saber”, transforme-se em um mediador da aprendizagem, que deverá ser alguém que desafia, estimula, questiona, problematiza, mostra caminhos e acompanha os alunos.

Estaria o professor preparado para essa transformação? Receberia formação adequada para a prática docente? Seria o professor um mediador da aprendizagem? Como estaria a

formação de professores associada à ação mediadora?

Segundo Furlanetto (2003), a formação de professores está direcionada para uma situação em que os professores passam a exercer o papel de atores e não de meros espectadores, pois participam efetivamente da aprendizagem do aluno. Entretanto, para que isso aconteça, não basta apenas que o docente se aproprie e disponibilize o conhecimento, mas sim se apresente como um mediador do conhecimento. Isso implica numa mudança na ação do professor.

Propõe, então, uma nova concepção de professor que depende da sua própria aprendizagem e de sua vontade em participar de um processo de mudança, de correr riscos, de se sentir inseguro, de conhecer novas e inesperadas situações, pois isso é que lhe dará condições para sair de um estágio de conhecimento e chegar a outro. Afinal, o desenvolvimento ocorre em situações de desafios ou descobertas de si mesmo, independente de idade bastando apenas que o sujeito seja estimulado a rever seus conceitos.

A discussão da autora sobre formação indica o sujeito como um ser não isolado, que vive em sociedade e com ela cresce, se relaciona e se desenvolve, de acordo com sua cultura, hábitos, costumes e crenças.

Para subsidiar o entendimento das idéias da autora, recorro à perspectiva sócio-histórica de Vygotsky e ao conceito, por esse autor definido, de Zona de Desenvolvimento Proximal: a distância entre aquilo que um indivíduo é capaz de fazer sozinho e aquilo que ele realiza com a colaboração de outros. Na visão de Vygotsky, a interação dos homens com a realidade processa-se nas e pelas relações sociais, que não se dão de maneira imediata e direta, mas de forma mediada. A interação social é uma mediação que introduz o sujeito no significado do seu mundo, na sua cultura.

A formação vai se construindo e se reconstruindo na medida que novas experiências são vivenciadas. Contudo, para que o sujeito cresça nesse processo e se transforme é necessário que ele esteja disposto e aberto a novas experiências e que ele tenha coragem de olhar e ver, de ouvir e escutar, e de pensar a respeito do que ouve, escuta e faz.

## **1 DAS ORIGENS AOS OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **1.1 A semente**

Final dos anos 90, mudanças de hábitos e costumes, a chegada de um novo século.

A reorganização Econômica-política internacional associada ao uso intensivo de alta tecnologia nas empresas começa a demandar uma elevada qualificação dos trabalhadores estáveis, de quem se passa a exigir alto grau de abstração, capacidade de resolver problemas e trabalhar em equipe.

O capital passa a depender de trabalhadores com essas competências e isso se justifica em função das novas características do processo produtivo. Altamente informatizados e conectados por sistemas integrados, os processos de produção, em geral, passam a ser projetados com modelos de representação do real, e não com o real.

Essa nova situação exige dos trabalhadores a capacidade de leitura de códigos e lógicas complexas, a capacidade de análise para gerir a variabilidade e os imprevistos, além do desenvolvimento da competência para o trabalho em equipe, uma vez que os problemas, devido à conectividade que caracteriza os processos de trabalho, já não atingiam apenas um setor, mas todo o conjunto.

Esse processo, embora tivesse ocorrido em grau e velocidade diferenciados, foi uma tendência do sistema sócio-político-econômico, criando um cenário extremamente fértil para se pensar em reformas educacionais.

Nesse cenário, como viria a se posicionar a Educação Profissional? Em que contexto deveria atuar? Quem seriam seus participantes? Quais seriam suas diretrizes?

Algumas respostas foram encontradas na Lei nº 9394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Primeiramente deparava-se com a afirmação de uma escolaridade básica mais prolongada e a proposta de uma educação profissional mais abrangente, portanto, para além do adestramento nas técnicas de trabalho.

Uma outra tendência generalizada nas políticas de educação profissional referia-se à opção por uma organização curricular com foco no desenvolvimento de competências profissionais.

A referida lei, em seus artigos 39 a 42 concebe a educação profissional como “integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia”, de modo a conduzir “ao permanente desenvolvimento para a vida produtiva”. Também no quesito organização curricular, a legislação confirma os parâmetros que orientaram as ofertas educacionais na nova ordem da economia mundial.

Considerando o contexto político de elaboração da Lei nº 9394/96, não se pode deixar de pontuar que o início de sua gestação, nos anos 80, coincide com uma avassaladora ascensão do neoliberalismo, promovida, em parte, pelo desmantelamento da quase totalidade dos regimes socialistas e, por outra, pelo desmonte do estado de bem-estar social. Era então considerada como imperativa a necessidade de reformas institucionais baseadas em políticas de menor regulamentação do mercado e, conseqüentemente, de redução das obrigações estatais para melhor alinhamento ao processo de globalização.

A nova legislação trazia a proposta de que os currículos deviam pautar-se pelos perfis profissionais de conclusão, favorecendo a delimitação mais clara de itinerários profissionais. Parecia estar acenando para a superação da dualidade até então característica da educação no país, para mudanças na forma do ensinar e do aprender e, principalmente, atribuindo ao professor o papel de agente de mudanças e transformações no processo de ensino aprendizagem.

Assim, para que as mudanças propostas se efetivassem era preciso encontrar um forte aliado que tivesse uma ação efetiva nesse processo.

Dessa forma, a legislação descreve o professor como um agente transformador dessas

mudanças e enaltece a necessidade de se investir na formação adequada desse profissional.

O artigo 62 da Lei nº 9394/96 estabelece que a formação de docentes deverá ser feita em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação.

A legislação educacional sugere que por meio do trabalho docente seja possível se pensar em mudanças sociais, e, conseqüentemente, a formação do professor – em qualquer nível - adquire fundamental importância, uma vez que o docente deve assumir o papel de mediador da aprendizagem com o propósito de transformar o conhecimento do aluno.

A formação de docentes, em seus vários níveis, tem sido motivo de pesquisas e estudos de muitos autores e são inúmeras as contribuições que encontramos na literatura.

Alguns pesquisadores defendem que o professor deva ter a intencionalidade presente em sua ação, outros, que construa um trabalho docente coletivo. Há aqueles ainda que assumem na formação docente o ato de refletir sobre ação, a valorização dos conhecimentos, a educação continuada, entre alguns dos muitos aspectos estudados.

Atualmente a realidade ainda apresenta um profissional da educação como um trabalhador que maneja a aprendizagem como um mecânico maneja sua ferramenta, alienando-se de um significado para a transformação social, que considera sua racionalidade econômica sob a perspectiva da globalização, o que desperta uma visão “fatalista” e reduz o trabalho educativo à conquista de uma técnica. Mesmo assim, a educação não pode abrir mão de uma formação técnica e científica, mas necessita abrigar sonhos e utopias e, portanto, exige que como profissional o professor se sinta sujeito da história como tempo de possibilidades e não de determinismos e, ainda que saiba que a educação não possa tudo, pode contribuir para a transformação de um mundo melhor.

Entretanto, depois de mais de dez anos da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a formação de professores, especificamente a formação de professores de



educação profissional, permanece como uma questão grave e fundamental, exigindo medidas concretas.

A falta de qualificação é, sem dúvida, um grande entrave para a melhoria da qualidade e da expansão da Educação Profissional. O arrocho salarial estimula o abandono dos professores da carreira docente, conduzindo à rotatividade de professores, gerando uma situação de não-permanência em projetos institucionais.

Há urgência na formulação de uma política global de formação dos profissionais da educação que articule: formação inicial continuada, plano de carreira e salários dignos.

A formação de professores para a educação profissional necessita ser discutida em termos de legislação a ser aplicada e de seu efetivo controle na prática das instituições públicas e privadas, constituindo-se num direito que possibilite o desenvolvimento e o aprimoramento desses profissionais, o que contribuirá para a qualidade social das atividades educativas.

Ao considerar a questão da formação do professor da educação profissional como um tema de extrema relevância, fui levada a refletir sobre a influência desse profissional na construção de uma sociedade melhor, transformadas a partir de ações educativas desenvolvidas no ensino técnico.

## 1.2 O encontro com o problema de pesquisa

Minha vida profissional se iniciou aos 17 anos, exatamente no mesmo ano em que comecei meu curso universitário. Corria o ano de 1978. Confesso que quando prestei vestibular não sabia exatamente o que estava fazendo...E assim iniciei meu curso de bacharel em Física, na PUC-SP.

Concomitantemente, comecei a trabalhar num conceituado escritório de advocacia. Esse trabalho me ajudou muito financeiramente na continuidade de meus estudos. A atividade que desenvolvia era relativa a arquivos, documentação e microfilmagem. Desenvolvi essa atividade até 1985, quando recebi um convite do Senac São Paulo para ser a responsável pelo setor de

microfilmagem, em âmbito estadual.

O Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - é uma instituição privada sem fins lucrativos, que foi criada em 1946 pelos Decretos-lei 8.621 e 8.622, que autorizaram a Confederação Nacional do Comércio a instalar e administrar, em todo o País, escolas de aprendizagem comercial com o objetivo de qualificar adultos e jovens aprendizes para o mundo do trabalho. A história da instituição é, portanto, a da contribuição educacional do empresariado do comércio para o desenvolvimento do mundo do trabalho. Oferece serviços e programas educacionais em dezenas de áreas e em diversos níveis.

Sua estrutura física é definida pela rede de Unidades – escolas – distribuídas por todo o Estado de São Paulo e por Gerências Administrativas, que compõem a Administração Central, localizadas no Edifício Sede, na capital. O setor de microfilmagem ficava na Sede e tratava-se de uma atividade administrativa.

Trabalhar no Senac, com tal responsabilidade, foi um grande desafio. Tinha a gestão de uma equipe composta por dez pessoas e muito trabalho a fazer. Com o passar do tempo as responsabilidades foram aumentando, assim como a minha equipe.

Nesta ocasião já havia terminado meus estudos, inclusive o curso de licenciatura plena em Física, também realizado na PUC-SP. No decorrer desses anos procurei desenvolver atividades relacionadas aos meus estudos, mas, infelizmente, sem muito sucesso. Consegui dar aulas no período noturno numa escola, dava aulas particulares, fui monitora na faculdade, mas nada que me possibilitasse viver exclusivamente dessas atividades. Na verdade, a vida acadêmica parecia cada vez mais longe da realidade que então se apresentava.

Em 1991 nasceu Rodrigo, meu filho. Foi o momento mais importante de minha vida.

Nunca parei de estudar. Ora estudava inglês, ora fazia um curso de matemática financeira, cursos relativos à documentação e microfilmagem, enfim, sempre estive em busca de alguma coisa, mesmo sem saber bem ao certo o que era.

Em 1999 resolvi me matricular num curso de pós-graduação lato-sensu em Gestão de Negócios, na FIAP – Faculdade de Informática e Administração Paulista.

Nessa época cheguei a pensar que se tivesse feito um curso de administração de empresas teria mais oportunidades profissionais.

O curso foi muito interessante, especialmente por ter me feito voltar a ser “aluna”, de voltar à sala de aula, ter amigos e, principalmente, voltar a “pensar”. Adorei estar de volta à escola!

Isso tudo foi muito importante para mim, pois me despertou a necessidade de continuar aprendendo, de continuar em busca de algo que me realizasse profissionalmente. Descobri que ainda era capaz de aprender e também de ensinar.

Passei a trabalhar, então, no sentido de conseguir uma transferência para uma das Unidades do Senac São Paulo. Na ocasião eu tinha como objetivo estar próxima de onde as coisas acontecem. Sem dúvida é numa Unidade, já que lá é a escola, que a “vida se mostra como ela é”, pois é lá que estão os alunos que vêm em busca de cursos técnicos como uma opção de vida para o mundo do trabalho, uma alternativa para melhorar suas vidas. É lá também que estão os professores que sustentam todo o sistema educacional da instituição.

Consegui minha transferência em julho de 2000 para a Unidade do Jabaquara. A proposta de trabalho era bastante interessante. Seria responsável por uma das áreas de atuação do Senac e teria a oportunidade de desenvolver cursos técnicos e livres, criar novos produtos e serviços, coordenar equipes de professores e atuar diretamente com os alunos.

Assim, naquele ano e na Unidade do Jabaquara, passei a ser responsável pelo desenvolvimento e atuação da sub-área de Saúde Ocupacional, em nível estadual.

Na ocasião desenvolvia atividades focadas em programas de educação profissional e

formação de docentes. Acompanhei ativamente as mudanças ocorridas na Educação, tendo como base o Capítulo III do Título V, da Lei nº 9394/96– Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, que trata exclusivamente da educação profissional, e o Decreto 2208/97, que a regulamenta.

A nova legislação indicava a Educação Profissional como uma possibilidade de acesso para o aluno matriculado ou egresso do ensino fundamental, médio e superior, bem como ao trabalhador em geral, jovem ou adulto, tendo como foco a preparação para seu desempenho profissional, num sistema de produção de bens de serviços, onde não basta somente o domínio da informação. Considera três os níveis de ensino: o básico, o técnico e o tecnológico.

A reforma educacional proposta partia de um novo modelo estrutural e valorizava novos conceitos como interdisciplinaridade, desenvolvimento de competências, contextualização, problematização, flexibilidade, uso de novas tecnologias e integração na organização curricular.

Uma readequação do ensino profissional se mostrava necessária em função das transformações do mundo contemporâneo e dos processos de reestruturação produtiva, pois a qualificação para o trabalho deixava de ser compreendida como fruto da aquisição de modos de fazer, passando a ser vista como resultado da articulação de vários elementos, subjetivos e objetivos, tais como: natureza das relações sociais vividas pelos indivíduos, escolaridade, acesso à informação, a saberes, a manifestações científicas e culturais, além da duração e da profundidade das experiências vivenciadas, tanto na vida social, quanto no mundo do trabalho.

A formação dos trabalhadores passava, então, a ter como objetivo o desenvolvimento de competências. Nessa perspectiva, a formação assumiu como finalidade capacitar indivíduos a fim de que tivessem condições de pôr em prática durante seu desempenho profissional os atributos adquiridos na vida social, escolar, pessoal e laboral, aptos a lidar com a incerteza, com a flexibilidade e a rapidez na resolução de problemas.

Sob essa perspectiva e de acordo com a Indicação CEE nº 08/2000, que trata das Diretrizes para implementação da Educação Profissional de nível técnico no sistema de ensino do Estado de São Paulo, o então chamado modelo de competências trazia consideráveis alterações na forma de ensinar e de aprender, o que conseqüentemente implicaria em mudanças no

desenvolvimento das atividades dos professores, especialmente para o processo de escolha de conteúdos e métodos de ensino.

Entretanto, para que o processo de adequação à nova legislação se efetivasse, foi necessário entender o que eram as “competências profissionais” e como desenvolvê-las, uma vez que pelo Parecer CNE/CEB nº 16/99, que discute as diretrizes curriculares nacionais para a educação de nível técnico, e Indicação CEE nº 08/2000, tais competências deveriam

permitir ao cidadão-trabalhador enfrentar e responder a desafios profissionais esperados e inesperados, previsíveis e imprevisíveis, rotineiros ou inusitados, com criatividade, autonomia, ética e afetividade.

O conceito de competência fica claramente explicitado pelo art. 6º da Resolução CNE/CEB nº 04/99, que institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico, e pelo item 6.3 do Parecer CNE/CEB nº 16/99

competência profissional é a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação conhecimentos, habilidades e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz das atividades requeridas pela natureza do trabalho.

Já a questão de como desenvolvê-las pôde ser esclarecida por força do art. 7º do Parecer CNE/CEB nº 16/99, ao explicitar que os docentes que atuam na educação profissional devem estar preparados para desenvolver as competências profissionais, pois “quem ensina deve saber fazer, e quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar” e para isso “espera-se um exercício profissional competente”.

Para tanto além das competências profissionais específicas de sua área técnica, os profissionais devem possuir outros conhecimentos e atributos, tais como: conhecimento das filosofias e políticas da Educação Profissional; conhecimento e aplicação de diferentes formas de desenvolver a aprendizagem dos alunos numa perspectiva de autonomia, criatividade, consciência crítica e ética; flexibilidade com relação às mudanças, com a incorporação de inovações no campo do saber já conhecido; iniciativa para buscar o autodesenvolvimento, tendo

em vista o aprimoramento do trabalho; ousadia para questionar e propor ações; capacidade de monitorar desempenhos e buscar resultados; capacidade de trabalhar em equipes interdisciplinares.

Os novos conceitos da Educação Profissional, com foco na aprendizagem, apresentavam-se como um renovado desafio aos profissionais envolvidos no processo de transição, pois se tratava de uma mudança de valores na educação, que só podiam gerar frutos quando incorporados plenamente por todos os integrantes do processo de aprendizagem.

O papel reservado aos docentes de Educação Profissional, nesse contexto, ganhava uma nova dimensão, pois, de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 16/99:

Não se pode falar em desenvolvimento de competências em busca da polivalência e da identidade profissional se o mediador mais importante desse processo, o docente, não estiver adequadamente preparado para essa ação educativa.

Este cenário evidenciava a necessidade de desenvolvimento e formação do docente da educação profissional. Sua atuação seria a de um mediador do conhecimento, sendo criativo o bastante para contextualizar situações laborais com o objetivo de transformar os alunos, pouco a pouco, em agentes selecionadores de seus saberes. O novo modelo sugeria que a qualificação de uma pessoa fosse centrada menos no seu conjunto de conhecimentos e habilidades, mas principalmente em sua capacidade de agir, intervir, decidir em situações nem sempre previstas ou previsíveis. Essa capacidade implicaria a mobilização de competências adquiridas ou construídas mediante aprendizagem, no decurso da vida ativa, tanto em situações de trabalho como fora deste.

Era claro, portanto, que a ação efetiva do professor no processo de ensino aprendizagem tinha que mudar consideravelmente. Não mais bastava que o professor fosse conhecedor profundo de sua matéria. Sua ação de ensinar assumia a postura de um facilitador do conhecimento, alguém que participava no sentido de ajudar a transformar o conhecimento que detinha em conhecimento coletivo. Um mediador do processo ensino aprendizagem.

Para Varela (2007) é necessário se refletir sobre a importância e responsabilidade do mediador – professor, instrutor, educador, docente – que funciona como um elo entre o sujeito e o objeto, como filtro por meio do qual o sujeito é capaz de ver o mundo e operar sobre ele, assimilando-o, acomodando-o, organizando-o.

A autora afirma ainda que o mediador é uma figura humana que no processo de ensino aprendizagem, mesmo que por vezes não se dê conta, recorre ao seu conhecimento intelectual, ideológico, social e afetivo. O aluno, ao ter contato com um novo conceito, particulariza a informação, por meio de seu próprio repertório, constituído por seus conhecimentos prévios, por suas predisposições com relação ao conteúdo e ao próprio mediador.

Nesse contexto, minhas reflexões voltaram-se para esse docente da educação profissional de nível técnico, que tinha a prática profissional, era um especialista num determinado assunto e não um professor por formação, mas que exercia essa atividade, muitas vezes de forma alternativa.

Outra consideração relevante era quanto à formação inicial desse profissional que havia sido desenvolvida a partir de padrões de ensino de disciplinas estanques, entendido, sobretudo, como “transmissão de conhecimentos”, em que o professor é o “dono absoluto do saber”.

Ainda mais preocupante era o entendimento da efetiva ação do docente no desenvolvimento de competências no novo modelo proposto, em que o professor teria que conhecer a proposta curricular do curso, planejar e desenvolver em equipe o processo educacional, conduzir o grupo, sem envolvimento pessoal, porém, de modo integrado e significativo, e acima de tudo, ser o mediador da aprendizagem. Essa postura de mediador é que me inquietava e me incitava a descobrir qual era o entendimento desse professor sobre a mediação da aprendizagem.

No bojo desses acontecimentos, o Senac iniciou o trabalho de reestruturação de todos os planos de cursos oferecidos pela instituição, momento em que, cumprindo exigências da reforma educacional brasileira, as escolas precisaram se adequar ao novo modelo a fim de oferecer ensino baseado em competências.

A partir dessa experiência, uma nova visão profissional foi se delineando, o que contribuiu para meu interesse em temas específicos como, por exemplo, a formação de docentes; o contexto social, cultural e político em que essa formação se dá; sua atualização profissional; educação continuada, etc. Isso tudo me interessava muito.

Ao considerar os conceitos propostos pela nova realidade educacional e por ter tido oportunidade de viver esse momento de transição da educação profissional em função da proposta da legislação pertinente, interessei-me por identificar necessidades inerentes à formação de docentes do nível técnico, tendo em vista a preparação desses profissionais para ação educativa proposta valendo-me da mediação como elemento fundamental nesse processo, sob a ótica de um grupo de professores.

Pela primeira vez, no âmbito profissional eu parecia estar no caminho certo. Encontrava satisfação em realizar minhas atividades. Gostava daquele novo contexto que passou a fazer parte do meu dia-a-dia. Do movimento dos alunos, do contato com os professores, da análise dos conteúdos dos cursos, da escola como um todo.

Com tantas informações novas, situações nunca antes vivenciadas, problemas de alunos e professores, coordenação, enfim, um mundo de trabalho, encontrei a resposta para as indagações e reflexões sobre minha realização profissional: quero colaborar na construção de uma nova sociedade crítica, consciente, solidária, por meio de ações educacionais, focadas na prática educativa da Educação Profissional de nível técnico, contribuindo com a formação e educação continuada de professores.

### **1.3 As questões orientadoras e os objetivos da pesquisa**

A Resolução CNE/CEB nº 04/99 que institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico, estabelece que a Educação Profissional está dividida por áreas, totalizando vinte áreas profissionais.



Respondia, no Senac - na Unidade do Jabaquara - pela área de saúde ocupacional, que pertence à área profissional de saúde, e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento e atuação das Unidades do Senac em todo o Estado nesse segmento.

O curso técnico de maior importância da referida área é o Técnico de Segurança do Trabalho, sendo o segundo curso técnico mais procurado no Estado e desenvolvido em 38 das 40 Unidades do Senac na capital, Grande São Paulo e Interior do Estado.

A reestruturação desse Plano de Curso era urgente e importante para o Senac e foi no desenvolvimento desse trabalho que tive a oportunidade de conhecer melhor a nova legislação, suas implicações e conseqüências e pude ter contato com os professores que atuavam diretamente no curso. Por essa razão, para efeito dessa pesquisa, elegi o curso Técnico em Segurança do Trabalho.

Naquele momento de transição passei a me questionar sobre qual seria a real participação e o envolvimento de cada um de nós no período de implementação do novo modelo, e considerei que seria importante investigar o perfil do professor que encarou o desafio proposto tanto pela Constituição Federal quanto pela LDB, de situar a

Educação Profissional na convergência dos direitos do cidadão à educação e ao trabalho, educando para a cidadania consciente, crítica, participativa e responsável, desenvolvendo, sob uma visão interdisciplinar, competências que assegurem ao aluno um melhor desempenho no exercício de seu trabalho. (Lei nº 9394/96).

Ao professor, de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 16/99, estava também reservado o papel de desenvolver competências profissionais e ser um mediador do processo ensino aprendizagem

Nesse contexto, emergiram como questões de pesquisa: como o professor do ensino Técnico em Segurança do Trabalho do Senac São Paulo compreende o seu papel de mediador? Quais as dificuldades que encontra em seus trabalhos pedagógicos no que concerne à mediação docente?

No âmbito dos objetivos, assume-se analisar as concepções de professores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, na Unidade Jabaquara do Senac São Paulo, sobre a mediação docente, bem como identificar características de formação e trajetória profissional e discutir as experiências de mediação docente, seus limites e possibilidades na ótica dos professores.

#### **1.4 A Formação do docente no Senac**

O Senac São Paulo, preocupado com a questão da formação de seus professores, disponibiliza uma programação voltada exclusivamente para a capacitação de seus docentes, tendo como foco o desenvolvimento de competências.

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE - é formado por diversos módulos que contemplam temas ligados à proposta pedagógica do Senac e seus desdobramentos na sala de aula.

Trata-se de um curso de extensão universitária, destinado exclusivamente aos docentes do Senac. Os cursos equilibram aspectos conceituais e práticos e vão desde o planejamento das atividades até o uso de novas tecnologias e abordagens pedagógicas.

A etapa básica do PDE é composta por quatro módulos:

Módulo 1 - Qualidade na Educação – tem por objetivo propiciar um contato com os principais documentos educacionais utilizados no Senac de modo a permitir uma reflexão sobre a ação profissional do educador e a formação do aluno, na perspectiva da qualidade na educação. O trabalho iniciado nesse módulo será contínuo e acompanhará todo o programa.

Ao final deste módulo o participante estará apto a elaborar um plano de desenvolvimento profissional, articulando seus projetos pessoais de formação com programas existentes de educação continuada, a partir do reconhecimento de sua história de formação como educador/docente e dos princípios de qualidade na educação, sustentados nos valores sócio-humanistas.

Módulo 2 - Planejando para Desenvolver Competências – tem por objetivo planejar situações de aprendizagem sintonizadas com o contexto atual e com a legislação educacional

vigente, exigindo dos docentes uma postura diferenciada, na perspectiva do desenvolvimento das competências profissionais previstas nos planos de curso.

Ao final deste módulo o participante estará apto a planejar situações de aprendizagem que promovam o desenvolvimento de competências profissionais, mobilizando conceitos e princípios da legislação educacional vigente, valores subjacentes à autonomia operatória e habilidades de planejamento docente.

Módulo 3 - A Prática Pedagógica do Aprender a Aprender – tem por objetivo propiciar uma prática pedagógica centrada no aprender a aprender, que visa o desenvolvimento de competências profissionais condizentes com o mundo do trabalho marcado pelas rápidas transformações, considerando o docente como um verdadeiro mediador de situações que propiciem a formação de pessoas autônomas.

Ao final deste módulo o participante estará apto a explorar alternativas metodológicas que constituam uma prática pedagógica centrada no aprender a aprender e no desenvolvimento de competências profissionais, mobilizando conceitos e princípios das ciências da aprendizagem e valores subjacentes à autonomia operatória, aplicando-os em situações simuladas de mediação de aprendizagem.

Módulo 4 - Avaliação da Aprendizagem – tem por objetivo planejar a avaliação como uma prática a serviço da aprendizagem, num processo contínuo que permite o realinhamento constante do planejamento, na perspectiva do desenvolvimento das competências profissionais previstas nos Planos de Curso.

Ao final deste módulo o participante estará apto a selecionar e elaborar instrumentos e adotar procedimentos operatórios de avaliação, a partir da análise crítica do papel desta enquanto elemento de diagnóstico e regulação do processo de aprendizagem e de suas implicações para a organização dos conteúdos, métodos e técnicas de ensino.

Todos os docentes são convidados a participar desse programa. Infelizmente nem todos participam ou concluem a etapa básica.

## 2 MEDIAÇÃO – CONSTRUINDO UMA COMPREENSÃO

### 2.1 Adentrando nos sentidos de Mediação

Ao buscar o sentido etimológico da palavra mediação encontrei vários termos instigantes que reforçaram minha intenção de aprofundar os estudos sobre o tema.

Algumas das acepções encontradas no Dicionário Houaiss (2004) para a palavra mediação:

s.f. Ato ou efeito de mediar; ato de servir de **intermediário entre pessoas, grupos, partidos, facções, países, etc.**, a fim de **dirimir divergências** ou disputas; arbitragem, conciliação, **intervenção, intermédio**; dipl. Procedimento organizado de conciliação internacional; com. **Ato de agir como intermediário** entre comprador e vendedor; corretagem; **processo pelo qual o pensamento generaliza os dados apreendidos pelos sentidos**; fil. **Processo criativo mediante o qual se passa de um termo inicial a um termo final**; p.met. fil. **Aquilo que, como intermediário entre dois termos, responde pela produção de um deles**; psic. **Seqüência de elos intermediários** (estímulos e respostas) numa cadeia de ações, entre o estímulo inicial e a resposta verbal do final do circuito – **estímulo, resposta**. (Grifos meus).

Essas definições me induziram a pensar no ato de intermediar, estar no meio de alguém ou de alguma coisa, servir de instrumento de ligação entre dois ou mais extremos. Busquei então o significado filosófico de mediação, e acredito ter encontrado em Abbagnano (1999) o melhor caminho para a continuidade de minha pesquisa.

Uma das acepções para mediação, segundo Abbagnano: função que relaciona dois termos ou dois objetos em geral. Segundo a lógica, a mediação é indispensável em qualquer raciocínio.

Quando apenas a consideração de duas idéias não é suficiente para se julgar se o que se deve fazer é afirmar ou negar uma idéia com a outra, é preciso recorrer a uma terceira idéia, simples ou completa, e esta terceira idéia chama-se intermediária. (Arnauld, Log., III,1)

Locke dizia:

**As idéias intermediárias, que servem para demonstrar a concordância entre outras duas**, são chamadas de provas; quando, por esse meio, percebe-se com clareza ou evidência a concordância ou discordância, elas são chamadas de demonstração (Ensaio, IV, 2, 3). (Grifos meus).

No mesmo sentido, D'Alembert afirmava que

Toda a lógica se reduz a uma regra muito simples: para confrontar dois ou mais objetos distantes uns dos outros utilizamos objetos intermediários. O mesmo acontece quando queremos confrontar duas ou mais idéias; **"a arte do raciocínio nada mais é que o desenvolvimento desse princípio e as conseqüências dele resultantes"**. (Oeuvres, ed. Condorcet, 1853, p. 224). (Grifos meus).

No aprofundamento dos estudos sobre o tema fui em busca do entendimento da expressão mediação pedagógica e deparei-me com autores que traziam conceitos interessantes que instigavam ainda mais minhas reflexões sobre o tema.

Segundo Gutierrez e Prieto (1994), o conceito de mediação pedagógica tem o mesmo significado de auto-aprendizagem ou aprendizagem centrada no aluno.

Para esses autores a mediação pedagógica é uma forma de abordagem do processo ensino aprendizagem e tem sido defendida como capaz de provocar nos alunos maior motivação e aceleram a maturidade. Para esses autores a mediação pedagógica tem uma concepção oposta ao sistema tradicional de instrução baseada no ensino, na mera transmissão da informação. Tem seu início no tratamento de conteúdos e nas formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participativa, criativa, expressiva e relacional.

De acordo com Masetto (2000), a mediação pedagógica significa a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem. Como uma ponte móvel entre o aprendiz e sua aprendizagem que ativamente

contribui para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

Vasconcellos (1996) afirma que o professor provoca a compreensão dos conhecimentos pelo aluno – a aprendizagem – por meio de tarefas contínuas dos sujeitos do processo, produzindo e estabelecendo em parceria as atividades e ações necessárias para que os processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento sejam desencadeados pelos alunos e, também, pelo professor. Para esse autor, a mediação docente caracteriza-se como um processo intencional e planejado.

Nesse bojo, o papel a ser assumido pelo professor no processo é o de alguém que orienta, propõe situações de aprendizagem, intercede junto ao grupo de forma a favorecer o pensamento crítico, possibilitando que sejam construídas sínteses coletivas e individuais sobre um dado objeto de conhecimento. Projeta-se um trabalho docente que seja prospectivo em suas relações com os alunos

Dessa forma, nesta pesquisa, assumo mediação pedagógica ou mediação docente como o processo onde o professor organiza, provoca, desestrutura e acolhe as aprendizagens, de forma intencional, culturalmente condicionada, constituindo, assim, uma rede de interações e significações. Nesta compreensão estão presentes as inspirações da perspectiva teórica de Vygotsky.

## **2.2 Conhecendo pesquisas sobre Mediação**

### **2.2.1 Conceito clássico**

Com o intuito de alicerçar esta pesquisa com bases teóricas, recorri a um estudioso que tem o foco central de sua teoria na idéia de mediação – Lev Semenovich Vygotsky.

De acordo com Khol (2003), Souza, Depresbiteris e Machado (2004), para Vygotsky o homem é determinado por sua história, pelas condições socioculturais e econômicas de sua época, e elabora sua identidade a partir das relações de produção na qual está inserido. O ambiente é mais do que mera junção de pessoas ou relações: é uma série de estímulos capazes de

reforçar os comportamentos, devendo ser compreendido na interação social e em suas relações de produção. O homem, por sua vez, não é um ser passivo a esse ambiente e é também agente de transformação do seu tempo.

Essa teoria propõe uma explicação para o desenvolvimento cognitivo a partir da ação mediada, o que significa que todo ser humano está inserido em uma realidade sócio-histórica e que só adquire a condição humana se for mediado em sua relação com o mundo por instrumentos de sua cultura. Apenas a ação não pode mediar o ser humano em seu contato com o mundo real, porque entre eles existe o fator cultural que dá significado à ação e um sentido ao homem. O autor afirma, então, que a cultura tem a função de se interpor entre o sujeito e a realidade, dando ao primeiro o contorno humano.

Na visão de Vygotsky (1998), a interação dos homens com a realidade se processa nas e pelas relações sociais, que não se dão de maneira imediata e direta, mas de forma mediada. A interação social é uma mediação que introduz o aprendiz no significado do seu mundo, na sua cultura.

Para ele a mediação é feita pela linguagem, condição essencial para capacitar um aprendiz a representar mentalmente objetos, situações, fenômenos do mundo. Por meio da linguagem, o aprendiz pode lidar com sistemas simbólicos e chegar a abstrações e generalizações.

Para Vygotsky (1998), os sistemas simbólicos se interpõem entre o sujeito e o conhecimento e fundam-se no social. Encontra justificativa para isso na cultura, pois esta propicia ao ser humano a utilização dos sistemas simbólicos da representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permitem construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real.

O autor assume a linguagem como instrumento básico que permite as pessoas que entrem em contato com o objeto de conhecimento, possibilitando o próprio pensar, além de favorecer a abstração e a generalização.

Para ele a linguagem tem um papel fundamental na formação das características psicológicas humanas, pois é pela linguagem que os seres humanos podem designar os objetos do mundo e a qualidade das relações entre eles.

No decorrer de seus estudos, Vygotsky (1998), faz uma analogia entre a linguagem e os instrumentos de trabalho que os seres humanos foram criando ao longo dos tempos, e constata que é pelos instrumentos de trabalho que o homem lida com o meio. Quando inventou o arco, a flecha e os instrumentos cortantes, gerou formas de sobreviver e de transmitir sua cultura às futuras gerações, que foram aperfeiçoando os instrumentos existentes e criando outros.

O mesmo ocorreu com a linguagem, que foi se aperfeiçoando e se tornando o verdadeiro instrumento de mediação do indivíduo com o mundo. Além disso, a linguagem permite que as pessoas lidem com os objetos do mundo exterior, mesmo que esses elementos estejam ausentes. Pela linguagem os seres humanos incorporam conceitos. O significado da palavra constitui a unidade de pensamento e linguagem, sendo ao mesmo tempo um fenômeno verbal e intelectual.

Dessa forma, a ação da mediação para Vygotsky (1998), incide no que ele denominou zona de desenvolvimento proximal. Esse conceito indica a distância entre o nível de desenvolvimento real, que pode ser determinado pelo modo como o aprendiz resolve sozinho determinado problema, e o nível de desenvolvimento potencial, que permite determinar a maneira como ele resolve o mesmo problema quando é mediado por outro ou em colaboração com colegas mais adiantados.

Ele considera que a aprendizagem é determinada pela relação entre o sujeito com outros sujeitos e com o seu contexto. O aprendizado não ocorre de forma isolada. Assim, a intervenção intencional de um professor no aprendizado é fundamental para o processo de desenvolvimento do aprendiz.

Outro autor que a literatura nos apresenta na discussão do tema mediação é Reuven Feuerstein. Estudioso influenciado por Vygotsky e Piaget, cuja teoria tem como premissa básica que a inteligência sempre pode ser desenvolvida e considera fundamental prover as pessoas de



ferramentas cognitivas que lhes possibilitem sentir-se como parte de um processo de transformação que nunca pára. Sua teoria tem como base o conceito da modificabilidade cognitiva.

Segundo Souza, Depresbiteris e Machado (2004), para, Feuerstein o comportamento é considerado decorrente da reação do indivíduo a certos estímulos internos e externos, mais do que de uma inteligência fixa. Sua teoria reconhece a interdependência existente entre fatores cognitivos e afetivos e a forte ligação desses dois fatores para a determinação do comportamento humano.

As autoras afirmam que Feuerstein considera a cognição como fundamental para que ocorra a modificabilidade – mudança estrutural que se processa na mente de uma pessoa – e, portanto, o ponto de partida eficaz para a mediação.

### **2.2.2 Produções acadêmicas sobre o tema Mediação**

Na procura de subsídios teóricos para a presente pesquisa, empreendi um levantamento das produções acadêmicas realizadas no período de 1997 a 2005 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Neste levantamento foram identificadas 15 dissertações e teses, selecionando-se 11 que privilegiavam a abordagem da mediação no campo da educação.

No estudo dessas pesquisas foi possível identificar como ponto de convergência o fato de que apresentam como fundamentação teórica do conceito de mediação os autores Vygotsky e Feuerstein.

O estudo de Ros (1997) se pautou nas interações humanas, qualificadas como aquelas dirigidas a experiências mediadas de aprendizagem e intencionalmente voltadas à re-significação da própria deficiência. A autora utilizou como referencial teórico Reuven Feuerstein. Para esse autor a relação do homem com o mundo é sempre uma relação mediada por signos culturais. Entende como experiências de aprendizagem mediada aquelas intencionalmente voltadas à apreensão de tais signos, em interações culturais configuradas, que se efetiva o desenvolvimento humano.

A relação sujeito/cultura demanda um processo constante de modificabilidade. A autora utiliza a expressão “modificabilidade cognitiva” associada à palavra “estrutural”, pois entende um todo relacional composto pelo sujeito e sua cultura. Esta interação não é algo que possa ser definido a priori, pois supõe um encontro de sujeitos que trazem consigo as marcas de uma cultura e de um tempo histórico.

Neste processo a ênfase não está colocada nem no ambiente, nem no sujeito isolado, mas sim nas interações que ocorrem entre os sujeitos. A educação requer uma pedagogia que considere o desenvolvimento da modificabilidade que lhes permite estar abertos a apreender o novo que se mostra nos avanços tecnológicos e nas diferentes formas de comunicação que organizam o viver dos homens. O importante é utilizar a experiência de cada um para se modificar a vida das pessoas de forma contínua. As interações que trazem em si esta possibilidade ocorrem, de acordo com Feuerstein, pela Transmissão Cultural e pelas Experiências de Aprendizagem Mediada.

Entretanto, não basta ao sujeito estar exposto a um ambiente rico em termos conceituais, pois isto não garante a apropriação nem dos conceitos e nem dos instrumentos ou dos processos cognitivos envolvidos em sua produção, até porque a realidade é contraditória e nem sempre se mostra de forma direta.

Assim, o processo de mediação é definido a partir da compreensão da relação dinâmica entre o homem, a cultura e seu movimento e isto supõe a reorganização e a re-significação desta relação.

O processo de mediação se dá de forma interativa. Porém, dois aspectos devem ser considerados: um relacionado a um fator explicativo e outro a um fator aplicativo. O primeiro ressalta a relação do homem com o mundo, mediada pela cultura. O segundo refere-se a um fator prático ou aplicativo, que se desenvolve a partir de uma interação qualificada.

Para Ros, as interações mediadoras potenciais se caracterizam a partir dos critérios ou

categorias de mediação. Dentre eles destacam-se: intencionalidade/reciprocidade; transcendência; significado; autocontrole ou auto-regulação; compartilhar; individualização ou diferenciação psicológica; busca e planejamento (de objetivos); complexidade; identidade com a cultura e com o sujeito em processo de transformação constante.

A interação se enriquece pela atenção incondicional à comunicação, onde o mediador explicita sua deliberada e consciente intenção de trabalhar com o desenvolvimento potencial do aluno. A relação educacional assegura uma participação ativa do aluno em seu processo de transformação. O mediador se depara com uma nova possibilidade de interação, firmando um compromisso com o vir a ser, com as possibilidades disponíveis e não com os limites encontrados.

Como resultado dessa intencionalidade surge o sentimento de reciprocidade por parte do aluno. Há o enriquecimento da relação na proposta de mudança no plano cognitivo e afetivo. Isso significa trabalhar com novas motivações a partir de um novo significado de sua individualidade e da realidade social em que vive. Professor-mediador e aluno se envolvem na perspectiva da transformação.

O professor, na condição de mediador, assume o compromisso não só de socializar a informação, como de disponibilizar os processos cognitivos socialmente produzidos. Ao identificar os processos inerentes à conduta intelectual e decorrentes do conteúdo estudado, ele raciocina junto com o aluno e com ele aprende. A autonomia e a independência na diferenciação das respostas e estratégias mentais devem ser respeitadas e valorizadas na mediação do professor e dos alunos entre si.

A pesquisa de Neves (1997), pretendeu ser uma contribuição para os estudos sobre a consciência numa perspectiva sócio-histórica, partindo da teoria que entende o homem como histórica e socialmente construído e, por conseguinte, a mediação foi eleita como categoria analítica.

A autora assumiu como ponto de partida as palavras/signos, no processo de significação apresentado pelos professores, no espaço de intersubjetividade surgido no decorrer da pesquisa, e lançou mão da mediação para compreender o significado das palavras e encontrar as respostas às questões sobre a relação entre o pensamento e a fala. A autora assumiu como referencial teórico Lev Vygotsky.

A grande preocupação da autora está relacionada à formação de professores. Ela enaltece a necessidade de se abandonar concepções que entendem a formação do professor como sinônimo de ministrar altas doses de teoria que, por simples atos de transferência, seriam aplicadas à prática. Para isso devem ser criados espaços que se tornem lugares de encontro, de aliança, de negação e construção de novas formas de significar a realidade cotidiana: monótona, repetitiva, emudecedora, mas rica em contradições, na qual o professor pode constituir-se enquanto indivíduo saudável ao encontrar o significado e a especificidade de seu trabalho.

O processo de construção das significações e ações dos professores teve momentos de forte tensão entre transformação e permanência, vontade de participar e medo/insegurança. Constatou-se que as tensões traziam diferentes conseqüências em termos de movimento de consciência, e que se em alguns momentos se traduzia em resistência, em outros se percebia a superação de conceitos e formas de agir, o que indicou um processo de transformação.

A análise do grupo mostrou a importância de um coordenador que instigue, dê subsídios para a reflexão teórico-prática, compreenda o professor e a escola como pertencentes a uma totalidade maior e possibilite o salto em direção a uma nova forma de apreender e significar a realidade. Um coordenador que consiga trabalhar sobre as tensões e conflitos das relações humanas não os camuflando, mas criando as possibilidades para que o professor, a partir da apropriação de sua história e de suas determinações, possa transformar as maneiras de re-significar a si mesmo e a realidade que o cerca.

Sob essa ótica o cotidiano se tornaria um lugar onde um novo sujeito pudesse surgir, através de uma prática nova. Assim, a mediação é vista como processo. É a própria relação na qual um não existe sem o outro, mas cada um se constitui pelo outro, sem se diluir nele.

Um terceiro estudo é o trabalho de Justina (2001), que se fundamenta e se consolida a partir da síntese teórica elaborada sobre três tópicos: cooperação, mediação pedagógica e interdisciplinaridade. O resultado permite analisar as relações existentes entre alunos, professores e conhecimentos, desenvolvidas num laboratório de informática numa escola de ensino público municipal de São Paulo.

No tocante à mediação pedagógica, identifica-se que esta foi definida no estudo, a partir das intervenções realizadas na construção do conhecimento por professores e alunos dentro do laboratório de informática da escola acima referida, e considera que fazer a mediação pedagógica não é só intervir entre conhecimento e aprendiz. É muito mais intervir entre aprendiz e a sua aprendizagem.

Diante desta idéia, todo o professor deveria ser um mediador pedagógico por excelência. Mas na realidade o que acontece nas escolas são intervenções que não podem ser caracterizadas como a mediação pedagógica almejada: aquela que leva o aprendiz a alcançar os seus objetivos, e não os do professor.

O autor entende que uma intervenção bem sucedida pode ser considerada como mediação pedagógica de qualidade apenas se as informações ou os meios utilizados no processo ensino/aprendizagem tiverem significado para o aluno, forem ao encontro das expectativas dele.

Para que o professor seja um bom mediador é necessário que exista uma sintonia entre os desejos interiores do professor e os desejos interiores dos alunos, ou ainda, que ocorra uma transferência de energia entre ambos. Nesse raciocínio os desejos do aluno influenciam os do professor e são também influenciados pelos desejos do professor. A sinergia que ocorre na busca de um objetivo comum (neste caso, a aprendizagem dos envolvidos) é que faz com que as intervenções do professor tornem-se mediações pedagógicas de fato.

Um fator preponderante para que exista a mediação pedagógica é o diálogo que deve ser flexível, reflexivo, que estimule a cooperação e a curiosidade do grupo, aumentando, assim, o

desejo do aluno em analisar continuamente as causas e as possíveis soluções dos problemas, já que seu interesse foi despertado. Isto só é possível se houver a interação entre educador e educando, momento em que ambos aprendem. Neste aprender mútuo, professor e aluno tornam-se sujeitos, e o conhecimento torna-se mais um meio do que um fim.

Para este autor, a mediação pedagógica ocorre entre o aprendiz e a sua aprendizagem.

A pesquisa de Bertoni (2002) é fundamentada nos estudos de Vygotsky e considera sua abordagem sobre o jogo infantil, na qual afirma que ele não promove necessariamente o prazer, pois existem muitas outras atividades que dão maior prazer à criança do que o jogo. O prazer só advém se a criança obtiver deles um resultado positivo. Além disso, Bertoni considera que o jogo vai além do brincar, uma vez que possui como características definidoras não só a imaginação e o mundo imaginário, mas também regras que direcionam o comportamento do indivíduo.

Entende-se, assim, o jogo infantil definido pelo surgimento de um mundo imaginário, pela imitação e pelas regras. Seguindo essa linha, numa situação fictícia há sempre um aspecto de criação e de imitação, visto que o indivíduo nunca parte do zero, mas sim de algo já criado, combinando-o de forma nova suas diferentes experiências. Nesta ação, os objetos/ações dos outros adquirem um novo sentido e são re-significados, de modo que a ação passa a ser função da significação que a criança dá a esses objetos e situações.

Nesta perspectiva, a mediação do outro é fundamental para o desenvolvimento cultural do indivíduo e passa por três momentos: o desenvolvimento em si, marcado pelas possibilidades biológicas da espécie; o desenvolvimento para os outros, e isso significa dizer que determinado objeto, ação ou situação adquire significação para os outros; e o desenvolvimento para si, o que equivale dizer que a significação atribuída pelo outro a determinado objeto, ação ou situação, torna-se significativa para mim.

Em situações de jogo, a interação social entre as crianças e o professor atua sobre o desenvolvimento cognitivo, promovendo-o. De tais colocações depreende-se que o outro é de suma importância para o desenvolvimento de cada membro da cultura. Cabe à escola e, em

especial, ao professor, priorizar as interações aluno/aluno, aluno/professor, utilizando-se de estratégias que as facilitem, visando promover tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento. Faz-se necessário auxiliar a articulação dos conceitos cotidianos das crianças, enaltecendo suas próprias experiências, com conceitos científicos, construídos por mediação social, pela ação sistemática e intencional de pessoas mais experientes.

Um quinto estudo foi realizado por Tavares-Silva (2003), buscou fundamentos teóricos para suas reflexões na interação e construção do conhecimento, no conceito de zona de desenvolvimento proximal proposto por Vygotsky, no significado do ato de aprender para responder aos deságios atuais e como saber conciliar os aspectos afetivos e cognitivos no processo de construção do conhecimento.

Tavares-Silva avalia a mediação pedagógica em ambientes virtuais e afirma que se trata de uma nova forma de diálogo que também permite a interação entre os participantes no processo de construção do conhecimento. A análise das interações no decorrer do curso pesquisado demonstrou que o ambiente virtual é adequado à aprendizagem e ao trabalho cooperativo, além de oferecer uma boa solução coletiva e cooperativa de problemas.

Nesta perspectiva, coube ao professor – mediador do curso – enfatizar o modelo pedagógico de trabalhar para que o participante aprendesse a conduzir a sua aprendizagem, aprendesse a buscar, aprendesse a pensar e aprendesse a conviver em grupo. Contudo, é indispensável que o mediador assuma uma postura de igualdade com os demais participantes do grupo – e não como o único detentor do conhecimento – pois todos detêm conhecimentos específicos, diferenciados e relevantes, e todos, em igual medida, têm acesso a novas informações.

A autora destaca que a postura a ser assumida pelo professor é fundamental para que ocorra uma boa mediação. Suas atribuições: ser especialista da matéria; ser animador; manter-se flexível para criar e re-criar; refletir sobre sua prática e recriar estratégias na ânsia de ajudar o aprendiz em seu aprendizado; reforçar sua intencionalidade; permitir que o centro das interações

seja o aluno; esclarecer a divisão de responsabilidades entre mediador e aprendiz; alimentar a interatividade do grupo.

Mouallem (2004) assumiu como objetivo, em sua pesquisa, encontrar possibilidades para a mediação de um educador não-docente no processo educativo do cotidiano escolar. Considerando referenciais da teoria crítica da educação e da contribuição da sociologia também crítica da educação, a análise do cotidiano escolar e das resistências é privilegiada, já que parte da prática do educador não-docente como mediador junto com o professor e o aluno; com o aluno, o espaço e o tempo escolar; com o aluno e o currículo; e ao construir como referencial de reflexão as categorias: diálogo, participação e trabalho coletivo.

A autora analisa a participação no cotidiano escolar do educador não-docente, como agente mediador nos processos de ensinar e aprender, considerando as resistências apresentadas pelos alunos, no sentido de contribuir para o estreitamento da relação professor/aluno e para a construção na escola de espaços e tempos significativos para os agentes nela inseridos.

Ela assume a mediação do educador como interventor na aprendizagem. Pauta a mediação realizando ações que dêem oportunidade de reflexão a todos os envolvidos nas questões sobre o conteúdo das situações de resistência; no que elas tinham de discriminatório e, conseqüentemente, na negação do outro, e ainda em que medida estas discriminações podem afetar a prática curricular no cotidiano daquela escola.

Dessa forma, a postura do educador como mediador baseia seus fundamentos nos objetivos voltados à construção de uma educação ético-crítica e de um processo educativo integral, transformando, dentro das possibilidades, a realidade na qual estão inseridos. Isto fortalece a relação baseada em diálogo, entre o educador e o educando, trabalhando no sentido da transformação da consciência ingênua e crítica (Freire, 98).

Costa (2004) ao investigar a formação de professores de matemática, focaliza



privilegiadamente a mediação da aprendizagem. Considera que a teoria sócio-interacionista de Vygotsky, que caracteriza as relações entre o homem e o mundo e entre os próprios homens, ocorre por meio dos instrumentos físicos e dos signos. Os instrumentos auxiliam as ações sobre os objetos, e os signos – também chamados de instrumentos psicológicos – auxiliam as atividades psíquicas. Para Vygotsky, o homem transforma o meio e é por ele transformado, e a aprendizagem é que determina o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, aprendizado e desenvolvimento são interligados e ocorrem graças às interações com o meio.

A mediação é entendida como o processo de intervenção de um agente intermediário, de forma que a relação entre o sujeito e o objeto deixa de ser direta. As interações são estabelecidas entre pessoas com diferentes níveis de experiência. O professor, os outros alunos e os instrumentos são tanto mais eficientes quanto mais próximos agirem da zona de desenvolvimento proximal (distância entre o nível de resolução de um problema que uma pessoa pode alcançar independentemente e o nível que pode alcançar com a ajuda de uma outra pessoa (mediador) mais competente ou mais experiente) do aprendiz.

Nesse estudo, a autora assumiu que a mediação pedagógica significa tanto a forma de apresentar e tratar um conteúdo quanto a postura de quem o apresenta. Inclui o modo de se estabelecer o relacionamento entre os alunos e liga a atitude e o comportamento do professor que se coloca como interlocutor, incentivador ou motivador do aluno para o aprendizado.

Nessa perspectiva, entende a mediação pedagógica como um processo que inclui tanto o professor quanto o aluno, além dos instrumentos e dos materiais diversos usados para estabelecer a comunicação. O professor, como mediador, deve estar centrado prioritariamente na aprendizagem e deve empreender ações em parceria com os estudantes. É evidente que desenvolvem papéis distintos. O professor deve ter profundo conhecimento do conteúdo para apresentar contribuições, mas ele pode também atuar como pesquisador nos assuntos envolvidos na atividade.

Para exercer a mediação da aprendizagem é necessário que o professor e o aluno desenvolvam novas atitudes. O professor abandona aquela postura de dono absoluto do saber e o

aluno precisa ser um aprendiz ativo e participante. Um aspecto importante na mediação é o diálogo, porém deve-se sempre considerar as necessidades momentâneas do mediado, trocar experiências, debater dúvidas, lançar questões norteadoras, desencadear e incentivar reflexões, propor desafios.

O significado e o propósito da mediação estão no fluxo das interações, nas conversações que se estabelecem e nos processos reflexivos que se desenvolvem no diálogo. O mediador usa o processo reflexivo para identificar o que ocorre consigo mesmo e com o outro para enriquecer a sua prática pedagógica aprimorando a qualidade do diálogo. Isto mostra que o sucesso da mediação pedagógica liga-se à qualidade das interações no decurso do processo comunicacional, nas quais o professor pode refletir sobre sua prática e adaptá-la às necessidades do mediado.

Para a autora, a mediação e a interação estão profundamente ligadas e a mediação ocorre a partir das interações entre os elementos envolvidos no processo de aprendizagem. Para que as interações aconteçam é necessária uma estrutura flexível e recursiva que favoreça o processo de reconstrução e re-significação da realidade.

Mori (2004) discute o conceito de mediação a partir de aspectos como a afetividade, a aquisição de conceitos e a inovação da educação com a chegada dos avanços tecnológicos na reconfiguração social. Para isso há o resgate da concepção do processo de ensino-aprendizagem de Vygotsky, que situa a aprendizagem na interação do homem com o ambiente social por meio da linguagem.

A autora faz uma reflexão do processo de mediação pedagógica pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs -, por um canal epistemológico centrado na compreensão do processo educativo pela formação cognitiva, social e emocional do educando, a partir das relações socialmente estabelecidas e mediadas pelos signos culturais.

Portanto, para a autora, faz parte do trabalho do educador articular diferentes estratégias para propiciar o desequilíbrio epistemológico entre os saberes já adquiridos e as novas

informações, permitindo, assim, a re-construção do conhecimento. Neste sentido, mais do que a relação estabelecida entre professor-aluno, a chamada mediação pedagógica é a intervenção, a interação do professor no processo de ensino-aprendizagem, que visa promover a aprendizagem.

A participação pedagógica deve promover o envolvimento, a participação, o respeito, a interaprendizagem, além do amadurecimento intelectual, epistemológico e emocional do educando, uma vez que propicia a aquisição e a significação de novos conceitos no desenvolvimento das capacidades formadoras, individuais e coletivas do sujeito.

A mediação pedagógica considera as características pessoais do professor, os saberes docentes, a metodologia das aulas, as técnicas e estratégias empregadas, a intencionalidade político-pedagógica e a proposta curricular da escola, além da qualidade afetiva do relacionamento estabelecido.

A mediação pedagógica só pode acontecer baseada em uma relação de afetividade, uma vez que, para haver aprendizagem, é preciso haver interesse, motivação, curiosidade, prazer pela construção do conhecimento por parte do aluno. O professor é a figura do motivador, do incentivador da aprendizagem, do desequilibrador, do problematizador, que impulsiona o aluno a construir seu próprio conhecimento.

Da análise feita, têm-se como resultado diferentes situações de mediação pedagógica com o uso das TICs e a indicação de que é possível ampliar o leque de situações de aprendizagem e inovações educacionais a partir da apropriação delas pelo professor.

A autora assume que mediação pedagógica pode ser entendida como o relacionamento social estabelecido entre o professor e o aluno, qualificado na intencionalidade do professor em promover o desenvolvimento epistemológico, emocional e social do aluno, para que haja uma relação dialógica e afetiva, de co-construção e interação, sustentada pela intenção do professor de que o aluno aprenda e pelo interesse do aluno em aprender.

Bello (2004) centra seu estudo nas relações existentes entre interação, mediação e trabalho colaborativo, compreendendo a utilização de estratégias específicas de mediação pedagógica segundo as idéias de Masetto, Belloni e Valente e nas teorias de Vygotsky.

A autora afirma que são muitas as possibilidades que as novas tecnologias digitais trazem para a Educação e podem colaborar para a criação de novos espaços de aprendizagem favorecendo o desenvolvimento de processos de construção do conhecimento, a ampliação de contextos, o pensamento reflexivo e a consciência crítica.

Acaba o modelo onde o professor centraliza o processo de transmissão de informações de um determinado saber e o aluno é simplesmente um receptor. Na verdade, o conceito de ensinar está mais diretamente ligado às ações do professor e o conceito de aprender centra-se no sujeito aprendiz. Aprender é uma ação realizada pelo aluno e envolve pesquisa, diálogo, debate, reflexão crítica e busca de informações.

No processo de aprendizagem o aluno desenvolve competências pessoais e muda comportamentos, transfere aprendizagens, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, integra conceitos teóricos com realidades práticas, relaciona e contextualiza experiências envolvendo a si próprio, os outros colegas e o professor.

Nesse processo o professor tem a oportunidade de ser o “mediador entre o aluno e sua aprendizagem, o facilitador, o incentivador e o motivador dessa aprendizagem”. Assim, o professor, além de ser um agente que ensina é também o agente que estimula o aluno a aprender, mediando a relação entre o aluno e o saber.

A interação humana se relaciona à construção de conhecimento e do meio, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo enquanto sujeito a partir das interações que mantém com o ambiente físico-social, compreendendo o ambiente histórico. O indivíduo aprende e se desenvolve nas interações que estabelece com outras pessoas. No contexto educacional, o aluno, embora sujeito ativo em seu processo de aprendizagem, não prescinde do grupo para transformar seu desenvolvimento potencial em desenvolvimento real, cabendo ao professor,

entendido como alguém mais experiente e/ou com mais conhecimento, intervir para promover interações (trocas) efetivas entre os alunos, o que contribui para o desenvolvimento individual de cada um.

Nesta perspectiva, ensinar está além da transmissão de informações, pois implica levar o aluno a pensar, a acessar informações e apropriar-se de conceitos elaborados de forma que possa desenvolver essa prática para além de sua permanência na escola.

O formador que se propõe a ser mediador pedagógico terá que desenvolver algumas habilidades no processo de construção do conhecimento, assumindo que o aprendiz é o centro desse processo e que o processo ocorre em função dele. O professor passa a ser um companheiro do aluno no processo de aprendizagem, num contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Exercer o papel de mediador pedagógico exige do professor uma postura de ensino voltada para a aprendizagem. Suas ações organizam as interações do aluno com o meio, problematizando as situações para desafiar e estimulá-lo a construir o seu conhecimento.

A décima pesquisa identificada foi realizada por Fernandes (2004), partiu da hipótese de que os aprendizes cegos têm o mesmo potencial que os videntes para apropriar-se de noções de conceitos matemáticos, desde que seu acesso seja viabilizado por instrumentos que substituam o olho.

Para a autora, as informações chegam aos deficientes visuais mediadas por dois canais principais: a linguagem – pois ouvem e falam – e a exploração tátil. Um dos principais fatores que envolvem uma situação de aprendizagem é a intervenção do outro, capaz de estabelecer situações interativas com os sujeitos envolvidos numa situação de aprendizagem com a finalidade de favorecer o planejamento e a regulação das atividades de aprendizagem por meio de sistemas de mediação.

A autora define o ambiente onde acontece um processo de instrução como o espaço onde se desenvolve o processo de ensino-aprendizagem de um determinado grupo de aprendizes, sendo

esse processo, basicamente, uma relação de comunicação entre o instrutor e os aprendizes, e destes últimos entre si – chamados por Fernandes de “diálogos”.

O enfoque da pesquisa de Alves (2005) está centrado na necessidade do próprio educador olhar para si mesmo e para suas experiências e na forma como elas interferem na relação entre o professor e o aluno.

Sua plataforma de base é o ambiente virtual, entendendo a Educação a Distância como uma possibilidade de transgredir o modelo conservador de educação, buscando formas inovadoras de desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a autora afirma claramente que a mediação pedagógica deve adotar a mesma postura assumida em espaços presenciais da educação tradicional: considerar os conhecimentos cognitivos dos professores e dos alunos, as relações interpessoais e a interatividade.

A autora considera imprescindível a interação entre o aluno e o formador para que nenhum deles se sinta desvinculado, solitário. O caminho a ser percorrido deve ser partilhado, comprometido e participante.

Ela aponta a importância da necessidade de existir no professor a vontade interior e inteira de interagir com o outro, de estar com o outro, o que pressupõe uma mudança da “relação entre um a todos para uma relação de todos a todos”. Nessa perspectiva, o professor passa a ser um “parceiro de estudo”. Valoriza a linguagem, já que entende que a emoção dos sujeitos é retratada pela explicitação de como o sujeito articula emoção e razão, de como a racionalidade negocia com a irracionalidade.

Com este mecanismo cria-se uma rede sem término, pois, ao se conviver com a diferença, ao se buscar as convergências e ao se respeitar as singularidades, o aluno se sente estimulado a querer saber mais e mais, construindo assim seu conhecimento. O professor, neste contexto, passa a ser um parceiro e não só “um transmissor de informações desnecessárias, desmotivadoras, de alguma forma bastante previsíveis e não está mais provido da sensação de que é necessário

homogeneizar o que é essencialmente heterogêneo”.

Na mediação pedagógica é importante o formador perceber que: as experiências pessoais de cada um afloram (inclusive as dele próprio); há que se desenvolver a habilidade de gerenciamento de conflitos, transformando-os em solução; reconhecer a importância de haver estratégias que evitem a desmotivação; ter cuidado especial com o outro, de tal forma que seu pensar seja fundamental como medida para seu crescimento e interagir com o grupo para que passe a existir o sentimento de pertencimento, de participação.

Neste cenário, a mediação pedagógica surge com uma característica forte de parceria, de união, de troca, de humildade, de se mostrar aberto para novas vivências, cujo resultado será a construção do aprendizado, não só do aluno, como também poderá ser do professor, pois cada experiência é única e para aprender é necessário fazer, compreender esse fazer, analisá-lo, criticá-lo e, portanto, viver o processo como integrante do grupo.

Cabe ao professor enxergar que, nesse processo, solidariamente com os seus alunos, ele se transforma num aliado, buscando novas alternativas e soluções, que sua intervenção é a resposta para uma pergunta ou a uma nova instigação para o grupo, que ele deve possibilitar situações que apontem para transformações e não reproduzir simplesmente modelos já existentes, mas sim superá-los sendo o “grande cúmplice do processo de aprendizagem de seus alunos”.

A relevância de uma mediação compromissada com o ser humano dotado de limitações, anseios e desejos é permitir que o outro se nivele, se coloque enquanto o formador permanece em uma escuta sensível. Portanto, numa mediação significativa há a preocupação de sempre se manter o compromisso com o outro e estar aberto para novas situações de aprendizagem.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 O contexto da pesquisa

O Senac São Paulo assume, em meados de 2000, um novo e grande desafio: a adaptação dos cursos técnicos à nova legislação educacional, traduzida na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996). Termos como “desenvolver competências”, “formar para o mundo do trabalho”, “interdisciplinaridade”, começam a ficar cada vez mais frequentes e o Senac São Paulo passa por uma grande reformulação.

O Senac São Paulo assume o compromisso de iniciar o ano de 2001 com todos os currículos formativos construídos de acordo com o perfil profissional das diversas habilitações, aproveitando-se, portanto, da flexibilidade oferecida dentro da nova proposta, atribuindo a seus cursos um grande diferencial: torná-los cada vez mais competitivos e diversificados, estruturando planos de cursos contextualizados com a realidade do mundo do trabalho.

Considerava-se que a contextualização deveria acontecer no próprio processo de aprendizagem, valorizando sempre a relação entre os eixos temáticos e os contextos abordados, para a eles agregar um significado, garantindo assim metodologias que favorecessem e propiciassem a integração da vivência à prática profissional.

Os planos de cursos foram reformulados considerando-se os referenciais curriculares para a educação profissional de nível médio e foram divididos em módulos de formação básica - necessário para o desenvolvimento de competências profissionais - e de módulos complementares que desenvolvem e ampliam as competências inerentes não apenas à profissão, mas também ao processo de aprender a aprender.

Cada módulo deve ser entendido como um conjunto de ações didático-pedagógicas sistematizadas para o desenvolvimento de competências significativas que permitam ao aluno a aquisição de algum tipo de formação.



Em 2000 o Senac contava com Unidades Especializadas que respondiam por áreas de negócios específicos, o que as levou a uma reestruturação para tornar realidade o que até então era uma proposta.

O Senac Jabaquara era naquela ocasião uma dessas Unidades Especializadas e chamava-se de Centro de Educação Ambiental. Respondia pelas áreas especializadas de Meio Ambiente e Saúde Ocupacional.

Como já dito anteriormente, eu era a responsável pelo desenvolvimento da área de Saúde Ocupacional em nível estadual e coube a mim o desafio de elaborar e implementar o novo plano de curso proposto para o curso técnico em segurança do trabalho – área profissional Saúde.

Para o desenvolvimento desse trabalho foi necessário um processo de reflexão e amadurecimento das mudanças propostas pela nova legislação tendo em vista o perfil profissional do técnico de segurança do trabalho. Esse processo contou com a colaboração dos docentes do referido curso e teve como resultado a reformulação do plano de curso com o currículo organizado por competências gerais e específicas e carga horária condizente, de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 04/99, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico.

A participação de todos teve uma importância fundamental no processo de construção coletiva do plano de curso, que tinha a ousada proposta de formar um cidadão capaz de trabalhar em equipes, prevenir e proteger os trabalhadores contra riscos, utilizar novas tecnologias, promover atitudes conscientes e inovadoras para o trabalho salubre, propor medidas preventivas que contribuíssem para a redução das perdas humanas, das perdas por danos à propriedade, ao meio ambiente e ao processo produtivo, evitando doenças profissionais, acidentes do trabalho, afastamento por invalidez, morte por acidente de trabalho, além de possibilitar o uso de recursos e de programas de segurança, dinâmicos e integrais.

A metodologia proposta pela LDB nos propiciava trabalhar com currículos flexíveis. Essa

flexibilidade nos permitiu desenvolver vários conteúdos (ou eixos temáticos) de forma que os diferentes estudos abordados tivessem uma interligação, se complementassem e se integrassem.

De acordo com o Parecer CNE/CEB nº 16/99, a organização curricular flexível traz em sua raiz a interdisciplinaridade, na medida em que permite a busca de formas integradoras de tratamento de estudos de diferentes campos, orientados para as competências que se deseja desenvolver.

Em 2000 iniciou-se a elaboração de um novo plano de curso do técnico em segurança do trabalho. Considerando-se as competências a serem desenvolvidas o plano de trabalho foi sugerido a partir de uma estratégia que contemplava a problematização, o desenvolvimento e a sistematização (Alonso, 2000) de uma situação real, tendo como princípio as bases tecnológicas que deveriam ser trabalhadas para se alcançar a meta estabelecida previamente.

Em abril de 2001 teve início a primeira turma do curso técnico em segurança do trabalho sob a égide da nova proposta. Tinha-se claro que seria necessário esclarecer aos novos alunos que o curso que se iniciava teria uma característica diferente de todas as outras turmas já realizadas. Estava-se, na verdade, marcando um momento histórico, pois a partir dali os alunos passariam a ter um curso cujo diferencial seria torná-los cidadãos conscientes, críticos, capazes e preparados para um mercado de trabalho em plena evolução e extremamente competitivo.

Para o reconhecimento das mudanças foi importante mostrar aos alunos um breve comparativo entre a Lei nº 5692/71 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional e do Ensino de 1º e 2º Graus e suas regulamentações – legislação educacional anterior, e a legislação educacional atual – Lei nº 9394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional e suas regulamentações - e destacar as principais diferenças, no que se refere à educação profissional de nível técnico em caráter nacional.

A realidade anterior (Lei nº 5692/71) impunha algumas situações como:

- professor ensinando e aluno aprendendo; o professor era o “dono do saber”;

- cursos técnicos vinculados ao ensino de 2º Grau;
- grade curricular formada por matérias, disciplinas e carga horária obrigatórias;
- conteúdos obrigatórios e iguais para todos;
- estágio profissional supervisionado, com carga horária pré-fixada;
- a escola planejava ou não seu trabalho.

Considerando a nova realidade (Lei nº 9394/96) as situações vividas eram inovadoras e desconhecidas:

- o professor era um mediador do conhecimento. Ele apresenta desafios, questiona, problematiza, mostra caminhos, acompanha e estimula. O aluno pensa, opera, investiga, pesquisa, estuda, resolve problemas e constrói seu conhecimento;
- plano de curso de livre escolha das instituições, atendendo às necessidades do mercado de trabalho para facilitar o ingresso dos alunos;
- adoção de um sistema interdisciplinar. Fim da dissociação entre teoria e prática;
- fim da disciplina ou do conteúdo desvinculado de um significado;
- avaliação por competência com ênfase na aprendizagem e, no final do processo, avaliação pelo grupo de professores;
- organização curricular por módulos, etapas, blocos temáticos, projetos oferecidos com flexibilidade, permitindo mudança no seu percurso, por meio de planejamento;
- cursos organizados por competências a partir do perfil de conclusão levantado no mercado de trabalho;
- estágio profissional supervisionado e determinado pela escola, podendo ser adotado o sistema de Projetos;
- obrigatória a Proposta Pedagógica.

Os docentes também passaram por um processo de reflexão e adaptação à nova

metodologia.

O Parecer CNE/CEB nº 16/99 e a Resolução CNE/CEB nº 04/99, além de estabelecerem que a educação profissional de nível técnico fosse organizada por áreas profissionais de acordo com a caracterização própria de cada uma, estabeleceram as competências profissionais gerais e cargas horárias mínimas de cada habilitação e, como já dito anteriormente, definem competência profissional como a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação valores, conhecimentos e habilidades, visando ao desempenho eficiente e eficaz de atividades ligadas ao mundo do trabalho.

Para efeitos dessa legislação conhecimento é entendido como o que muitos denominam simplesmente de saber. A habilidade refere-se ao saber fazer relacionado com a prática do trabalho, transcendendo à mera ação motora. O valor se expressa no saber ser, na atitude relacionada com o julgamento da pertinência da ação, com a qualidade do trabalho, a ética do comportamento, a convivência participativa e solidária e outros atributos humanos, tais como iniciativa e criatividade.

Assim, pode-se dizer que alguém tem competência profissional quando constitui, articula e mobiliza valores, conhecimentos e habilidades para a resolução de problemas não só rotineiros, mas também inusitados em seu campo de atuação profissional. Assim, age eficazmente diante do inesperado e do não habitual, superando a experiência acumulada transformada em hábito e liberando o profissional para a criatividade e atuação transformadora.

Nesse contexto, competência é entendida como capacidade pessoal de articular os saberes – saber, saber fazer, saber ser e conviver – inerentes a situações concretas de trabalho.

No âmbito do referido Parecer, as competências requeridas pela Educação Profissional, considerada a natureza do trabalho são:

- as competências básicas, constituídas no ensino fundamental e médio;
- as competências profissionais gerais, comuns aos técnicos de cada área;

- as competências profissionais específicas de cada qualificação ou habilitação.

Portanto, as competências referem-se ao saber construído, mediante a conjugação de teoria e prática. Esta é uma qualidade de quem é capaz de fazer. Então, competências devem ser entendidas como um conjunto organizado de conhecimentos, raciocínio lógico e afetividade, que permite uma ou várias ações, que devem ser sempre contextualizadas e atualizadas.

Para a realização desta pesquisa obteve-se a devida autorização do Senac São Paulo, conforme Termo de Autorização Institucional (anexo I), respeitando-se todos os preceitos éticos da pesquisa.

### **3.2 O Curso Técnico em Segurança do Trabalho**

O curso técnico em questão tem duração de aproximadamente 18 meses, com carga horária total de 1.200 horas, distribuídas em três Blocos Temáticos, assim divididos: Bloco I – Saúde e Segurança do Trabalho – 400 horas; Bloco II – Gerenciamento de Riscos - 600 horas e Bloco III – Gestão Integrada - 200 horas.

O plano de curso determina a realização e elaboração de um Projeto que tem embasamento teórico a partir de competências específicas desenvolvidas no Bloco Temático I e desenvolvimento contínuo nos Blocos Temáticos II e III, visando transformar o ensino em espaço aberto e real, na perspectiva de mobilizar, no processo de ensino aprendizagem, os aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais.

A nomenclatura Bloco assume aqui o papel do Módulo acima explicitado, pelo fato do curso em questão não apresentar terminalidade, objetivando, portanto, estudos subsequentes.

Há que se lembrar que o Técnico de Segurança do Trabalho é um profissional que atua por força de lei – Lei Federal nº 7.410/85 e Decreto Federal nº 92.530/86, que regulamentam a profissão -, em empresas públicas e privadas ou em órgãos oficiais, como integrante do Serviço Especializado em Engenharia e Segurança e em Medicina do Trabalho – SESMT - participando

dos projetos de educação do trabalhador e de programas de prevenção de riscos à saúde.

No Bloco I, com duração de 400 horas, aproximadamente 6 meses de duração, são abordados temas relacionados a: Visão Sistêmica do Trabalho; Saúde, Segurança e Meio Ambiente; Prevenção e Combate a Incêndios; Primeiros Socorros e Gestão em Segurança e Saúde no Trabalho.

No Bloco II, com duração de 600 horas, aproximadamente 9 meses, inicia-se um trabalho árduo, pois esta etapa é fundamental para a formação de um profissional competente. São abordados os temas que se referem a: Gerenciamento de Riscos; Condições de Ambiente e Trabalho e Gestão de Saúde, Segurança e Meio Ambiente.

Conceitos como ética, respeito, cidadania, vivência e aprendizado com a comunidade são questões muito trabalhadas.

O referido curso mostra a realidade do dia-a-dia do trabalho e o que de fato se espera do profissional dessa área, suas responsabilidades e compromissos. Isso leva alguns alunos a se questionarem quanto à escolha da profissão.

Ao iniciar o Bloco II o aluno já deverá ter escolhido e caracterizado a empresa na qual desenvolverá seu Projeto de Gestão Integrada de Segurança do Trabalho. A partir do início do Bloco II o aluno estará envolvido em situações de aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento das competências, vividas na prática.

O Bloco III, com 200 horas de duração desenvolvidas em aproximadamente 3 meses, traz ao curso uma abordagem diferenciada, com uma visão de Gestão Integrada, em que a melhoria contínua deve sempre estar presente. Os temas abordados são: Gestão de Contratos e Habilidades, e Gestão Integrada.

Para o desenvolvimento do Projeto os alunos devem obedecer a um cronograma previamente montado com datas e metas e manter uma listagem atualizada dos locais e ramos de

atividades nos quais vão desenvolver os projetos e divulgá-la aos docentes envolvidos.

De acordo com os critérios de avaliação do plano de curso, o aluno somente será considerado aprovado se obtiver no mínimo menção Bom nas avaliações realizadas durante o processo de aprendizagem aplicada essencialmente no desenvolvimento do Projeto.

É com professores deste curso que a presente pesquisa foi desenvolvida.

### **3.3 Os participantes da pesquisa**

Os participantes da pesquisa foram 22 professores do curso técnico em segurança do trabalho que atuam no Bloco II – Gerenciamento de Riscos - e que desenvolvem suas atividades na Unidade Jabaquara do Senac São Paulo.

A escolha desses professores prendeu-se ao fato de que a partir do Bloco II o aluno deve estar envolvido em situações de aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento das competências específicas de seu perfil de formação profissional. Trata-se do momento do curso que mais demanda do professor uma atuação efetiva de seu papel de mediador da aprendizagem.

O professor que normalmente atua na Educação Profissional é um profissional graduado, especialista num determinado assunto e desenvolve a docência como uma atividade complementar e/ou secundária.

### **3.4 O processo de coleta de dados**

#### **3.4.1 As fases da pesquisa**

##### **3.4.1.1 O Questionário**

O processo de coleta de dados compreendeu duas fases. A primeira referia-se à aplicação de um questionário (anexo III) com o objetivo de caracterizar o perfil docente, bem como mapear as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto do curso técnico em segurança do trabalho.

De acordo com a definição do dicionário Michaelis da língua portuguesa, questionário é um conjunto ou série de quesitos ou problemas; um rol de perguntas. De acordo com Marconi e Lakatos (2002), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas. Isso, de certa forma, corrobora com a definição dada pelo dicionário.

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquisição de um grupo representativo do grupo a ser estudado. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os pesquisadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos. Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema.

Para Marconi e Lakatos (2002), a aplicação de um questionário permite recolher uma amostra dos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos. Deste modo é importante ter em conta o que se quer e como se vai avaliar, devendo haver rigor na seleção do tipo de questionário a aplicar de modo a aumentar a credibilidade do mesmo.

Segundo as autoras, o ideal é que o pesquisador consiga elaborar um questionário que desperte interesse nos participantes de forma a obter o maior retorno possível. É conveniente, portanto, que o participante seja esclarecido sobre a natureza da pesquisa e entenda a real importância de sua colaboração. As questões devem ser reduzidas e adequadas ao propósito da pesquisa e devem ser desenvolvidas de forma clara, concisa e unívoca. Devem ainda corresponder à intenção da própria pergunta e não devem induzir a uma dada resposta, mas sim libertar aquele que responde do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor.

Existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem a quem responde construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais quem responde apenas seleciona a opção entre as apresentadas, que mais se adequar à sua opinião. Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto.



As respostas devem ser dadas por escrito e não devem contar com a presença do pesquisador. O participante deve se sentir à vontade para responder o que de fato pensa, expressando-se por escrito de forma objetiva e clara e não necessariamente se identificando. O mais usual é que seja encaminhado pelo correio, ou por um portador, e que a devolução ocorra da mesma forma.

Como fatores favoráveis à utilização do questionário, segundo as autoras, podem ser citados: economia de tempo por parte do pesquisador; obtenção de um grande número de informações; contato com muitas pessoas ao mesmo tempo; liberdade nas respostas, por conta do anonimato e situação mais confortável para o participante responder, já que pode definir a hora e momento mais propício para o preenchimento das respostas.

Como fatores desfavoráveis ou de maior atenção por parte do pesquisador, as autoras indicam a quantidade pequena de questionários que retornam ao pesquisador; muitas perguntas podem não ser respondidas e isso pode comprometer os dados coletados; falta de oportunidade de esclarecer eventuais dúvidas que os participantes tenham ao responder o questionário; as perguntas devem ser elaboradas com muito cuidado para que não influenciem no contexto geral e induzam as respostas; o não cumprimento do prazo de devolução dos questionários.

O questionário elaborado para esta pesquisa foi o do tipo misto e foi estruturado considerando três etapas distintas: a primeira contava com questões fechadas, a segunda, por uma questão aberta e a terceira, por assertivas formuladas no modelo da escala Lickert (Marconi e Lakatos, 2002).

A primeira parte do instrumento, com perguntas fechadas abrangeu a investigação sobre dados de identificação pessoal (sexo, data de nascimento), formação (graduação), titulação (cursos de pós-graduação stricto e lato sensu), tempo de graduação e docência. Tinha como objetivo caracterizar o perfil do docente que atua no curso técnico de segurança do trabalho.

A segunda etapa era composta por uma única questão aberta sobre a concepção de

mediação docente. O objetivo dessa questão era identificar o entendimento que o respondente tinha sobre o tema.

A terceira etapa foi estruturada com base na escala Lickert e foi composta por assertivas, que pretendiam medir aspectos como atitudes, opiniões e práticas pedagógicas adotadas pelo grupo pesquisado.

A escala de Lickert se baseia na premissa de que a atitude geral se remete às crenças sobre o objeto da atitude, à força que mantém essas crenças e aos valores ligados ao objeto. Diz respeito a uma série de afirmações relacionadas com o tema pesquisado, representadas por várias assertivas. Os respondentes não apenas respondem se concordam ou não com as afirmações, mas também informam seu grau de concordância ou discordância. É atribuído um número a cada resposta, que reflete a direção da atitude do respondente em relação a cada afirmação. A somatória das pontuações obtidas para cada afirmação é dada pela pontuação total da atitude de cada respondente.

Cada uma das respostas dadas às assertivas representava um determinado ponto de vista que variava da concordância a discordância: a numeração de 1 a 5 correspondeu, respectivamente a: concordo totalmente/concordo/concordo parcialmente/discordo/discordo totalmente. (Marconi e Lakatos, 2002).

Para que a escala de Lickert fosse adotada, elaborei 14 assertivas fundamentadas em autores que discutem a formação docente, o processo de ensino aprendizagem e o conceito de mediação pedagógica.

As assertivas “1 - Autonomia e trabalho em grupo estimulam o desenvolvimento do aluno; 4 – O professor exerce papel preponderante no desenvolvimento do aluno; 6 – A indução à reflexão é uma forma de mediação da aprendizagem e 10 – É dever do professor fazer com que os alunos aprendam”; encontram sustentação teórica em Libâneo (1985); Pimenta e Anastasiou (2002); Batista e Batista (2002); e Zabalza (2004).

As assertivas “3 – O diálogo entre professor e aluno é fundamental para que ocorra a mediação pedagógica; 7 – O professor deve ser conhecedor de sua matéria, ser um animador, manter-se flexível para criar e re-criar, refletir sobre sua prática e criar estratégias que colaborem para o aprendizado do aluno; 12 – No processo ensino aprendizagem todos aprendem, tanto aluno como professor e 13 – A aula é um momento privilegiado de encontro e ações entre professor e aluno construído pela ação conjunta entre ambos”; encontram sustentação teórica em Batista e Batista (2004); Pimenta e Anastasiou (2002); e Vasconcelos (1995).

Por fim, as assertivas “2 – O ponto de partida do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento que os alunos trazem de suas diferentes experiências; 5 – Da postura assumida pelo professor depende a mediação da aprendizagem; 8 – O processo de mediação pedagógica se dá quando se estabelece uma comunicação, uma interação entre professor e aluno; 9 – O professor, sendo a fonte do saber, deve ser o transmissor do conhecimento; 11 – No processo ensino-aprendizagem tanto professor como aluno tem suas responsabilidades e 14 – O professor que produz e dirige as atividades e as ações a fim de que o aluno desenvolva processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento realiza, de fato, a ação mediadora do conhecimento”; foram construídas tendo como sustentação teórica Batista e Batista (2004); Kohl (2003); e Zabalza (2004).

Tendo como base a experiência do estudo piloto<sup>1</sup>, o questionário (anexo IV) foi readequado para entrega aos participantes.

Dos 30 questionários distribuídos pessoalmente, 22 deles foram devolvidos devidamente preenchidos e acompanhados do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II) assinado, respeitando-se todos os preceitos éticos da pesquisa. Os questionários foram respondidos no período de setembro a outubro de 2006.

Esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICID (anexo VIII).

---

<sup>1</sup> Este estudo será descrito no próximo item.

### 3.4.1.2 A Entrevista

A segunda fase da coleta de dados, realizada a partir da análise dos dados coletados por meio dos questionários, abrangeu uma entrevista de aprofundamento.

Para Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é uma estratégia utilizada para coleta de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, o que possibilita ao pesquisador desenvolver claramente uma idéia sobre a visão que os sujeitos têm do tema pesquisado. Posteriormente os dados devem ser sistematizados e submetidos a uma análise temática.

De acordo com Lüdke e André (2004), a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados e apresenta um caráter de interação entre o entrevistado e o entrevistador. O objetivo principal deste procedimento é a obtenção de informações sobre um determinado assunto.

Marconi e Lakatos (2002) definem entrevista como um encontro entre duas pessoas, com o propósito de que uma delas obtenha informações sobre um determinado tema, por meio de uma conversa, que deverá contribuir para a pesquisa proposta.

Como técnica de coleta de dados a entrevista oferece vantagens, como a flexibilidade por parte do pesquisador em explicar perfeitamente o sentido da pergunta, garantindo que o entrevistado entenda de fato o seu objetivo. O pesquisador tem a oportunidade de avaliar as reações, os gestos, as condutas dos entrevistados naquilo que dizem e como dizem, e pode possibilitar a obtenção de informações que não estejam em fontes documentais, mas que sejam significativas para a pesquisa.

O roteiro da entrevista (anexo VI) privilegiou as concepções sobre a mediação docente, o professor como mediador, as práticas pedagógicas e a mediação do professor.

O critério adotado para a escolha dos professores que participaram das entrevistas foi aleatório, definindo-se, inicialmente, por sorteio, dez professores, dentre os que haviam

respondido ao questionário. Como as respostas apresentaram um grau de recorrência e convergência, considerou-se suficiente as entrevistas realizadas com os dez docentes.

As entrevistas foram realizadas no período de novembro de 2006 a fevereiro de 2007. A duração média de cada uma foi 30 minutos.

Todos os professores entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II).

### **3.4.2 O estudo piloto**

O processo de coleta de dados, dentro da construção rigorosa do conhecimento, abarcou nesta pesquisa um primeiro momento de estudo piloto.

Este estudo compreendeu a aplicação da versão inicial do questionário (anexo III) com o objetivo de avaliar a adequação desse instrumento aos objetivos da pesquisa. Participaram desta etapa da pesquisa professores dos diversos cursos técnicos do Senac da Unidade Jabaquara.

Foram distribuídos 35 questionários, entregues pessoalmente e via e-mail. Retornaram devolvidos devidamente preenchidos, 20 deles.

Nesta etapa buscava-se, na primeira parte do instrumento, dados de identificação pessoal (data de nascimento), formação (graduação), tempo de docência, titulação (pós-graduação stricto e lato sensu), área de atuação. A segunda parte foi composta por uma pergunta aberta sobre a concepção da mediação docente, e a terceira e última parte foi organizada com assertivas formuladas no modelo baseado na escala de Lickert (Marconi e Lakatos, 2002), e estruturado para classificar os resultados em cinco diferentes grupos.

A partir deste estudo, readequou-se a primeira versão do questionário e, esta nova versão foi aplicada aos participantes da pesquisa.

### **3.5 O processo de análise de dados**

#### **3.5.1 Análise de conteúdo**

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a análise de dados é um processo que tem por objetivo organizar, de forma sistemática, o conjunto de dados colhidos pelo pesquisador, seja em forma de anotações, materiais e informações colhidas ao longo do período trabalhado, transcrição de entrevistas, análise de questionários, tendo em vista contribuir com o entendimento do pesquisador de todo o material reunido, subsidiando-o na apresentação de suas descobertas para os outros.

A análise de dados busca apreender os significados e as motivações dos participantes, trabalhando todas as informações conseguidas, com o intuito de ampliar a compreensão do pesquisador e, de forma sistematizada, organizar o trabalho em partes. Na verdade, a análise permeia o tempo todo o trabalho do pesquisador, estando presente em vários estágios da pesquisa, nos momentos de decisão sobre o tema a ser pesquisado, priorizando determinados pontos, na busca de autores que darão embasamento teórico para a pesquisa realizada, nas questões julgadas mais ou menos importantes, enfim, dará à pesquisa o perfil escolhido pelo pesquisador, de acordo com seus propósitos.

Lüdke e André (2004) destacam a importância do referencial teórico para análise e interpretação dos dados, o que exige do pesquisador inúmeras leituras e releituras do conjunto de materiais recolhidos, além de contar com sua perspicácia para aprofundar seu entendimento do significado de cada uma das informações. O pesquisador não deverá se ater apenas aos aspectos explícitos do material, mas aprofundar-se em sua pesquisa de forma a “ler nas entrelinhas”, interpretar determinados gestos, enfim, descobrir informações implícitas no contexto.

O pesquisador deverá se esforçar para ir além das teorias conhecidas, abstrair, acrescentar algo aos dados existentes, possibilitando novas argumentações, explicações e até novos questionamentos, mesmo que chegue à conclusão de que o tema não se esgotou e novos estudos poderão contribuir para um melhor esclarecimento.

Contudo, o pesquisador deverá estar atento durante o período todo de coleta de dados e também na análise, respeitando eticamente todos os envolvidos no trabalho, desde os sujeitos até os teóricos consultados. Deverá ser metodológico e político em suas abordagens, nunca se esquecendo que, somente na etapa final de toda a pesquisa, poderá inferir com suas idéias, opiniões, mantendo, porém, a fidedignidade da investigação e respeitando os sujeitos envolvidos.

De acordo com Bardin (2004), a análise do conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens.

Franco (2005) concorda com Bardin ao afirmar que a finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências sobre os elementos básicos do processo de comunicação. Cabe ao pesquisador compreender a mensagem recebida e desviar o olhar para outra significação que possa estar no contexto, mesmo que em segundo plano.

Bardin (2004) e Franco (2005), afirmam que uma vez definidos os objetivos da pesquisa, tendo-se delineado um referencial teórico e conhecido o tipo de material a ser analisado, o pesquisador deverá proceder a analisar o conteúdo, e para tanto propõem que sejam definidas unidades de análise que se subdividem em unidades de registro e unidades de contexto.

De acordo com as autoras, as unidades de registro são a menor parte do conteúdo a ser analisado e visa a categorização e a contagem freqüencial. As unidades de registro mais utilizadas são: a palavras, que podem ser previamente classificadas; o tema, ou unidade de significado, que corresponde a uma regra de recorte para estudar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências etc.; o personagem, que se refere a pessoas em particular que podem ser classificadas de acordo com diferentes indicadores; o item, que é utilizado num texto a partir de alguns atributos definidores.

Já as unidades de contexto, segundo as autoras, são consideradas como “pano de fundo” que imprimem significado às unidades de análise. A partir da definição das unidades de análise é possível definir categorias com o objetivo de auxiliar na análise dos dados coletados. Franco

(2005) apresenta a categorização como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, ou núcleos temáticos, por diferenciação seguida de um agrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos. As categorias, ou núcleos temáticos, podem ser criadas a priori ou a posteriori. As categorias sendo definidas passam a ser indicadores das informações colhidas que devem incorporar pressupostos teóricos.

Na presente pesquisa, para análise da questão aberta do questionário e análise das entrevistas, adotou-se o critério de análise proposto por Bardin e Franco onde foram consideradas as respostas como unidades de contexto; extraindo-se unidades de significado e destas, os núcleos temáticos que emergiram das próprias falas dos respondentes.

### **3.5.2 Análise dos questionários**

Considerando o objetivo proposto, os questionários foram analisados em duas etapas distintas, de acordo com a própria estrutura do instrumento.

Primeiramente buscou-se identificar o perfil do professor do ensino técnico tendo como base a área de atuação, idade, tempo de graduado, tempo de docência e titulação. Os resultados foram sistematizados, tendo-se um panorama mais quantitativo.

Em seguida, foi possível apreender as concepções docentes sobre mediação da aprendizagem em dois momentos: por meio das respostas à pergunta aberta e partir da análise das assertivas.

A partir das respostas dadas à pergunta aberta foi possível empreender, como já descrito anteriormente, uma análise de conteúdo, onde primeiramente, identificou-se as unidades de contexto e de significado, para então, apreender-se núcleos temáticos. Esta análise foi organizada em quadros (anexo V).

Já a análise das assertivas compreendeu inicialmente uma leitura no sentido de reconhecer dimensões do processo de mediação docente. Após este momento, identificou-se que as 14



assertivas poderiam ser agrupadas e interpretadas em torno de três eixos analíticos: Visão Docente, Práticas Pedagógicas e Postura do Professor. Estes eixos foram construídos a partir do diálogo dos dados com a literatura, incorporando, também, os objetivos delineados para este estudo.

O eixo analítico Visão Docente, compreende as assertivas 1, 4, 6 e 10. No eixo analítico Práticas Pedagógicas, encontram-se as assertivas 3, 7, 12 e 13 e o eixo analítico Postura do Professor, centrou-se nas assertivas 2, 5, 8, 9, 11 e 14.

### **3.5.3. Análise das entrevistas**

Num primeiro momento as entrevistas, que seguiram rigorosamente o roteiro previamente estruturado (anexo VI), foram gravadas e transcritas.

Num segundo momento o material transcrito foi lido por diversas vezes e foi possível montar um primeiro quadro com as respostas dadas buscando convergências e divergências. Posteriormente o quadro (anexo VII) foi reelaborado com o objetivo de identificar as unidades de contexto e de significado. A partir dessa análise, viabilizou-se a apreensão dos núcleos temáticos: interação, facilitação da construção do conhecimento, transmissão de informação e prática de reflexão da ação. O procedimento de análise de conteúdo empregado encontra-se descrito no item 3.5.1.

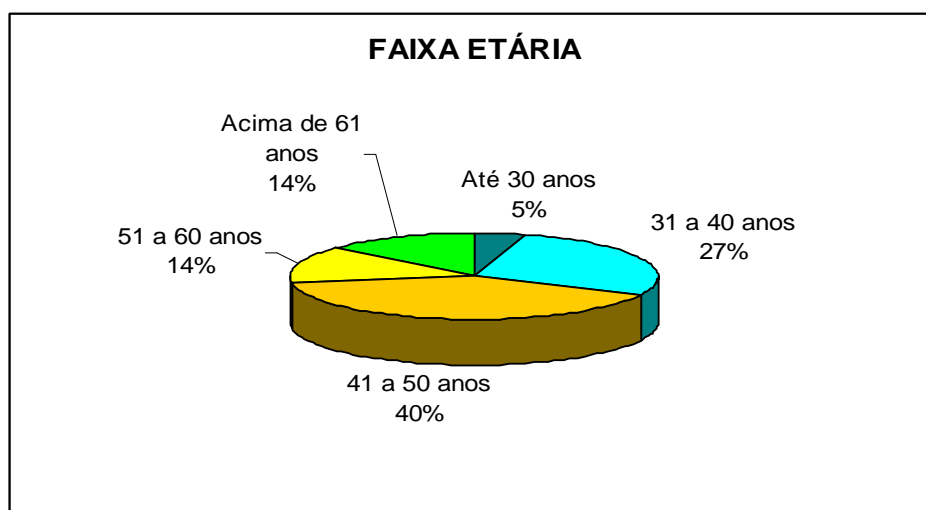
#### 4 CONHECENDO OS PROFESSORES E SUAS CONCEPÇÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS

Este capítulo abrange a análise dos 22 questionários respondidos, possibilitando conhecer o perfil dos docentes e suas concepções sobre mediação.

##### 4.1 Perfil dos docentes

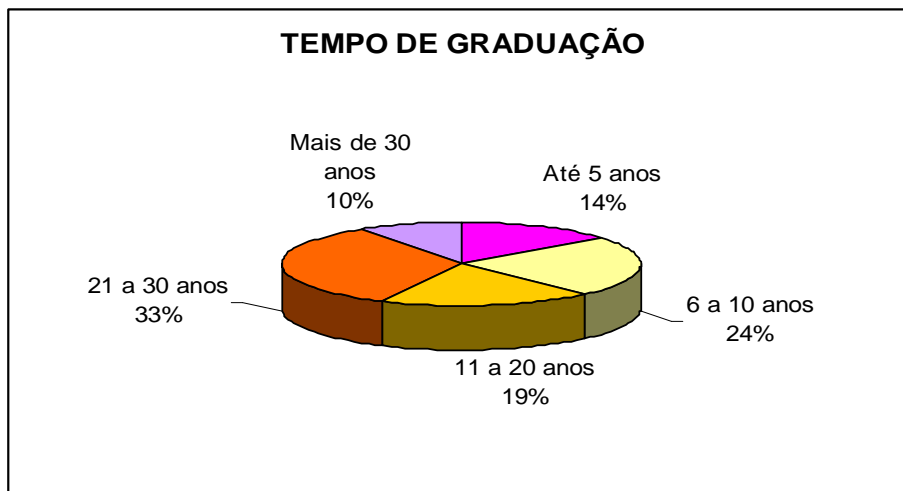
Para a consecução dos objetivos da pesquisa, fez-se necessário delinear um perfil dos docentes investigados, construindo uma zona de proximidade com características que marcam as crenças e práticas docentes.

Assim, no tocante à faixa etária, os docentes distribuem-se da seguinte forma:



A concentração de docentes na faixa etária de 41 a 50 anos é um indicativo de que os profissionais que atuam na educação profissional não se tratam de jovens em busca do primeiro emprego.

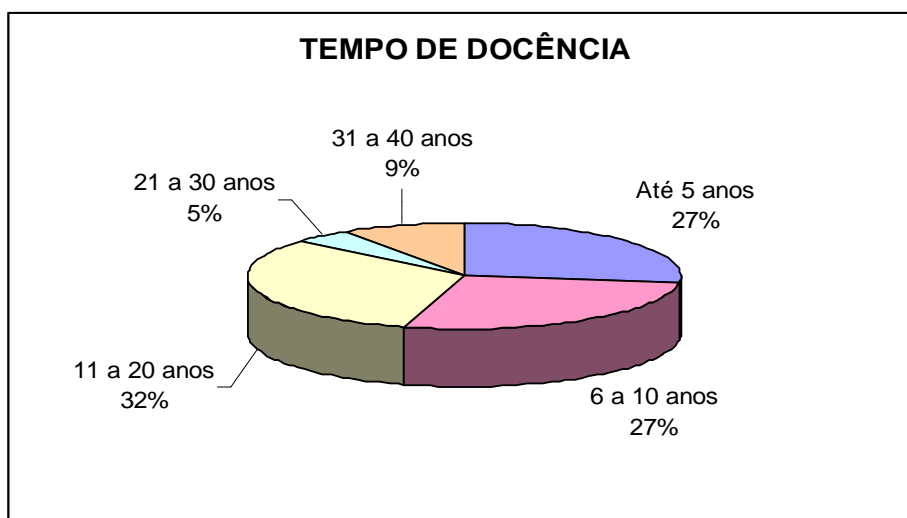
Apresentam diferentes graduações - Psicologia, Engenharia, Química, Administração, Direito, Enfermagem, Farmácia, Pedagogia – obtidas em épocas distintas:



A diversidade de especialistas centrados num mesmo bloco parece indicar um cenário plural e potencialmente favorável ao enfoque interdisciplinar que o curso se propõem a desenvolver.

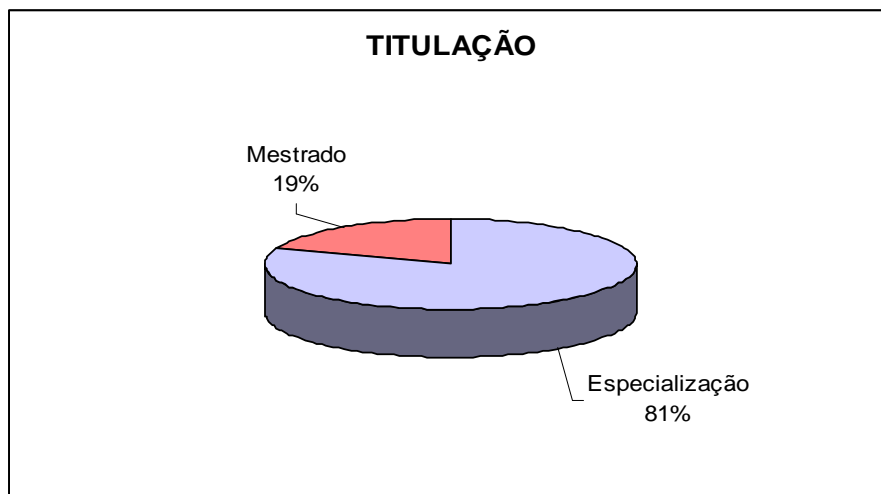
A concentração da faixa de 21 a 30 anos no tempo de graduação indica que o grupo teve uma educação formal de acordo com o previsto e que se trata de profissionais com experiência no mercado de trabalho.

O tempo de inserção na docência apresenta variação, de acordo com a figura abaixo:



A concentração da faixa de 11 a 20 anos no tempo de inserção na docência é um indício de que este grupo de especialistas não optou pela docência como sua primeira opção profissional.

A titulação mostra-se centrada na pós-graduação lato sensu, conforme pode ser visualizado na figura abaixo:



Este dado pode ser entendido como um indicador da disponibilidade dos docentes participantes da pesquisa em investirem na continuidade dos estudos.

## 4.2 Concepções de mediação

O questionário utilizado nesta pesquisa possibilitou apreender as concepções docentes por meio de dois caminhos: 1- as respostas dos professores quanto ao grau de concordância com as assertivas propostas no instrumento e 2- as respostas emitidas frente à questão aberta.

### 4.2.1 As concepções que emergiram dos posicionamentos docentes frente às assertivas

O primeiro eixo analítico - Visão Docente<sup>2</sup> - traduz a percepção do professor do ensino

---

<sup>2</sup> Eixo analítico composto pelas assertivas: 1 - Autonomia e trabalho em grupo estimulam o desenvolvimento do aluno; 4 - O professor exerce papel preponderante no desenvolvimento do aluno; 6 - A indução à reflexão é uma

técnico quanto ao seu efetivo papel no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

A análise permitiu identificar uma convergência do “concordo totalmente” para as assertivas relativas à consciência de responsabilidades docente no processo ensino aprendizagem.

Pode-se inferir que os professores parecem valorizar a autonomia como um aspecto positivo no desenvolvimento do aluno, desenvolvendo seu trabalho de forma comprometida com o processo de ensino aprendizagem e acreditando na construção do conhecimento coletivo.

Ao procurarmos a definição da palavra autonomia em dicionários, nos deparamos com termos associados a liberdade. Assume-se no presente trabalho autonomia como sendo a capacidade de um sujeito de tomar suas próprias decisões, baseado em opiniões próprias formadas a partir de um conhecimento adquirido ou transformado (Militão, 2003).

O aluno não é um sujeito passivo que apenas recebe informações, mas alguém que se coloca em uma condição de diálogo e troca, falando, ouvindo, lendo, discutindo, interrogando, produzindo em todos os momentos. Por outro lado o professor não é aquele que só transmite informações, e sim, alguém que deve se colocar em novos papéis seja como tutor, como interlocutor privilegiado, pois se encontra num nível de conhecimento superior ao dos alunos, efetuando trocas, mediando a construção do conhecimento, dando condições para que o aluno torne-se capaz de decidir por conta própria (Batista e Batista, 2004).

O segundo eixo analítico – Práticas Pedagógicas<sup>3</sup>- indica que os docentes parecem valorizar a mediação entre o conhecimento e o aluno, tendo suas ações orientadas pela intencionalidade.

---

forma de mediação da aprendizagem; 10 - É dever do professor fazer com que os alunos aprendam.

<sup>3</sup> Eixo analítico composto pelas assertivas: 3 – O diálogo entre professor e aluno é fundamental para que ocorra a mediação pedagógica; 7 - O professor deve ser conhecedor de sua matéria, ser um animador, manter-se flexível para criar e re-criar, refletir sobre sua prática e criar estratégias que colaborem para o aprendizado do aluno; 12 - No processo ensino aprendizagem todos aprendem, tanto aluno como professor; 13 - A aula é um momento privilegiado de encontro e ações entre professor e aluno, construído pela ação conjunta entre ambos.

Pimenta e Anastasiou (2002) afirmam que o trabalho docente está impregnado de intencionalidade, pois visa à formação humana por meio de conteúdos e habilidades, de pensamento e ação, o que indica escolhas, valores, compromissos éticos. As autoras partem do pressuposto que ensinar decorre da ação de aprender e a prática social efetivada entre os sujeitos professor e aluno, engloba a ação de ensinar e aprender, situação em que a intencionalidade tem papel fundamental. Pode-se afirmar que o professor tem como meta ensinar, já que sua intenção é de fato essa, porém, para que essa meta seja atingida é necessário que o aluno aprenda. A ação do aluno se efetivará conforme a direção dada pelo professor no processo, que é, portanto, de inteira responsabilidade deste.

Kohl (2003) ao citar os estudos de Vygotsky, afirma que os mecanismos psicológicos, próprios do ser humano, envolvem o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente. Essa mesma autora afirma ainda que para Leontiev, colaborador de Vygotsky, as atividades humanas são formas de relação com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados. A idéia de atividade envolve a noção de que o homem orienta-se por objetivos, agindo de forma intencional, por meio de ações planejadas.

O terceiro eixo analítico - Postura do Professor<sup>4</sup> - possibilitou reconhecer a preocupação dos professores com o sentido do conteúdo a ser desenvolvido de forma significativa. O grupo considera a “bagagem” do aluno, seus conhecimentos prévios e, portanto, entendem como fundamental que o processo de ensino-aprendizagem agregue algo significativo à vida dos alunos.

Zabalza (2004) explica a importância de entender que o processo de aprendizagem é facilitado por estratégias e situações que abordem a realidade da vida do aluno. Quando o

---

<sup>4</sup> Eixo analítico composto pelas assertivas: 2 - O ponto de partida do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento que os alunos trazem de suas diferentes experiências; 5 - Da postura assumida pelo professor depende a mediação da aprendizagem; 8 - O processo de mediação pedagógica se dá quando se estabelece uma comunicação, uma interação entre professor e aluno; 9 - O professor, sendo fonte do saber, deve ser o transmissor do conhecimento; 11 - No processo ensino-aprendizagem tanto professor como aluno tem suas responsabilidades; 14 - O professor que produz e dirige as atividades e as ações a fim de que o aluno desenvolva processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento realiza, de fato, a ação mediadora do conhecimento.

conteúdo trabalhado faz sentido na vida ou de alguma forma remete a uma situação real que o aluno vivencia, o aprendizado passa a ser contextualizado e, portanto, passa a ter um significado para quem aprende. O professor deve ter a capacidade de associar a visão acadêmica a uma atividade profissional ou a uma situação prática da vida do aluno, de forma que o aprendizado lhe acrescente conhecimentos suficientes para a tomada de decisões.

Para um melhor entendimento sobre a postura docente, remeto-me à afirmação de Batista (2004) sobre formação como um processo de aprendizagem totalmente ligado a intencionalidade, considerando, porém, as características de cada pessoa, particularidades de uma determinada sociedade, projetos de vida, saberes, crenças, experiências que são utilizadas nas relações sociais, trazendo as possibilidades de transformação, troca e superação. Dessa maneira, para a autora, formação significa construção de conhecimentos relativos a diferentes contextos: sociais, culturais, educacionais, profissionais. Supera-se a idéia de algo pronto, e assume-se a compreensão de formação como processo permanente, onde são geradas novas oportunidades de desenvolvimento. Por essa razão se torna tão importante que o conteúdo a ser desenvolvido considere os conhecimentos que os alunos trazem, e a partir daí trabalhá-los de forma significativa, transformando-os e superando-os.

#### **4.2.2 As concepções que emergiram na análise da questão aberta**

Os movimentos analíticos permitiram apreender diferentes núcleos temáticos no campo das concepções sobre a mediação docente.

O primeiro núcleo temático abrange a facilitação da construção do conhecimento e configura-se para alguns professores como um processo que exige tanto a ação do professor como do aluno:

Fazer com que se realize o processo de construção do conhecimento utilizando meios e métodos de interação, conhecimento, criação e desenvolvimento do conteúdo proposto.

(P10)

O ensinar facilitando à aprendizagem, criando condições para que o outro, a partir dele próprio, aprenda e cresça. A comunicação não se efetiva em mão única, mas tem um caráter interativo, com ação recíproca e só assim, nesta concepção de ensino é que o educador adquire o seu papel mediador, facilitando a construção do conhecimento do aluno. (P12)

É a articulação que o professor necessita realizar junto ao aluno, transmitindo não só o conhecimento, mas gerando ações de mobilização e de desenvolvimento cognitivo. A interface aluno/professor se torna mais rica na medida que a aula possa ser construída pelo conhecimento e habilidades dos dois. O professor é um otimizador de idéias e ações que devam ser discutidas e debatidas pelos alunos junto ao mestre. (P14)

Uma articulação dos princípios do ensino aprendizagem e se concretiza pelas constantes recriações de estratégias, atribuindo assim sentido no que o aluno está aprendendo. (P18)

Provocar no aluno o desenvolvimento do seu potencial no processo de aprendizagem. (P22)

Para Vasconcelos (1996) ensino e aprendizagem constituem unidade dialética no processo, caracterizada pelo papel condutor do professor e pela auto-atividade do aluno, em que o ensino existe para provocar a aprendizagem mediante tarefas contínuas dos sujeitos do processo. Este une o aluno a matérias, e ambos, alunos e conteúdos, ficam frente a frente mediados pela ação do professor, que produz e dirige as atividades e as ações necessárias para que os alunos desenvolvam processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento.

Um segundo núcleo permite afirmar que o processo de mediação envolve também, na perspectiva dos docentes, a possibilidade do professor partir do conhecimento prévio dos alunos:

Construir conhecimentos a partir do conteúdo que o aluno traz para sala de aula conciliando-o com o conteúdo da disciplina. (P4)

Fazer o aluno compreender a real necessidade do envolvimento e comprometimento. É orientá-lo em sua transferência de conhecimentos. Mostrar outros caminhos e contornos sem perda de qualidade. Acreditar que o aluno chega com bagagem e deve adicionar



mais experiências. (P16)

Conciliar a necessidade pedagógica com a satisfação do discente. Cumprir a legislação pertinente sem perder o desejo de aprender. Mediar é, sobretudo negociar as expectativas. O docente deve ter uma posição que não seja de ser o ‘centro das atenções’ e sim o facilitador da aprendizagem respeitando os conhecimentos prévios dos alunos. (P21)

Conforme Batista e Batista et al. (2004), os conhecimentos prévios dos alunos influenciam na maneira como serão apropriados e construídos os novos conhecimentos, e devem ser levados em conta. Corrobora com essa concepção Kohl (2003), ao afirmar que o processo de ensino aprendizagem deve ser construído tendo como ponto de partida o nível de desenvolvimento real do aluno, suas experiências e vivências. O processo de ensino aprendizagem deve fazer o aluno avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu conhecimento já consolidado.

A dimensão da interação, terceiro núcleo de significado, foi destacada no processo de mediação da aprendizagem:

Um processo interativo entre facilitador e aluno, onde se espera como resultado a construção de um conhecimento. (P2)

Interagir com os educandos de forma a propiciar-lhes a aquisição própria e significativa do conhecimento, instigando-os na busca contínua da construção do saber. Mais do que transferir conhecimentos o papel do mediador consiste em lançar desafios constantes aos alunos para que, vencendo-os eles descubram sua maneira particular de aprender. (P5)

O ensinar facilitando à aprendizagem, criando condições para que o outro, a partir dele próprio, aprenda e cresça. A comunicação não se efetiva em mão única, mas tem um caráter interativo, com ação recíproca e só assim, nesta concepção de ensino é que o educador adquire o seu papel mediador, facilitando a construção do conhecimento do aluno. (P12)

De acordo com Batista (2004) ensinar está ligado à idéia de atribuir significados. Refere-se

ao processo interpessoal de levar aquele que é ensinado, aquele a quem é indicado um signo, a apreender um sistema de relações, a dominar um conjunto de regulações construído em uma cultura. Isso ocorre à medida que aquele que ensina aponta para outrem os signos históricos, coletivos, presentes nos conhecimentos. Tais signos serão mediadores do processo de relação do indivíduo com o mundo e consigo mesmo, constitutivos de sua consciência e subjetividade.

A autora afirma que ensinar e aprender configuram um processo multideterminado e interdependente – processo ensino aprendizagem – e este é um processo global de relação interpessoal que envolve, ao mesmo tempo, alguém que aprende, alguém que ensina e a própria relação ensino aprendizagem. Para a autora aprender, ensinar e formar constituem uma rede de conhecimentos, experiências, trocas, construída nas interações sociais e por elas transformada permanentemente nas relações que as pessoas estabelecem com a natureza, com os outros homens e consigo mesmas.

Vasconcelos (1995) afirma que a interação intencional, planejada, responsável entre aluno, professor e objeto de conhecimento, configura a essência da relação pedagógica. Mediada pelo conhecimento, essa relação permite o alcance da lógica própria das diversas áreas, numa construção inovadora, mobilizando o envolvimento e o comprometimento de alunos e professores no processo de compreensão da realidade.

A mediação emergiu como fundamental para alguns professores que situam mais um núcleo temático: desenvolvimento de metodologias de ensino favorecedoras da aprendizagem.

Hoje como docente, tenho por objeto principal a forma como vou trabalhar um conteúdo curricular, ou seja, o que vou ensinar, partindo-se do princípio que independentemente do conteúdo, é necessário levar em consideração como se vai ensinar esse conteúdo, qual a metodologia que vou utilizar para promover o aprendizado desejado naquela turma, para cada aluno, qual a emoção, qual a afetividade, minha e do aluno, qual a relação ou a comunicação que devo manter, qual processo. A forma como vou desenvolver esse conteúdo. (P1)

Interagir com os educandos de forma a propiciar-lhes a aquisição própria e significativa do conhecimento, instigando-os na busca contínua da construção do saber. Mais do que transferir conhecimentos o papel do mediador consiste em lançar desafios constantes aos

alunos para que vencendo-os eles descubram sua maneira particular de aprender. (P5)

Ação pela qual estudamos as diversas formas, maneiras, metodologia de, não apenas promover, estimular o desenvolvimento e aprendizagem, como também as sistemáticas de avaliação do aprendizado que ocorreu. (P8)

Para Kohl (2003) o processo de aprendizagem está permanentemente em movimento e a transformação é o resultado desejável desse processo. Portanto, metodologias que permitam captar transformações são estratégias adequadas para o desenvolvimento e construção do conhecimento.

Conforme Batista (2004), situações de aprendizagem favorecedoras de um aprender significativo têm como características: metodologias diversificadas como trabalhos individuais, seminários, levantamentos em grupo, dinâmicas grupais, entre outras; conteúdos que possam representar o acesso a conhecimentos relevantes, considerando as condições sociais, as realidades de aplicação do que for aprendido, a motivação do sujeito que aprende; a possibilidade de desenvolver propostas que invistam na contextualização da aprendizagem, buscando-se a historicidade dos temas abordados e suas relações com a prática; valorização do grupo como um espaço que fortalece a aprendizagem, à medida que traz as diferenças de idéias e saberes, além de possibilitar o conhecimento de dinâmicas, tensões, desafios e perspectivas do trabalho com outras pessoas, desenvolvendo redes de comunicação/negociação entre os sujeitos que aprendem e ensinam.

A autora afirma, também, que aprender extrapola a aquisição de um novo conceito e/ou habilidade prática, mas abrange todo um processo de transformação das concepções consideradas espontâneas ou ingênuas para explicação da realidade, (des) e (re) construindo conceitos, habilidades e atitudes em uma direção de reestruturar, em patamares mais complexos, as formas de pensar, compreender e intervir no mundo.

Nota-se nesta concepção a decisiva influência dos estudos de Vygotsky (1998), particularmente do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD). Este autor

caracterizou o que chama de ZPD como a distância entre aquilo que um indivíduo é capaz de fazer sozinho e aquilo que ele realiza com a colaboração dos outros. Segundo Vygotsky, a ZPD permite diagnosticar os níveis de desenvolvimento real e potencial do indivíduo, sinalizando o que falta para que o indivíduo realize, de forma independente, determinadas atividades que ainda necessita de apoio.

A mediação como relação de afetividade, quinto núcleo temático apreendido, apesar de permear várias concepções docentes, destaca-se explicitamente para P1 e P2:

Hoje como docente, tenho por objeto principal a forma como vou trabalhar um conteúdo curricular, ou seja, o que vou ensinar, partindo-se do princípio que independentemente do conteúdo, é necessário levar em consideração como se vai ensinar esse conteúdo, qual a metodologia que vou utilizar para promover o aprendizado desejado naquela turma, para cada aluno, qual a emoção, qual a afetividade, minha e do aluno, qual a relação ou a comunicação que devo manter, qual processo. A forma como vou desenvolver esse conteúdo. (P1)

Fazer compreender o aluno a real necessidade do envolvimento e comprometimento. É orientá-lo em sua transferência de conhecimentos. Mostrar outros caminhos e contornos sem perda de qualidade. Acreditar que o aluno chega com bagagem e deve adicionar mais experiências. Motivá-lo sempre!! (P16)

Para Mizukami (2002) aprender a ensinar é um processo complexo que envolve fatores afetivos, cognitivos, éticos e de desempenho.

A mediação da aprendizagem pode configurar-se como um processo centrado na figura do professor como sujeito principal:

O professor deverá ser muito esclarecido, competente e repassar para os alunos os objetivos da matéria e sua conclusão e os alunos deverão entender e pesquisar o máximo possível (biblioteca, internet, bibliografias específicas, etc.) para concluir e entender a matéria, em sua área de interesse. (P9)

É a articulação que o professor necessita realizar junto ao aluno, transmitindo não só o conhecimento, mas gerando ações de mobilização e de desenvolvimento cognitivo.  
(P14)

Pimenta e Anastasiou (2002) indicam claramente que, historicamente, ensinar era mais importante que aprender e, portanto, o professor era o elemento principal nesse processo. Com a evolução dos tempos e dos sujeitos começa-se a perceber que ensinar tem um sentido mais amplo e assume o compromisso de assegurar que todos aprendam “buscando a humanização e redução das desigualdades”. A partir dessa visão das autoras, a docência se apresenta como prática social e adota um caráter social, projetivo e, principalmente, reflexivo.

As autoras afirmam que ensinar não é apenas expor conteúdos. Há que se ensinar tendo em vista bons resultados, isso significa dizer que há que se ensinar para que o aluno aprenda. A meta do professor, acompanhada da intencionalidade no processo de ensino aprendizagem depende também de fatores e circunstâncias específicos. Local, tempo, condições, realidades e necessidades dos alunos, são fatores que o professor deve considerar na sua prática e, da melhor maneira possível, articular todos os fatores externos de forma favorável para o processo de ensino aprendizagem.

Para Mizukami et al. (2002), com a evolução dos tempos superou-se a concepção do saber como um conjunto de conhecimentos eruditos, valorizados pela humanidade, um saber de classe, para aderir a uma perspectiva mais complexa, a da formação do cidadão nas diversas instâncias em que a cidadania se materializa. Essa perspectiva amplia e re-significa a concepção do saber, colocando-o em diálogo com o saber dos alunos, com a realidade objetiva em que as práticas sociais se produzem.

Como último núcleo temático, apreendeu-se que mediação da aprendizagem se configura como o crescimento que se dá tanto no conhecimento do aluno como do professor:

Consiste na troca de experiências, conhecimentos, habilidades. Com uma perfeita interação entre professor e aluno, temos um crescimento do aprendizado de ambos.  
(P11)

A interface aluno/professor se torna mais rica na medida que a aula possa ser construída pelo conhecimento e habilidades dos dois. O professor é um otimizador de idéias e ações

que devam ser discutidas e debatidas pelos alunos junto ao mestre. (P14)

No processo de mediação o professor pode também aprender com o aluno, pois há esta flexibilidade, devido a autonomia de criação do aluno. (P20)

Mizukami (2002) afirma acreditar que o conhecimento se constrói a partir de hipóteses que se estruturam e se desestruturam. O conhecimento do docente se constrói com a quebra das certezas presentes na prática pedagógica. Quando as convicções são colocadas em dúvida ocorre a desestabilização e, a partir dessa experiência se constroem novas hipóteses e se alcança novos níveis de conhecimento.

## 5 MEDIAÇÃO DOCENTE: OLHARES DOS PROFESSORES

Este capítulo contempla a análise das 10 entrevistas realizadas com docentes oriundos do grupo participante do primeiro momento da coleta de dados (aplicação dos questionários). A análise das entrevistas possibilitou apreender concepções de mediação docente, além de identificar experiências de sucesso e não exitosas que marcam a docência na educação profissional e, ainda, caracterizar as condições facilitadoras e as dificultadoras para a construção da mediação docente.

### 5.1 Concepções de mediação docente

A mediação docente como processo de interação emergiu como um núcleo de significado muito relevante para os professores:

Eu acho que o docente tem que estar atualizando-se e ser o responsável pela intermediação, essa ponte intermediária, para essa mediação acontecer, trazendo o aluno para a realidade, abordar fatos e dados atuais, para tentar aliar a prática à teoria. (P1)

Consegui com quase 20 alunos ter uma discussão ampla de 8 ou 9 Nrs que se amarram com as Nrs 15 e 16. Cada um foi colocando o seu ponto de vista e teve uma participação, não diria igual de todos, mas que todos puderam se expressar e falar. (P2)

Hoje tenho uma visão de que a aula é outra coisa, e aí comecei a me interessar por essa área, e que o professor na sala de aula tem uma ação que vai além da aula expositiva, e eles gostam muito da aula expositiva, gostam de participar. No início ficam um pouco inibidos, mas depois o rendimento melhora muito. (P9)

No entendimento de Batista (2004), ensinar é uma prática social que compreende processos de intervenção marcados pela apropriação do conteúdo desenvolvido, pelo planejamento, pela intencionalidade, pelo conhecimento daquele que aprende e reflexão sobre o que, por quê e como se aprende. Kohl (2003) afirma que o ser humano cresce num ambiente

social e a interação com outras pessoas é essencial a seu desenvolvimento. A interação face a face entre as pessoas desempenha um papel fundamental na construção do ser humano. É por meio dessa relação interpessoal com outros indivíduos que ocorre o desenvolvimento individual.

A mediação docente foi concebida, também, como processo de facilitação da construção do conhecimento:

Então o papel desafiador do professor hoje que eu vejo na mediação é com todas essas informações disponíveis, todas essas fontes variadas, é ele ter um caminho, uma orientação para seguir, fazer uma leitura crítica, ter um olhar mais prudente da realidade, mas que parta dele esse caminho também. (P6)

O professor age com um facilitador, mediador, pois acabou aquilo do 'mestre sabe tudo'. Isso da escola tradicional, já acabou. A metodologia moderna hoje requer que o professor seja um facilitador, mediador do conhecimento, pois nós recebemos uma carga enorme de informações, de conhecimento e se o professor não for um mediador vai ficar muito difícil. (P7)

É uma questão muito interessante do ponto de vista de estar em sala de aula e não só passar informações, não só relatar experiências vividas, como também ser o elemento que vai propiciar, vai facilitar o desenvolvimento do aluno. (P8)

Para Severino e Pimenta (2003), trabalhar o conhecimento no processo formativo dos alunos significa proceder à mediação entre os significados do saber no mundo atual e aqueles dos contextos nos quais foram produzidos.

Mizukami (2002) acentua que o conhecimento se constrói a partir de hipóteses que se estruturam e se desestruturam. A construção contínua dos saberes não ocorre de forma isolada. Ela deve se dar na parceria entre pessoas que estão em diferentes níveis de desenvolvimento.

A mediação docente concebida como transmissão de informação e complemento da aprendizagem foi destacada pelos professores:

Você não está ali somente para levar o conhecimento técnico, está muito além disso. É importante saber previamente qual a mensagem que você quer levar e para quem você



vai levar, planejar, executar e na verdade eu sou um facilitador do processo de aprendizagem. (P3)

Eu acho que esse papel da mediação é fundamental para o docente ter a noção exata do que é ser um mediador. Por que foi-se o tempo que o docente tinha aquela imagem do 'sabe-tudo', que tinha todo o conhecimento, que vai transferir todo o conhecimento para o aluno. Hoje o conhecimento está aí, ele vai acessar da forma que quiser, talvez de uma forma mais interessante do que ouvir o professor falar lá na frente. (P6)

Zabalza (2004) afirma que conhecer bem a própria disciplina é fundamental, mas não é o suficiente. A forma como o docente abordará os conteúdos faz diferença e são essas estratégias que vão contribuir para aprendizagem dos alunos.

Para apenas um professor mediação docente foi situada como um processo de persistência: “Acho que a gente não pode desistir. Tentar e tentar e nunca desistir porque uma hora os alunos tem que cair na real”. (P5)

O professor, na função de educador, assume a responsabilidade social de ajudar a construir, a reconstruir identidades e subjetividades de outros, no caso a dos alunos, o que implica o comprometimento com o outro no reconhecimento de suas diferenças, como forma de entender a si próprio, conforme Mizukami (2002).

Para um único professor a mediação é encarada como prática de reflexão da ação:

Então às vezes é preferível você interromper, pedir para as pessoas envolvidas fazerem uma reflexão, analisarem todos os atos e depois trazerem novamente o assunto a público, porque você de cabeça cheia, até preocupado com a atitude de outros colegas, você começa a querer ter razão e começa a ficar cego. Nesse momento o bom senso impera. E o bom senso me diz que de cabeça cheia não se deve tomar decisão. E isso vale para os alunos também. Nesse momento o bom senso manda a gente parar naquele momento, deixar esfriar os ânimos, interromper a aula, mesmo que não seja o horário do café, só para dar uma relaxada. (P4)

Para Zeichner e Liston (1990) ensino reflexivo implica que os professores, em vez de apenas refletirem sobre a aplicação prática de aulas baseadas nas teorias geradoras critiquem e desenvolvam suas teorias práticas à medida que refletem na ação e sobre ela, acerca de seu ensino e das condições sociais que modelam suas práticas pedagógicas.

## 5.2 Experiências de sucesso e não exitosas

### 5.2.1 Experiências de uma boa mediação docente

Os professores se referem a experiências exitosas no campo da mediação docente em situações que tiveram a oportunidade de aplicar práticas pedagógicas interativas:

Eu faço uma discussão bem ampla. Quando se chega a uma determinada conclusão eu faço a inversão de papéis entre os grupos. Aí faço que cada um ponha seus novos pontos de vistas, para uma nova discussão. Aí a gente faz esse processo de mediação, de discussão de cada um, dentro de um regime democrático, deixando o pessoal se expor, discutir bastante, mas ao mesmo tempo tentando canalizar para que a gente tenha respostas favoráveis no objeto de trabalho que é esse acidente, essa discussão. (P2)

Utilizei como técnica uma aula interativa, já que o assunto não é muito palpável, busquei com a aula interativa que houvesse a participação plena dos alunos, questionando e fazendo com que todos participassem. Através de perguntas, de exposição pude verificar a assimilação dos alunos. Ao final percebi que eles estavam muito motivados e que a assimilação do conceito tinha ocorrido em profundidade. (P9)

Para Bertoni (2004) a interação permite ao professor saber como o aluno está pensando, apreender a lógica de seu raciocínio. Mostra o que o aluno é capaz de resolver sozinho e suas dificuldades, e mostra também onde e quando deve haver a intervenção do professor (ZPD).

Também foram consideradas situações positivas aquelas em que a mediação tenha ocorrido como um processo de construção do conhecimento:

Eu dividi a sala em grupos e eles tinham que descobrir qual era o problema da cidade. Todos tinham a mesmas pistas, todas as informações estavam sobre a mesa, o mapa na

lousa e cada grupo tinha que chegar à sua conclusão sobre qual era o problema definitivo. Isso foi muito legal porque partiu deles a resolução do problema. Toda a linha de raciocínio que vai conduzir a solução do problema partia do grupo. Eventualmente eu conduziria o raciocínio de uma forma totalmente diferente e você vê os alunos chegando até ao mesmo resultado, mas com outro raciocínio, de uma forma mais convincente, com mais argumentos. Eu achei isso muito válido. (P6)

Certa vez enquanto falava de custos de acidentes, um aluno relatou um acidente. Ficou falando dos dias perdidos e que teve que contratar outro funcionário, então da experiência do aluno com essa situação houve um entrosamento perfeito com a teoria. Este foi um item que eu achei importante porque uniu a teoria com a prática e, principalmente, por que aproveitei os conhecimentos prévios dos alunos. Esse é um ponto, em minha opinião, que o professor deve sempre se ater, ouvir os alunos e através das experiências deles introduzir os conceitos teóricos da aula a ser desenvolvida. (P7)

De acordo com Bertoni (2002) em uma situação fictícia há sempre um aspecto de criação e de imitação, já que o aluno nunca parte do zero, mas sim de algo já por ele conhecido, algo já criado, combinando-o de alguma forma com suas novas experiências. Isso faz com que o aluno se aproprie do mundo sócio-cultural em que vive e passe a reconstruir algo novo, esforçando-se para agir dentro de certos limites e regras impostos pela situação vivida. Nesta ação os objetos e ações dos outros adquirem um novo sentido e são re-significados, de modo que a ação passa a ser função da significação que o aluno dá à experiência vivida para a construção do conhecimento.

Um docente considera a boa mediação aquela focada no conhecimento do professor:

Com relação à questão da boa mediação houve uma situação em que um aluno me questionou sobre o que poderia ser feito no sentido de que a elaboração de um PPRA fosse um documento de qualidade de forma que a empresa efetivamente pudesse colocar aquele programa em prática. Então ele me perguntou como fazer isso. Posteriormente, o próprio aluno me contou que ao receber essa orientação de que isso sempre deveria ser analisado nessa linha de raciocínio, facilitou muito sua ação na empresa. Minha mediação foi boa no sentido em que o aluno alcançou o objetivo dele, que era de fato colocar o programa em prática e não simplesmente fazer um documento que vai para a gaveta e não é implementado. (P3)

Para Mori (2004) é na interação estabelecida entre o sujeito, o universo sócio-cultural e o objeto de conhecimento que há a construção do conhecimento. Entretanto, o professor deve ter como objetivo que o aluno aprenda, adquira conceitos e saiba transformar informações em conhecimento. O aluno é o foco das atenções, numa relação dialógica que visa à aprendizagem.

Para um professor a mediação é considerada positiva quando encarada como uma relação de afetividade:

O técnico de segurança tem uma dificuldade muito grande em trabalhar na linha comportamental. Então quando você fala em ética, em problemas emocionais, ele não acredita muito nisso. Isso acontece bastante durante as aulas, os técnicos questionam muito, eles não acreditam, mas depois de muita argumentação, eles aceitam até conversar mais com aquele funcionário problema. Muitas vezes a gente tem um bom resultado. (P5)

Tavares-Silva (2003) afirma a relevância dos aprendizes perceberem que estavam sendo assistidos, incentivados, acolhidos afetivamente, o que aumentou o interesse pelo curso.

Mori (2004), considera que o desenvolvimento de um relacionamento afetivo é a base que sustenta e desencadeia o processo de construção do conhecimento e que o professor deve cultivar essa relação afetiva enquanto introduz elementos pedagógicos necessários para provocar o desenvolvimento cognitivo do aluno. Para essa autora, a mediação pedagógica só pode acontecer mediante uma relação baseada na afetividade, uma vez que para haver aprendizagem é preciso haver interesse, motivação, curiosidade, prazer pela construção do conhecimento por parte do aluno.

Uma experiência de êxito da mediação da aprendizagem, na visão de alguns professores, ocorre quando se considera o conhecimento prévio do aluno para o desenvolvimento de um novo aprendizado, levando em conta a avaliação desse aprendizado:

A gente coloca vários assuntos e tem o retorno dos alunos que expõem suas experiências baseados nos assuntos dados. O docente fazendo pontuações pertinentes em cima disso,

trazendo o aluno para a realidade, para o di-a-dia, mostrando que o conteúdo também pode ser associado à prática. O que eles trazem eu acho muito positivo. (P1)

Certa vez enquanto falava de custos de acidentes, um aluno relatou um acidente. Ficou falando dos dias perdidos e que teve que contratar outro funcionário, então da experiência do aluno com essa situação houve um entrosamento perfeito com a teoria. Este foi um item que eu achei importante porque uniu a teoria com a prática e, principalmente, por que aproveitei os conhecimentos prévios dos alunos. Esse é um ponto, em minha opinião, que o professor deve sempre se ater, ouvir os alunos e através das experiências deles introduzir os conceitos teóricos da aula a ser desenvolvida. (P7)

Nos estudos de Tavares-Silva (2003) foi percebido que o conhecimento foi construído a partir da prática do aluno, vivenciando os problemas enfrentados no dia-a-dia de trabalho. Este aspecto é corroborado por Mori (2004), que tendo como base os estudos de Vygotsky, indica que a aprendizagem acontece desde o nascimento e está relacionada ao processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas. O indivíduo se desenvolve enquanto aprende, imerso em um ambiente cultural que medeia este desenvolvimento. O aprendizado compreende um processo social, histórico, culturalmente organizado e ao mesmo tempo produtor de subjetividade.

### **5.2.2 Experiências de uma mediação docente não satisfatória**

Alguns professores relataram como experiências não satisfatórias no âmbito da mediação docente, situações que foram comprometidas pela falta de conhecimento prévio dos alunos para o desenvolvimento de um novo conceito:

Normalmente na competência Agentes Químicos. Por se tratar de um assunto árduo, abstrato, por mais esforço que se use, os alunos não assimilam os conceitos a contento. Já tentei várias formas de desenvolver, mas é muito difícil para o aluno. Quando percebo que é necessário, retomo os conceitos e explico novamente, até que eles absorvam o máximo possível. (P9)

Principalmente na ausência de matérias básicas. Conhecimento prévio que o aluno deveria ter e daí uma grande pressão para a realização de um trabalho técnico com falta

de recurso para que eles pudessem atingir o objetivo. Esses recursos na realidade eram os conhecimentos prévios que eles não tinham. (P10)

Para Bello (2004) o conceito de conhecimento difere do conceito de informação, embora estejam relacionados. A construção do conhecimento é resultado da compreensão da informação, que pode ser considerado como o significado atribuído e representado na mente dos alunos sobre a realidade. Caso isso não ocorra de forma satisfatória, novas aprendizagens serão comprometidas.

Para um docente o processo de mediação não atingiu seu objetivo quando existiu um envolvimento afetivo inadequado por parte do aluno e isso impede que o resultado do processo de mediação docente seja satisfatório:

Um determinado aluno se empolgou tanto com a situação que ele mesmo se inscreveu na CIPA. Ele então era o quê? Ele era o técnico de segurança e era um membro da CIPA. E aí as coisas se misturaram de tal forma que ele não conseguia fazer direito nem um, nem outro trabalho e o resultado foi realmente negativo em termos de resultados. Então era uma situação conflitante porque normalmente aquilo que se leva enquanto membro da CIPA é para ser encaminhado para a segurança do trabalho só que como ele era um membro da CIPA e da segurança do trabalho, ficava numa situação meio difícil. Portanto a mediação não obteve um resultado satisfatório, pois a interpretação do aluno foi de que ele deveria se envolver totalmente e aí as coisas se misturaram e não foi um resultado satisfatório. (P3)

Encontramos no estudo de Costa (2004), a afirmação de que o aprendizado que ocorre durante interações homem-mundo aciona tanto um processo cognitivo como um processo afetivo. Considerando que a afetividade se constitui como condição social, culturalmente concebida, mais ou menos rígida e pode influir sobre a constituição da identidade pessoal e coletiva de acordo com Mori (2004), quando isso não ocorre o resultado da aprendizagem não é satisfatório.

A mediação docente fica comprometida, na visão de outros professores, quando se tem que lidar com situações de insatisfação dos alunos, o que leva à frustração do processo:

A gente recepciona muitos alunos que não vem sabendo o que é realmente o curso de técnico, eles vem achando algo e quando eles vêem que o negócio é sério, mais trabalhado, mais detalhado, muitas normas que eles tem que aprender, vivenciar, eles começam a se desligar do curso. Essas pessoas dão uma certa insatisfação porque a gente não consegue trazê-los para a experiência real, então você se sente insatisfeito por ver o lado de uma pessoa que estava num curso de forma enganada. (P4)

Bertoni (2002) afirma que o aluno já traz consigo uma série de conceitos aprendidos na sua vida diária, por suas experiências, observações. É importante que a escola articule os conhecimentos trazidos pelo aluno com os conteúdos sistematizados a serem desenvolvidos.

Para um dos docentes, o que interferiu no processo de mediação docente foi a própria ansiedade:

Às vezes eu não consigo me conter. Muitas vezes o aluno está com uma linha de raciocínio, está pensando numa possível resposta e eu na ansiedade de que ele não complete o raciocínio de maneira correta, acabo interferindo e vejo que acaba dando tudo errado. E uma dificuldade que eu tenho de me conter e deixar que ele caminhe com as suas próprias pernas. Isso ruim e por isso eu comecei a me 'podar' para que isso não acontecesse. (P6)

De acordo com Alves (2005), o entrave na educação é a vontade interior e inteira de interagir com o outro, de aprender com o outro, de estar com o outro, o que implica pressupor uma mudança da relação de um a todos para uma relação todos a todos. O professor passa a ser um parceiro de estudo. É preciso que o professor se enxergue dentro do processo, que solidariamente com seus alunos, se transforme num aliado da jornada rumo ao aprendizado.

Para P8 o processo de mediação foi considerado negativo quando o docente não for suficientemente flexível em suas práticas e ações e não tiver bom senso em suas decisões junto aos alunos:

Certa vez, na aplicação de uma prova de avaliação, ocasião em que um aluno foi muito mal e solicitou uma revisão de prova, me recordo de eu ser extremamente inflexível,

deixando de explorar outras formas, outros métodos de avaliar a competência do aluno com relação aos conteúdos desenvolvidos em sala. (P8)

A mediação ocorre a partir das interações entre professor e aluno no processo de aprendizagem desde que as interações ocorram numa estrutura flexível e recursiva que favoreça o processo de reconstrução e re-significação da realidade (Costa, 2004).

Apenas um professor não identificou nenhuma situação como insatisfatória em sua experiência no âmbito da mediação docente: “Não encontrei, pelo menos até hoje, situações onde eu fizesse uma intervenção e não tivesse um retorno adequado”. (P1)

### **5.3 Condições facilitadoras e dificultadoras para a construção da mediação docente**

#### **5.3.1 As condições facilitadoras**

Para dois professores o processo de mediação ocorre quando se estabelece uma boa comunicação com os alunos e há boa receptividade por parte deles. Quando isso ocorre, se estabelece mutuamente entre as partes o diálogo. A partir dessa relação de afetividade, o aprendizado emerge como consequência:

Uma boa comunicação, o aluno estar disposto a estar aprendendo, ter esse papel de estar aprendendo, é uma boa mediação quando temos a abertura do aluno. A gente sente que ele aprendeu quando tem uma boa receptividade. Isso é um fator de facilitação. (P1)

Acredito que primeiro o diálogo bem franco, que eu acho que é a base. Segundo é colocar para eles todas as responsabilidades como profissional, conhecimento daquilo que ele vai fazer. Eu acho que o básico é ter vontade de trabalhar, desenvolver da melhor maneira possível aquilo que vai fazer. (P10)

Justina (2001) afirma que mediação implica a criação de contextos flexíveis, em que a mediação reflexiva aumenta a intensidade do diálogo, melhora sua qualidade e permite a criação de ambientes cooperativos e solidários.



Já para outro professor, um facilitador para sua ação é o respeito ao aluno. A partir da interação que se estabelece nessa relação é possível dar continuidade à formação de seu conhecimento de forma significativa:

Eu procuro sempre respeitar os pontos de vista dos alunos, tentar colocar aqueles alunos que na maioria das vezes não tem uma participação mais efetiva para serem inseridos, para que todos participem, mas respeitando mais aquelas pessoas que tem maior dificuldade de se expor em público, essa é uma idéia. Outra é que sejam temas do dia-a-dia, novos, recentes que estão aparecendo sempre na mídia, e não falar de coisas muitas velhas, muito antigas. (P2)

A cooperação é baseada principalmente na igualdade, respeito mútuo, liberdade e autonomia, sendo necessário que os sujeitos criem hipóteses comuns, sejam capazes de convergir na comunicação a partir de uma correspondência e reciprocidade entre as cooperações. Dessa forma, a aprendizagem é tomada como uma atividade intencional de autotransformação mental dos sujeitos que vão ajustando as suas ações por meio de novas operações. Assim, o conhecimento que se constrói nessa reciprocidade é uma construção coletiva, mas com um significado pessoal, individual para cada um dos sujeitos envolvidos (Justina, 2001).

Outros professores vêem como facilitador o conhecimento próprio, o domínio que exercem sobre o conteúdo a ser desenvolvido:

O meu conhecimento é um facilitador, analisando a situação, o processo, completando uns aos outros. Assim o meu próprio conhecimento do tema a ser desenvolvido e saber o que colegas estão desenvolvendo, facilita a articulação dos vários conhecimentos como um todo, e isso facilita muito a mediação da aprendizagem. (P8)

Tavares-Silva (2003) apresenta em seu estudo a descrição de experiências de sucesso que contou com a participação de mediadores especialistas. Entretanto, a autora esclarece que esses intervenientes tiveram as funções de facilitar o processo de ensino aprendizagem, incentivar e interagir com os alunos, auxiliando-os na aprendizagem, mesmo estando em patamares diferentes

de conhecimento, cada um com uma responsabilidade.

Na visão de alguns docentes, a facilidade está em se colocar no lugar do aluno, de tentar entender uma determinada situação na perspectiva do outro. Entendem ser capazes de fazer isso pela vivência acumulada ao longo dos anos de atividade profissional e docente:

Existe o aspecto da vivência de ambos, professor e aluno, mas neste caso, mais a minha, da vivência pessoal. Às vezes para um bom instrutor não basta só conhecer sua matéria a fundo, ele tem que ter experiência de vida para saber como falar com as pessoas e mostrar o outro lado da moeda, e isso que é um fator muito importante. O professor se colocar como aluno naquele momento para ver o que ele está observando e com isso fazer essa mediação. Então a experiência de vida é fundamental para estar sendo inserida com a experiência profissional. (P4)

Eu acredito que seja uma facilidade que eu tenho, um dom que eu tenho, a empatia. eu tento aproximar o aluno a minha aula. Baseado na realidade do aluno para tentar fazer com que ele se interesse pelo conteúdo que está sendo trabalhado, procuro estimular o aluno. (P7)

Enquanto o conceito de ensinar está mais diretamente ligado às ações do professor, o conceito de aprender centra-se no sujeito aprendiz. Aprender é uma ação realizada pelo aluno e envolve a pesquisa, o diálogo, o debate, a reflexão crítica e a busca de informações. No processo de aprendizagem o aluno desenvolve competências pessoais, muda comportamentos, transfere aprendizagens, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, integra conceitos teóricos com realidades práticas, relaciona e contextualiza experiências envolvendo a si próprio, os outros colegas e o professor (Bello, 2004).

Para um professor, ser paciente e observador é sua facilidade para atuar como um mediador da aprendizagem:

Sou paciente, procuro ouvir todas as opiniões que eles têm, tenho uma didática que eu encaro como facilitadora e não me importo de repetir várias vezes até eles entenderem o

assunto, buscar estratégias diferentes para que eles possam ter outras opções de aprendizagem. Deixo os alunos muito à vontade para eles responderem o que acham, não tem resposta certa ou errada até o momento em que se está aprendendo, a gente sempre tenta conduzir de uma forma que o erro faça parte do processo de aprendizagem e que ninguém será punido por isso. (P6)

Para Justina (2001) no processo de construção do conhecimento existe sempre algo a ser aprendido, assimilado, aplicado ou conhecido, tanto para o aluno como para o professor.

Já para outro professor, a facilidade do processo de mediação docente está na informalidade adotada junto aos alunos: “A informalidade, sempre focando o aluno. Ser o mais informal possível para não inibi-los. Tenho obtido bons resultados com isso”. (P9)

### **5.3.2 As condições dificultadoras**

A maioria das experiências relatadas pelos professores mostram as dificuldades causadas pelos alunos:

Talvez essa falta de receptividade seja um fator de dificuldade. (P1)

A própria resistência do aluno. Tem alunos que vem, principalmente aquele que já trabalha numa empresa grande, ou que trabalhe na área, ele já vem com certos vícios, e ele é mais resistente. Ele quer ver para crer, ele já vem com um NÃO na frente. Para que tudo isso? É bobagem...e isso atrapalha. (P5)

Uma outra dificuldade localiza-se na diversidade entre os alunos:

A diferença de classes sociais. Quando a gente fala numa classe de alunos, mesmo fazendo o mesmo curso eles não são homogêneos, eles vem de educação diferente, criação diferente, locais totalmente diferentes em questão de cultura, do que é ser educado, do que é não ser educado, e isso dificulta muito porque às vezes você pedir um por favor, dizer obrigado, não jogar papel no chão, a própria postura que o aluno traz na sua formação de caráter, isso dificulta. (P4)

Cinco dos professores entrevistados assumem em seus relatos suas próprias limitações para uma boa mediação docente, seja pela ansiedade, falta de organização de suas práticas e inflexibilidade.

A ansiedade. Mas isso eu já estou me controlando mais. A gente quer que ele chegue na resposta, mas a gente tem que se conter porque ele tem que construir isso sozinho. Tem que ser a aprendizagem dele e não a minha. (P6)

Na minha autocrítica, um item que tenho que trabalhar mais é a disciplina. Alguns alunos são mais expansivos então de repente eu preciso estar mais preparado para não permitir que isso atrapalhe a aula e fique uma situação sem controle. (P7)

Apenas um dos professores não encontra aspectos dificultadores em sua ação mediadora: “Não tenho sentido isso aqui no Senac. Com essa técnica de informalidade eles ficam a vontade e tem sido relativamente fácil”. (P9)

A compreensão do sujeito professor, de suas concepções e práticas, de seu efetivo papel no processo ensino aprendizagem, mostra-se fundamental para que a mediação docente seja desenvolvida de maneira a favorecer que o professor assuma seu próprio processo de transformação e, neste sentido, entenda que a medida que se transforma poderá contribuir na transformação do outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa buscou-se analisar as concepções de professores que atuam na educação profissional sobre a mediação docente, além de identificar suas características de formação e trajetória profissional, discutindo suas experiências de mediação docente.

O desenvolvimento da pesquisa foi favorecido pela estreita proximidade profissional da pesquisadora com os professores, o que colaborou para o estabelecimento de diálogos fecundos que promoveram reflexões, discussões e auto-avaliações das práticas pedagógicas adotadas pelo grupo de professores no desenvolvimento do curso em questão, que propiciou uma constante troca e aprendizado para ambas as partes.

Os professores que participaram da pesquisa são profissionais graduados e especializados de diversas áreas, e que atuam como professores do curso técnico de segurança do trabalho, mas não têm formação específica para docência e desenvolvem essa atividade como uma atividade secundária e/ou complementar, no Senac Jabaquara.

Mesmo não se tratando da primeira opção profissional em nenhum momento dos vários diálogos, os professores se posicionaram como profissionais especialistas de mercado, mas sim, como **professores** (grifo meu). É importante destacar que todos os docentes do grupo participaram, parcial ou integralmente, da etapa básica do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – oferecido pelo Senac, que tem por objetivo capacitar seus docentes para atuarem nos cursos técnicos, com foco no desenvolvimento de competências.

Observou-se uma preocupação com relação à própria atuação docente, que tem como foco principal o aluno. Essa preocupação pode ser o resultado de uma auto-análise, ao longo de suas trajetórias, que os levou a refletir sobre a própria prática, discutir sobre as ações planejadas, as intenções iniciais no desenvolvimento de uma competência específica e sua mediação no processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa propiciou o reconhecimento de que a proposta da Educação Profissional de aproximar ao máximo o aluno e o mercado de trabalho tem sido atendida perfeitamente, na medida em que o professor da educação profissional é um especialista de mercado, que está em contato diário com as inovações e transformações da área e que, ao assumir a postura de

professor, compartilha com o aluno seu conhecimento e experiência.

Os dados analisados permitem afirmar que existe uma preocupação do grupo com a formação continuada. Isso pode ter explicação nas próprias mudanças do mundo do trabalho, que exige de todos os profissionais, em qualquer nível, um desempenho competente no domínio do seu ofício e um conhecimento amplo de sua área de atuação, o que obviamente também se aplica na profissão docente.

Na análise das respostas dadas pelos professores com relação à concepção de mediação docente, foi possível apreender alguns núcleos temáticos que nos indicam a ação educativa assumida pelo grupo.

Percebe-se nas entrelinhas que os docentes agem de acordo com suas convicções e bom senso, partindo de um modelo mental próprio do que é ser “um bom professor”, eventualmente considerando um professor que tenham tido no passado e tentam reproduzi-lo, ou até superá-lo, da melhor forma possível. Portanto, mesmo não tendo formação específica para a docência, se baseiam em conceitos próprios, em modelos idealizados de “ser professor”. Reproduzem suas próprias experiências bem sucedidas como alunos tendo como referencial antigos professores que os tenham agradado de alguma forma.

Evidenciou-se a preocupação do grupo com o sentido do conteúdo a ser desenvolvido de forma significativa, uma vez que consideram os conhecimentos prévios dos alunos e compreendem que a participação docente no processo de ensino aprendizagem deve incidir no espaço existente entre o que o aluno é capaz de fazer sozinho e aquilo que o aluno pode fazer com a colaboração de outros.

Um ponto importante apontado foi o reconhecimento de que esses docentes têm utilizado a “bagagem” própria dos alunos, considerando suas experiências e conhecimentos prévios, o que reforça o fato dos professores valorizarem as condições sociais, culturais e econômicas dos alunos.

Este aspecto parece indicar que os professores assumem a responsabilidade social de

ajudar a construir e reconstruir o conhecimento. Parecem entender que são responsáveis por mediar o conhecimento de forma significativa e intencional. Assim, vêem a participação e o interesse do aluno como parte fundamental para que a mediação da aprendizagem ocorra.

Ao analisar as experiências relatadas foi possível perceber que o docente assume uma postura flexível em sua ação, o que propicia e facilita o diálogo, a discussão e a aproximação com o aluno. Para o grupo não existe mais o professor que “transmite o conhecimento”, ou o professor como “fonte absoluta do saber”. Entendem e valorizam as diversas fontes de informação e consideram a pesquisa por parte do aluno como fundamental na construção do conhecimento.

A análise das respostas dadas parece sinalizar que o grupo entende o processo de ensino-aprendizagem como a construção do conhecimento em que nada acontece isoladamente, e sim de forma participativa e coletiva, em que os conhecimentos partilhados provocam uma transformação na forma de pensar tanto do professor como do aluno, de maneira que cada um poderá elaborar sua forma de intervir criticamente no seu mundo.

Os participantes desta pesquisa apontam que prestigiam o momento da aula e a encaram como um importante local e espaço de ampliação das fontes de aprendizagem, possibilitando a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Percebe-se uma certa disparidade nos integrantes do grupo quando respondem sobre a transmissão do saber. Alguns acreditam nessa forma do ensinar, mas outros compreendem que o processo de ensino aprendizagem deve ser desenvolvido de forma significativa, que colabore para a construção do conhecimento do aluno a partir de seu cotidiano.

Os professores sinalizam consciência de sua ação mediadora e colocam o aluno frente a frente com o conteúdo, levando-o à reflexão, compreensão e participação a fim de que seja capaz de se apropriar do quadro teórico proposto pelo professor.

Mesmo que a maioria do grupo tenha clareza de que depende fundamentalmente da

postura assumida pelo professor a efetiva aprendizagem do aluno, parte do grupo atribui unicamente aos alunos eventuais insucessos ocorridos na aprendizagem. Quando o aluno “não aprende” a responsabilidade por esse fracasso não é assumida por parte do grupo, e sim, transferida ao aluno.

Pelas experiências relatadas, pode-se inferir que grande parte do grupo tem a visão de que sua ação como docente deve ser a de um facilitador, de um mediador da aprendizagem, atuando no espaço existente entre seu próprio conhecimento e o aluno.

A busca da compreensão dos olhares docentes, tendo como embasamento teórico os diversos autores que subsidiaram a análise empreendida no decorrer desta pesquisa, se constitui em um importante aprendizado que pode contribuir no desenvolvimento de ações voltadas para a formação de professores da educação profissional de nível médio, por meio de práticas educativas focadas na mediação docente produtoras de aprendizagens significativas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Sergio Cavalcanti – *Administração da Formação Profissional* – São Paulo – CENAFOR, s.d. (apostila) – 1999.

ALONSO, M (org.) – *O trabalho docente – teoria & prática*. São Paulo – ABDR – 1999.

ALVES, Aglae Cecília Toledo Porto – *A experiência real influenciando a mediação virtual*. - Dissertação de Mestrado. PUCSP - São Paulo - 165 f. s.n. 2005.

ALVES, N. (org.) - *Formação de professores: pensar e fazer*. S. P. – Editora Cortez - 1992.

ALVES, Rubem Azevedo – *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez – 1991.

ANTUNES, Celso – *Como transformar informação em conhecimento* – Ed. Vozes – 2001.

ARAÚJO, F. U. – *Temas transversais e a estratégia de projetos*. SP – Editora Moderna - 2003.

BAKHTIN, Mikhail - *Dialogic Imagination* - University of Texas Press Slavic Series, - 1982.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília C. Geraes. (org.).- *Políticas e Educação: Múltiplas Leituras*. UMESP - 2002.

BARDIN, Laurence – *Análise de conteúdo*. Ed. 70 – Portugal – 2004.

BATISTA, Nildo Alves; BATISTA, Sylvia Helena da Silva (orgs.) – *Docência em saúde: temas e experiências*. São Paulo – Editora Senac São Paulo – 2004.

BELLO, Walmir Rodrigues – *Possibilidades de construção do conhecimento em um ambiente telemático*. Dissertação de Mestrado PUCSP - São Paulo - 123 f s.n. 2004.

BERTONI, Claudia – *Jogo e mediação social – um estudo sobre o desenvolvimento e a aprendizagem em alunos do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. PUCSP - São Paulo - 226 f. s.n. 2002.

BODGAN, Robert; BIKLEN, Sari - *Investigação qualitativa em educação* – Porto Editora – Portugal –1997.

BRANCO, Adylles Castello – *Formação Profissional para o Setor Terciário da Economia*. Dissertação de Mestrado PUCSP - São Paulo – 1991.

BRASIL, Lei 5692/71 – *Diretrizes e Bases da Educação Nacional e do Ensino de 1º e 2º Graus* – São Paulo – IMESP – 1983.

BRASIL, *Lei 9394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Mtb – 1996.*

BRASIL, *Parecer CNE/CBE nº 16/99 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico - 1999.*

BRASIL, *Indicação CEE nº 08/00 – Diretrizes para implementação da Educação Profissional de Nível Técnico no sistema de ensino do Estado de São Paulo - 2000.*

BRASIL, *Parecer CNE/CBE nº 09/01 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em Nível Superior, Curso de Licenciatura, de Graduação Plena - 2001.*

BRUNER J. - *Actual Minds, Possible Worlds.* Cambridge, MA: Harvard University Press. – 1986.

CANÁRIO, Rui – *Formação de Professores – Art. da Revista de Educação ABC Educatio – 2002.*

COLETTA, José Augusto Dela – *Análise do trabalho dos instrutores do Senac – Boletim Técnico Senac – Rio de Janeiro – 1977.*

COSTA, Nielce Meneguelo Lobo da – *Formação de professores para o ensino da matemática com a informática integrada à prática pedagógica – exploração e análise de dados em bancos computacionais.* Tese de Doutorado. PUCSP - São Paulo - 300 f. s.n. 2004.

DEMO, Pedro – *Educação e qualidade, SP – Papyrus. Editora - 1994.*

DEPRESBITERIS, Léa; DEFFUNE, Deisi – *Competência, habilidades e currículos de educação profissional – Crônicas e reflexões, SP. Editora Senac São Paulo - 2000.*

DOMINGUES, José Luiz - *O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade* (col. Teses universitárias). São Paulo EDUC - Ed. PUCSP - 1988.

EDUCAÇÃO & LINGUAGEM – *Revista da Faculdade de Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo – Ano 4, n.º 5 – 2001.*

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.) - *Políticas interdisciplinares na Escola. São Paulo. Cortez, 1997.*

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes – *A teoria fecunda e a prática difícil da interdisciplinaridade – Artigo da Revista da Educação ABC Educatio – 2001.*

FERNANDES, Solange Hassan Ahmad Ali – *Uma análise vygotskiana da apropriação do conceito de simetria por aprendizes sem acuidade visual.* Dissertação de Mestrado. PUCSP - São Paulo - 228 f. s.n. 2004.

FRANCO, Luiz Antonio de Carvalho – *A escola do trabalho e o trabalho da escola*. Editora Cortez/Associados – 1977.

FRANCO, Maria Laura - P.B. – *Análise do conteúdo* – Líber Livro Editora – 2005.

FREIRE, Paulo - *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra - 1979.

FURLANETTO, Ecleide Cunico – *Como nasce um professor?* – Editora Paulus - 2003.

GARCIA, Carlos Marcelo - *Formação de Professores: para uma mudança educativa*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999. GIROUX, Henry. *A Escola Crítica e a Política Cultural*. São Paulo: Cortez - 1988.

GUTIERREZ, Francisco e PRIETO, Daniel – *A mediação Pedagógica* – São Paulo, editora Papyrus - 1994.

IBERMÓN, Francisco - *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza* (col. questões da nossa época). São Paulo: Cortez - 2001.

JUSTINA, Reginaldo Dalla - *Um olhar sobre as relações grupais em ambiente informatizado de uma escola municipal de São Paulo* Dissertação de Mestrado. PUCSP. - São Paulo - 132 f. s.n. 2001.

KUENZER, Acácia Zeneida - *A formação de educadores no contexto das mudanças no mundo do trabalho: novos desafios para as faculdades de educação*. Educ. Soc. - 1998.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean - *A Construção do Saber – Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Ed. UFMG – Ed. Artmed – 1999.

LEIF, J. e BRUNELLE, L. - *O jogo pelo jogo*. Rio de Janeiro, Zahar - 1978.

LIBÂNEO, José Carlos - *Tendências Pedagógicas na Prática Escolar*. In ANCE Revista da Associação Nacional de Educação. São Paulo - 1983.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. - *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* - E.P.U. – São Paulo – 2004.

MANFREDI, Silvia Maria – *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo – Cortez – 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria - *Técnicas da pesquisa*. São Paulo - Ed. Atlas - 2002.

MASETTO, M. T. - *Mediação pedagógica e o uso da tecnologia*. In: MORAN, J. M.. Campinas - Papyrus - 2000.

MENESES, G. de C.; BATISTA, S. H. S. (coords.) - *Revisitando a prática docente: interdisciplinaridade, políticas públicas e formação*. São Paulo - Pioneira/Thomson Learning -

2003.

MILITÃO, Jair – *Como fazer trabalho comunitário?* Editora Paulus - 2003.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti, et. al. – *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação.* São Carlos – EdUFSCAR - 2002.

MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu - *Currículo, Cultura e Sociedade.* São Paulo – Cortez - 1995.

MORI, Kátia Regina Gonçalves – *A mediação pedagógica e o uso das tecnologias da informação e da comunicação na escola.* Dissertação de Mestrado. PUCSP - São Paulo - 138 f. s.n. 2004.

MORIN, E. - *Sete saberes necessários para a educação do futuro.* São Paulo: Cortez - 2000.

MOUALLEM, Gilcia Maria Salomon Bezerra – *Entre muros e pontes – a prática do educador no cotidiano de uma escola pública mineira.* Dissertação de Mestrado. PUCSP - São Paulo s.n. 2004.

NEVES, Wanda Maria Junqueira - *As formas de significação como mediação da consciência - um estudo sobre o movimento da consciência de um grupo de professores.* Tese de Doutorado. PUCSP - São Paulo - 247 f. s.n. 1997.

NÓVOA, A. (org.) - *Os professores e sua formação.* Lisboa: Pub. Dom Quixote - 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl de - *Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento num processo sócio-histórico.* São Paulo: Editora Scipione - 2003.

PERRENOUD, P. – *Dez novas competências para ensinar.* P. Alegre: Artes M. Sul - 2000.

PERRENOUD, P. – *Da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas.* Porto Alegre - Artmed – 1999.

PERROTTI, Edna Maria Barian - *A Formação do Professor – Reflexões a partir da prática – Senac Nacional – Referenciais Curriculares da Educação Profissional – 1999.*

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos – *Docência no ensino superior – vol. I – São Paulo – Cortez – 2002.*

PIMENTEL, M. da G. - *O professor em construção.* Campinas, São Paulo: Papyrus - 1993.

RONCA, Paulo A. & TERZI, Cleide A. – *A prova operatória.* 11ª edição. São Paulo - Edesplan - 1995

ROS, Silvia Zanatta da – *Cultura e mediação em Reuven Feuerstein – um relato de um trabalho pedagógico com adultos que apresentam história de deficiência.* Tese de Doutorado. PUCSP - São Paulo - 158 f. s.n. 1997.

SAVIANI, Demerval - *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas - Autores Associados - 1997.

SENAC NACIONAL/DEPARTAMENTO NACIONAL – *Referenciais para a educação Profissional – documento elaborado por técnicos das diretorias de Formação Profissional e de Informação*. Rio de Janeiro – 2001.

SENAC/DEP/CTP - *Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Cenários e Perspectivas* – Documentos Técnicos - 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (orgs.) – *Formação docente: rupturas e possibilidades*. Campinas – Papirus – 2002.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias – *Cidadania, justiça e cultura nas organizações*. São Bernardo do Campo - UMESP - 2001.

SOUZA, Ana Maria Martins de; DEPRESBITERIS, Léa; MACHADO, Osny Telles Marcondes – *A mediação como princípio educacional*. São Paulo – Editora Senac São Paulo - 2004.

TAVARES-SILVA, Tânia – *Mediação Pedagógica, nos ambientes telemáticos, com recurso de expressão das interações interpessoais e da construção do conhecimento*. Dissertação de Mestrado PUCSP - São Paulo - s.n. 2003.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo – *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre - Artes Médicas Sul - 1999/2000.

VARELA, Aida – *Informação e Autonomia: a mediação segundo Feuerstein*. São Paulo – Editora Senac São Paulo - 2007.

VASCONCELLOS, Celso dos S. – *Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. São Paulo – Libertad Editora - 1996.

VYGOTSKY, Lev S. – *Pensamento e linguagem*. São Paulo - Martins Fontes - 1995.

VYGOTSKY, Lev S. – *A Formação Social da Mente*. São Paulo - Martins Fontes - 1998.

ZABALZA, Miguel A. – *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre – Artmed – 2004.

ZEICHNER, Kenneth; LISTON, Daniel P. – *Formación del profesorado y condiciones sociales de la escolarización*. Madrid – Morata 1990.

**ANEXOS**

**Anexo I**

**Termo de Autorização Institucional**

**Anexo II**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**



### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A presente pesquisa, O processo de mediação da aprendizagem: concepções de professores do ensino técnico, tem como objetivos:

- analisar as concepções de professores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho, no Senac São Paulo, sobre a mediação docente;
- identificar características de formação e trajetória profissional, discutir as experiências de mediação docente, seus limites e possibilidades na ótica dos professores.

Para seu desenvolvimento serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com professores do Curso Técnico em Segurança do Trabalho que atuam na Unidade Jabaquara do Senac São Paulo. Dentre os procedimentos previstos não há previsão de qualquer desconforto ou risco para os participantes da investigação.

Considerando os preceitos éticos em pesquisa, você poderá, em qualquer etapa do estudo, ter acesso aos pesquisadores responsáveis pela investigação para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é a mestrandia Liria Aparecida Pereira, que pode ser encontrado no Senac Jabaquara – Av. do Café, 298 – Vila Guarani – SP - Telefone 11 2146-9172.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Cesário Galeno,

É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu tratamento na Instituição.

As informações obtidas serão analisadas, não sendo divulgado a identificação de nenhuma participante.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, da mesma

forma que não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

O pesquisador compromete-se a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Assinatura do professor

data

**Anexo III**

**Questionário (piloto)**

## QUESTIONÁRIO

### I – IDENTIFICAÇÃO

Ano de nascimento:

Área de atuação:

Tempo de graduado:

Início da docência:

Titulação:

- Especialização ( )
- Mestrado ( )
- Doutorado ( )

Curso/módulo/competência em que atua:

### II – CONCEPÇÕES DE MEDIAÇÃO

Mediação do processo ensino aprendizagem é:

### III – CONHECENDO PERSPECTIVAS DE MEDIAÇÃO

#### Instrução

Leia as afirmações que seguem e, em cada uma delas, circule o número que melhor retrata a sua opinião. Os números que aparecem logo depois de cada afirmação devem ser entendidos da seguinte forma:

- 1 = concordo totalmente
- 2 = concordo em parte
- 3 = nem concordo, nem discordo
- 4 = discordo em parte
- 5 = discordo totalmente

1 - Autonomia e trabalho em grupo estimulam o desenvolvimento do aluno.	1	2	3	4	5
2 - O ponto de partida do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento que os alunos trazem de suas diferentes experiências.	1	2	3	4	5
3 - O diálogo entre professor e aluno é fundamental para que ocorra a mediação pedagógica.	1	2	3	4	5
4 - O professor exerce papel preponderante no desenvolvimento do aluno.	1	2	3	4	5
5 - Da postura assumida pelo professor depende a mediação da aprendizagem.	1	2	3	4	5
6 - A indução à reflexão é uma forma de mediação da aprendizagem.	1	2	3	4	5
7 - O professor deve ser conhecedor de sua matéria, ser um animador, manter-se flexível para criar e re-criar, refletir sobre sua prática e criar estratégias que colaborem para o aprendizado do aluno.	1	2	3	4	5
8 - O processo de mediação pedagógica se dá quando se estabelece uma comunicação, uma interação entre professor e aluno.	1	2	3	4	5
9 - O professor, sendo a fonte do saber, deve ser o transmissor do conhecimento.	1	2	3	4	5
10 - É dever do professor fazer com que os alunos aprendam.	1	2	3	4	5
11 - No processo ensino-aprendizagem tanto professor como aluno tem suas responsabilidades.	1	2	3	4	5
12 - No processo ensino aprendizagem todos aprendem, tanto aluno como professor.	1	2	3	4	5
13 - A aula é um momento privilegiado de encontro e ações entre professor e aluno, construída pela ação conjunta entre ambos.	1	2	3	4	5
14 - O professor que produz e dirige as atividades e as ações a fim de que o aluno desenvolva processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento realiza, de fato, a ação mediadora do conhecimento.	1	2	3	4	5

**Anexo IV**

**Questionário**

## QUESTIONÁRIO

### I – IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Ano de nascimento:

Área de atuação:

Graduação:

Tempo de graduado:

Início da docência:

Titulação:

- Especialização ( )
- Mestrado ( )
- Doutorado ( )

### II – CONCEPÇÕES DE MEDIAÇÃO

Mediação do processo ensino aprendizagem é:

### III – CONHECENDO PERSPECTIVAS DE MEDIAÇÃO

#### Instrução

Leia as afirmações que seguem e, em cada uma delas, circule o número que melhor retrata a sua opinião. Os números que aparecem logo depois de cada afirmação devem ser entendidos da seguinte forma:

- 1 = concordo totalmente
- 2 = concordo
- 3 = concordo em parte
- 4 = discordo
- 5 = discordo totalmente

1 - Autonomia e trabalho em grupo estimulam o desenvolvimento do aluno.	1	2	3	4	5
2 - O ponto de partida do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento que os alunos trazem de suas diferentes experiências.	1	2	3	4	5
3 - O diálogo entre professor e aluno é fundamental para que ocorra a mediação pedagógica.	1	2	3	4	5
4 - O professor exerce papel preponderante no desenvolvimento do aluno.	1	2	3	4	5
5 - Da postura assumida pelo professor depende a mediação da aprendizagem.	1	2	3	4	5
6 - A indução à reflexão é uma forma de mediação da aprendizagem.	1	2	3	4	5
7 - O professor deve ser conhecedor de sua matéria, ser um animador, manter-se flexível para criar e re-criar, refletir sobre sua prática e criar estratégias que colaborem para o aprendizado do aluno.	1	2	3	4	5
8 - O processo de mediação pedagógica se dá quando se estabelece uma comunicação, uma interação entre professor e aluno.	1	2	3	4	5
9 - O professor, sendo a fonte do saber, deve ser o transmissor do conhecimento.	1	2	3	4	5
10 - É dever do professor fazer com que os alunos aprendam.	1	2	3	4	5
11 - No processo ensino-aprendizagem tanto professor como aluno tem suas responsabilidades.	1	2	3	4	5
12 - No processo ensino aprendizagem todos aprendem, tanto aluno como professor.	1	2	3	4	5
13 - A aula é um momento privilegiado de encontro e ações entre professor e aluno, construída pela ação conjunta entre ambos.	1	2	3	4	5
14 - O professor que produz e dirige as atividades e as ações a fim de que o aluno desenvolva processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento realiza, de fato, a ação mediadora do conhecimento.	1	2	3	4	5



**Anexo V**

**Análise Temática dos Questionários**

**Instrumento: Questionário**

**Análise Temática**

**II – CONCEPÇÕES DE MEDIAÇÃO**

Questão aberta: Mediação do processo ensino aprendizagem é:

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	<p>Em meus 20 anos em piso de fábrica, aprendi que a produção, seja de bens ou serviços, ela está interligada com a felicidade dos colaboradores, da comunidade da qualidade de vida, com o meio ambiente, com a economia, do respeito pelas diferenças. Cada produto representa a nossa ética, o nosso saber, nossa humanidade, a nossa afetividade...etc. Como engenheira, dependo do processo que vou utilizar para mediar entre os colaboradores, a tecnologia e a empresa.</p> <p>Assim, hoje como docente, tenho por objeto principal a forma como vou trabalhar um conteúdo curricular, ou seja, o que vou ensinar, partindo-se do princípio, que independe do conteúdo, é necessário levar em consideração como se vai ensinar esses conteúdos, qual a metodologia que vou utilizar para promover o aprendizado desejado naquela turma, para cada aluno, qual a emoção,</p>	<p>... dependo do processo que vou utilizar para mediar entre os colaboradores, a tecnologia e a empresa.</p> <p>... tenho por objeto principal a forma como vou trabalhar um conteúdo curricular, ou seja, o que vou ensinar...</p> <p>... é necessário levar em consideração como se vai ensinar esses conteúdos...</p> <p>... qual a emoção, qual a afetividade, minha e do aluno...</p> <p>... qual a relação ou a comunicação que devo manter, qual processo...</p> <p>... A forma como vou desenvolver esse conteúdo.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Mediação como desenvolvimento de metodologia de ensino favorecedor da aprendizagem.</li><li>• Mediação como relação de afetividade.</li></ul>

	qual a afetividade, minha e do aluno, qual a relação ou a comunicação que devo manter, qual processo. A forma como vou desenvolver esse conteúdo.		
Professor 2	Um processo interativo entre facilitador e aluno, onde se espera como resultado a construção de um conhecimento.	... processo interativo entre facilitador e aluno... ... resultado a construção de um conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> <li>• Mediação como processo de interação</li> </ul>
Professor 3	Penso que (empiricamente) é convidar o estudante (em sua individualidade) a entrar no mundo proposto. Uma vez envolvido, ele saberá junto com o professor a descortinar essa esfera nova. Ambos construirão...como a parilha de um mesmo jogo.	... é convidar o estudante (em sua individualidade) a entrar no mundo proposto... ... Ambos construirão...como a parilha de um mesmo jogo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e aluno</li> <li>• Mediação como processo de interação</li> </ul>
Professor 4	Construir conhecimentos a partir do conteúdo que o aluno traz para sala de aula conciliando-o com o conteúdo da disciplina.	Construir conhecimentos a partir do conteúdo que o aluno traz para sala de aula conciliando-o com o conteúdo da disciplina.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo que estabelece relação entre o conhecimento prévio e o conteúdo da competência a ser desenvolvida.</li> </ul>
Professor 5	Interagir com os educandos de forma a propiciar-lhes a aquisição <u>própria</u> e <u>significativa</u> do conhecimento, instigando-os na busca contínua da	Interagir com os educandos de forma a propiciar-lhes a aquisição <u>própria</u> e <u>significativa</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como</li> </ul>

	<p>construção do saber. Mais do que transferir conhecimentos o papel do mediador consiste em lançar desafios constantes aos alunos para que vencendo-os eles descubram sua maneira particular de aprender. Em contrapartida, o retorno das ações dos alunos no processo permite que o próprio docente (re) construa suas estratégias de mediação.</p>	<p>do conhecimento... ... o papel do mediador consiste em lançar desafios constantes... ... o retorno das ações dos alunos no processo permite que o próprio docente (re) construa suas estratégias de mediação.</p>	<p>desenvolvimento de metodologia de ensino favorecedoras da aprendizagem.</p>
Professor 6	<p>Interferência do docente na complementação da aprendizagem retirando os conflitos dos alunos, visando uma qualificação profissional.</p>	<p>Interferência do docente na complementação da aprendizagem retirando os conflitos dos alunos, visando uma qualificação profissional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como complemento da aprendizagem.</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>
Professor 7	<p>A interação entre os conhecimentos transmitidos pelo docente mais as experiências que os alunos vivenciam, além da constante busca de conhecimento além dos bancos escolares, e nesse ponto o professor deve ter papel muito marcante, mostrando que o ensino-aprendizagem vai além daquele momento de sala de aula (pesquisa, leitura).</p>	<p>A interação entre os conhecimentos transmitidos pelo docente mais as experiências que os alunos vivenciam,... ... busca de conhecimento além dos bancos escolares,... ... o professor deve ter papel muito marcante, mostrando que o ensino-aprendizagem vai além daquele momento de sala de aula (pesquisa, leitura).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo que estabelece relação entre o conhecimento prévio e o conteúdo da competência a ser desenvolvida.</li> </ul>

Professor 8	Forma pela qual estudamos as diversas formas, maneiras, metodologia de, não apenas promover, estimular o desenvolvimento e aprendizagem, como também as sistemáticas de avaliação do aprendizado que ocorreu.	Forma pela qual estudamos as diversas formas, maneiras, metodologia... ... promover, estimular o desenvolvimento e aprendizagem... ... as sistemáticas de avaliação do aprendizado que ocorreu.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação focada na discussão metodológica da avaliação.</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>
Professor 9	O professor deverá ser muito esclarecido, competente e repassar para os alunos os objetivos da matéria e sua conclusão e os alunos deverão entender e pesquisar o máximo possível (biblioteca, internet, bibliografias específicas, etc.) para concluir e entender a matéria, em sua área de interesse.	O professor deverá ser muito esclarecido, competente... ... repassar para os alunos os objetivos da matéria e sua conclusão... ... os alunos deverão entender e pesquisar o máximo possível (biblioteca, internet, bibliografias específicas, etc.) para concluir e entender a matéria, em sua área de interesse.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação centrada na transmissão da informação.</li> </ul>
Professor 10	Fazer com que se realize o processo de construção do conhecimento utilizando meios e métodos de interação, conhecimento, criação e desenvolvimento do conteúdo proposto.	... o processo de construção do conhecimento utilizando meios e métodos de interação, conhecimento, criação e desenvolvimento do conteúdo proposto.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>

Professor 11	Consiste na troca de experiências, conhecimentos, habilidades. Com uma perfeita interação entre professor e aluno, temos um crescimento do aprendizado de ambos.	... troca de experiências, conhecimentos, habilidades. ... perfeita interação entre professor e aluno,... ... crescimento do aprendizado de ambos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e aluno</li> <li>• Mediação como processo de interação</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>
Professor 12	O ensinar facilitando à aprendizagem, criando condições para que o outro, a partir dele próprio, aprenda e cresça. A comunicação não se efetiva em mão única, mas tem um caráter interativo, com ação recíproca e só assim, nesta concepção de ensino é que o educador adquire o seu papel mediador, facilitando a construção do conhecimento do aluno. Nos dias atuais não é admissível que o conhecimento seja centrado na figura do professor-conhecimento.	O ensinar facilitando à aprendizagem, criando condições para que o outro, a partir dele próprio, aprenda e cresça. ... ... A comunicação não se efetiva em mão única, mas tem um caráter interativo, com ação recíproca... ... o educador adquire o seu papel mediador, facilitando a construção do conhecimento do aluno. ...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo que estabelece relação entre o conhecimento prévio e o conteúdo da competência a ser desenvolvida.</li> <li>• Mediação como processo de interação</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>

Professor 13	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da matéria</li> <li>- Estudos de casos</li> <li>- Discussão, análise e conclusões</li> <li>- Elaboração de programas e planos de estudos</li> <li>- Aplicação dos conhecimentos obtidos</li> <li>- Trabalhos</li> <li>- Avaliação de ambas as partes do processo professor/aluno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da matéria</li> <li>- Discussão, análise e conclusões</li> <li>- Aplicação dos conhecimentos obtidos</li> <li>- Avaliação de ambas as partes do processo professor/aluno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> <li>• Mediação como processo de interação</li> </ul>
Professor 14	<p>É a articulação que o professor necessita realizar junto ao aluno, transmitindo não só o conhecimento, mas gerando ações de mobilização e de desenvolvimento cognitivo. A interface aluno/professor se torna mais rica na medida que a aula possa ser construída pelo conhecimento e habilidades dos dois. O professor é um otimizador de idéias e ações que devam ser discutidas e debatidas pelos alunos junto ao mestre.</p>	<p>...articulação que o professor necessita realizar junto ao aluno, transmitindo não só o conhecimento, mas gerando ações de mobilização e de desenvolvimento cognitivo. ...</p> <p>... A interface aluno/professor se torna mais rica na medida que a aula possa ser construída pelo conhecimento e habilidades dos dois. ...</p> <p>... O professor é um otimizador de idéias e ações que devam ser discutidas e debatidas pelos alunos junto ao mestre.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação centrada na transmissão da informação.</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>

Professor 15	A forma como o professor dirige as atividades e as ações para que o aluno desenvolva capacidades e aprendizagem.	A forma como o professor dirige as atividades e as ações para que o aluno desenvolva capacidades e aprendizagem.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo metodológico.</li> </ul>
Professor 16	Fazer compreender o aluno a real necessidade do envolvimento e comprometimento. É orientá-lo em sua transferência de conhecimentos. Mostrar outros caminhos e contornos sem perda de qualidade. Acreditar que o aluno chega com bagagem e deve adicionar mais experiências. Motivá-lo sempre!!	<p>... real necessidade do envolvimento e comprometimento...</p> <p>... transferência de conhecimentos...</p> <p>... Mostrar outros caminhos e contornos sem perda de qualidade...</p> <p>... Acreditar que o aluno chega com bagagem e deve adicionar mais experiências. ...</p> <p>... Motivá-lo sempre!!</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como relação de afetividade.</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> <li>• Mediação como processo que estabelece relação entre o conhecimento prévio e o conteúdo da competência a ser desenvolvida.</li> </ul>
Professor 17	A maneira pela qual se utilizam ferramentas apropriadas para levar instruções/ensinamentos, de se avaliar o percentual de assimilação de quem busca se predispor a aprender e a ensinar.	A maneira pela qual se utilizam ferramentas apropriadas para levar instruções/ensinamentos... ... avaliar o percentual de assimilação...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo metodológico e avaliativo.</li> </ul>
Professor 18	Uma articulação dos princípios ensino-aprendizagem e se concretiza pelas constantes	...Uma articulação dos princípios ensino-aprendizagem...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de</li> </ul>



	<p>recriações de estratégias, atribuindo assim sentido no que o aluno está aprendendo.</p> <p>A mediação pedagógica, demanda do professor abertura para aprender, flexibilidade e postura reflexiva, para rever constantemente a sua prática, criatividade e autonomia para relativizar suas intervenções em determinados momentos da interação.</p>	<p>... se concretiza pelas constantes recriações de estratégias...</p> <p>... atribuindo assim sentido no que o aluno está aprendendo. ...</p> <p>... A mediação pedagógica, demanda do professor abertura para aprender,...</p> <p>... flexibilidade e postura reflexiva, para rever constantemente a sua prática, criatividade e autonomia...</p> <p>... intervenções em determinados momentos da interação.</p>	<p>facilitação da construção de conhecimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e aluno</li> </ul>
Professor 19	<p>É como uma ponte que leva o mediado ao campo do conhecimento. Nesse processo o mediador transforma o conhecimento para que se torne mais apropriado ao mediado. É um processo interativo e gerador de novos conhecimentos.</p>	<p>... uma ponte que leva o mediado ao campo do conhecimento....</p> <p>... o mediador transforma o conhecimento...</p> <p>... É um processo interativo e gerador de novos conhecimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e aluno</li> </ul>
Professor 20	<p>Desenvolver a capacidade de raciocínio e criatividade do aluno, orientando-o apenas com os temas pertinentes à sua futura área de atuação. A intervenção do professor deve ser a mínima</p>	<p>Desenvolver a capacidade de raciocínio e criatividade do aluno...</p> <p>... A intervenção do professor</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e</li> </ul>

	<p>possível, emitindo sua opinião apenas quando verificar que o caminho seguido pelo aluno está equivocado e não atingirá a meta desejável. Este julgamento e intervenção são permitidos, pois o professor possui mais conhecimentos e experiência do que o aluno. Além disso, no processo de mediação o professor pode também aprender com o aluno, pois há esta flexibilidade, devido a autonomia de criação do aluno.</p>	<p>deve ser a mínima possível, emitindo sua opinião apenas quando verificar que o caminho seguido pelo aluno está equivocado e não atingirá a meta desejável...</p> <p>... o professor possui mais conhecimentos e experiência do que o aluno...</p> <p>... no processo de mediação o professor pode também aprender com o aluno, pois há esta flexibilidade, devido a autonomia de criação do aluno.</p>	<p>aluno.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção de conhecimento.</li> </ul>
Professor 21	<p>Conciliar a necessidade pedagógica com a satisfação do discente. Cumprir a legislação pertinente sem perder o desejo de aprender. Mediar é sobretudo negociar as expectativas. O docente deve ter uma posição que não seja de ser o 'centro das atenções' e sim o facilitador da aprendizagem respeitando os conhecimentos prévios dos alunos.</p>	<p>Conciliar a necessidade pedagógica com a satisfação do discente. ...</p> <p>... Mediar é sobretudo negociar as expectativas. ...</p> <p>... O docente deve ter uma posição que não seja de ser o 'centro das atenções' e sim o facilitador da aprendizagem respeitando os conhecimentos prévios dos alunos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como relação de afetividade.</li> </ul>
Professor 22	<p>Provocar no aluno o desenvolvimento do seu</p>	<p>Provocar no aluno o</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como</li> </ul>

	potencial no processo de aprendizagem.	desenvolvimento do seu potencial no processo de aprendizagem.	processo de facilitação da construção de conhecimento.
--	--	---	--

**Buy Now to Create PDF without Trial Watermark!!**

**Anexo VI**

**Roteiro da Entrevista**

**Created by eDocPrinter PDF Pro!!**

## **Roteiro da Entrevista**

### **Parte I**

#### ***Identificação***

Nome

Idade

Área de Atuação

Tempo de Graduado

Tempo de Docência

Titulação

### **Parte II**

#### ***Concepções de Mediação***

- a) Relate uma experiência que, na sua opinião, tenha havido uma boa mediação docente.
- b) E você já viveu uma experiência de mediação que avalie como não satisfatória?
- c) Quais os aspectos do seu trabalho que são facilitadores de uma boa mediação docente?
- d) E os dificultadores?

### **Parte III**

#### ***Comentários***

**Anexo VII**

**Análise Temática das Entrevistas**

**Instrumento: Entrevista**

**Análise Temática**

**Parte I**

***Identificação***

Nome	Idade	Área de Atuação	Tempo de Graduado	Tempo de Docência	Titulação
Professor 1	30 anos	Enfermagem, Enfermagem do Trabalho e Docência	8 anos	6 anos	Especialização em Enfermagem do Trabalho
Professor 2	49 anos	Engenharia de Segurança do Trabalho e Docência	25 anos	11 anos	Especialização em Metalurgia e Segurança do Trabalho
Professor 3	41 anos	Engenharia de Segurança do Trabalho e Docência	11 anos	5 anos	Especialização em Segurança do Trabalho
Professor 4	40 anos	Bombeiro Militar	sem graduação	10 anos	Sargento do

		e Docência	superior		Corpo de Bombeiros
Professor 5	50 anos	Psicologia e Docência	26 anos	12 anos	Psicóloga
Professor 6	31 anos	Docência	8 anos	11 anos	Química com especialização em Gestão Ambiental e Higiene Ocupacional
Professor 7	40 anos	Pedagogia e Docência	1 ano	3 anos	Pedagogo
Professor 8	45 anos	Engenharia de Segurança do Trabalho e Docência	21 anos	12 anos	Especialização em Engenharia Civil e de Segurança do Trabalho
Professor 9	61 anos	Engenharia de Segurança do Trabalho e Docência	33 anos	35 anos	Especialização em Engenharia Química e de Segurança do Trabalho
Professor 10	58 anos	Engenharia de Segurança do Trabalho e Docência	31 anos	26 anos	Especialização em Engenharia Industrial e de Segurança do



					Trabalho
--	--	--	--	--	----------

## Parte II

### Concepções de Mediação

#### Questões abertas

a) Relate uma experiência que, na sua opinião, tenha havido uma boa mediação docente.

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	Eu acho que no dia-a-dia, pensando na participação do docente nas próprias atividades, a gente coloca vários assuntos e tem o retorno dos alunos que expõem suas experiências baseados nos assuntos dados. O docente fazendo pontuações pertinentes em cima disso, trazendo o aluno para a realidade, para o dia-a-dia, mostrando que o conteúdo também pode ser associado à prática. O que eles trazem eu acho muito positivo. Eu acho que a gente tem que saber pontuar aquilo que é pertinente, que está dentro do assunto, dentro da matéria que está sendo dada, ele trazendo as experiências, a gente pontuando, fazendo uma pertinência com o conteúdo. Eu acho isso positivo, é um ponto onde o docente intervém. Trazer as experiências práticas, tentando pontuar com o conteúdo, conseguindo	... participação do docente nas próprias atividades... ... retorno dos alunos que expõem suas experiências... ... trazendo o aluno para a realidade, para o dia-a-dia, mostrando que o conteúdo também pode ser associado à prática... O que eles trazem eu acho muito positivo. ... docente intervém... Fazer esse papel, fazer essa ponte.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mediação como processo de facilitação da construção do conhecimento.</li> </ul>

	<p>dar o conteúdo da matéria.</p> <p>Por exemplo, no técnico de segurança do trabalho, estamos falando do sistema único de saúde-sus, e outros vários assuntos começaram a surgir. O assunto que eles mais colocaram foram problemas: ‘ah, esse sus é um sistema que não funciona’; ‘quando eu mais precisei, não tive respaldo’...Mas quando viram a “teoria prática” de ser um sistema que tem todas essas características de universalidade e tudo mais, quando entenderam o porque o sistema hoje não funciona, o porque não ser atendido num sistema único, como deveria ser e explicando as causas também, pois o conceito é bom, mas na prática a gente não consegue aliar a prática com a fundamentação teórica, eles puderam rever suas opiniões. Eu acho assim, mediando isso e tentando explicar para o aluno porque as coisas não funcionam se hoje elas têm essa interligação. Fazer esse papel, fazer essa ponte.</p>		
Professor 2	<p>Às vezes eu trago alguns acidentes de trabalho ou a ocorrência de algumas doenças ocupacionais, onde eu tento fazer um processo de discussão na sala dividindo os alunos em grupos para fazerem parte desse tipo de discussão. Então um grupo representa o ministério público, outro grupo representa o empregador, outro representa o sindicato, outro grupo representa a família do trabalhador</p>	<p>... processo de discussão...</p> <p>... que o pessoal possa debater e discutir...</p> <p>... Aí a gente faz esse processo de mediação...</p> <p>... deixando o pessoal se expor, discutir bastante, mas ao mesmo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como um processo de crescimento</li> </ul>

	<p>acidentado, doente e eu faço essa discussão, para que cada um conheça o seu tipo de ponto de vista. Eu faço uma discussão bem ampla. Quando se chega a uma determinada conclusão, eu faço a inversão de papéis entre os grupos. Aí faço que cada um ponha seus novos pontos de vistas, para uma nova discussão. Para ver que o técnico de segurança do trabalho, lá na frente, muitas vezes estará representando o lado do empregado, o lado do empregador, sendo um assistente de uma promotoria pública, então ele não vai ter só aquela visão do aspecto técnico-legal, mas ele vai ter que ter uma postura, além de ética, além de técnica, mas ela vai ter que ser partidária a uma entidade, a uma empresa, a um sindicato, ou como representante do trabalhador, então eu faço uma discussão através de um acidente, normalmente com acidentes novos, de grande mídia, que o pessoal possa debater e discutir. Aí a gente faz esse processo de mediação, de discussão de cada um, dentro de um regime democrático, deixando o pessoal se expor, discutir bastante, mas ao mesmo tempo tentando canalizar para que a gente tenha respostas favoráveis no objeto de trabalho que é esse acidente, essa discussão.</p>	<p>tempo tentando canalizar para que a gente tenha respostas favoráveis no objeto de trabalho que é esse acidente, essa discussão.</p>	<p>mútuo - entre professor e aluno.</p>
Professor 3	<p>Com relação à questão da boa mediação houve uma situação em que um aluno me questionou sobre o que poderia ser feito no sentido de que a elaboração de um PPRA fosse um documento de qualidade de forma que a</p>	<p>... houve uma situação em que um aluno me questionou sobre... ... o próprio aluno me contou que ao receber essa orientação...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação focada na transmissão do conhecimento.</li> <li>• Mediação como</li> </ul>

	<p>empresa efetivamente pudesse colocar aquele programa em prática. Então ele me perguntou como fazer isso. Eu posicionei a ele que a primeira questão que seria interessante levar em consideração é que esse programa fosse feito por uma pessoa não exatamente da empresa e sim, externa à empresa. Qual era a idéia que estava por trás? O profissional que está ali no dia-a-dia da empresa, nem sempre tem a visão das reais necessidades da empresa. Ele tem a experiência do dia-a-dia, mas às vezes tem muitos detalhes que ele não percebe. Inclusive na hora de implementar, de colocar isso no papel, ele enfrenta uma certa resistência da própria empresa e, principalmente, da sua chefia, porque alguns itens não interessam naquele momento serem colocados no papel e ele fica numa situação um tanto quanto delicada. Nesse sentido é interessante que ele terceirize, passe isso para uma outra pessoa. Que fique para ele somente o papel de implementar aquilo que o outro profissional falou que seria então necessário.</p> <p>Posteriormente, o próprio aluno me contou que ao receber essa orientação de que isso sempre deveria ser analisado nessa linha de raciocínio, facilitou muito sua ação na empresa. Isto quer dizer que não 'sou eu técnico, e sim o profissional que falou que tem que ser implementado', e isso lhe deu mais respaldo para fazer o seu trabalho.</p> <p>Minha mediação foi boa no sentido em que o aluno</p>	<p>... e isso lhe deu mais respaldo para fazer o seu trabalho.</p> <p>... o aluno alcançou o objetivo dele,...</p>	<p>processo metodológico.</p>
--	---	--	-------------------------------

	alcançou o objetivo dele, que era de fato colocar o programa em prática e não simplesmente fazer um documento que vai para a gaveta e não é implementado.		
Professor 4	Certa vez numa classe de técnicos, com alguns alunos que já estavam estagiando, houve uma desinformação por parte de um aluno e isto gerou muita polêmica. Começou a dar um atrito e eu percebi que já se estava chegando no lado pessoal entre dois alunos que começaram a bater boca e quase saíram no tapa. Se eu não tivesse feito uma mediação no exato momento, antes dos calores, dos nervos ficarem mais aflorados, eu creio que naquele dia teria uma consequência pior. Só que eu aproveitei o gancho daquela discussão e mostrei para eles que se numa classe onde todos estão estudando e vendo os mesmos pontos, têm pontos a serem discutidos imagine numa grande empresa. Todo mundo toma o rumo que lhe favorece mais, e, com isso eu fiz uma mediação e consegui contornar essa situação dos alunos. Até foi bacana porque depois eles conversaram paralelamente, a sós, comigo ali próximo, dando uma vigiada e saíram bons amigos.	... aproveitei o gancho daquela discussão e mostrei para eles que se numa classe onde todos estão estudando e vendo os mesmos pontos, têm pontos a serem discutidos imagine numa grande empresa...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> </ul>
Professor 5	O técnico de segurança tem uma dificuldade muito grande em trabalhar na linha comportamental. Então quando você fala em ética, em problemas emocionais, ele não acredita muito nisso. Então o gostoso numa aula, quando uma aula realmente flui sinto que ele sai entendendo mais daquele funcionário que amanhã ou depois não queira usar um EPI	O técnico de segurança tem uma dificuldade muito grande em trabalhar na linha comportamental. ... quando uma aula realmente flui sinto que ele sai entendendo mais...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como relação de afetividade.</li> </ul>

	<p>por conta de algum tipo de problema e que ele dê uma maior atenção a esse funcionário.</p> <p>Isso acontece bastante durante as aulas, os técnicos questionam muito, eles não acreditam, mas depois de muita argumentação, eles aceitam até conversar mais com aquele funcionário problema. Muitas vezes a gente tem um bom resultado.</p>	<p>... os técnicos questionam muito, eles não acreditam, mas depois de muita argumentação, eles aceitam até conversar mais...</p>	
Professor 6	<p>Uma situação que eu senti que foi válida, foi trazer um estudo de caso para explicar a eles sobre saneamento do meio e eu usei os recursos de um programa que se chama Carbópolis. Nessa época não tínhamos ainda os recursos de informática que temos hoje e, por não ter aula no laboratório de informática, fiz um mapa da cidade na lousa e expliquei o problema. Trata-se de um problema ambiental na cidade de Carbópolis. O programa te dá uma série de pistas. Tem entrevistas com os mineradores, com pessoal que trabalha em mina de carvão, tem uma série de pessoas que vão juntando informações e os alunos vão emitindo dados de relatórios de qualidade do ar, da água para que se vá tendo uma idéia da origem do problema, qual é a fonte. Nesse momento eu tive que me conter a todo instante, para não interferir no raciocínio deles. Eu dividi a sala em grupos e eles tinham que descobrir qual era o problema da cidade. Todos tinham a mesmas pistas, todas as informações estavam sobre a mesa, o mapa na lousa e cada grupo tinha que chegar à sua conclusão sobre...</p>	<p>... Nesse momento eu tive que me conter a todo instante, para não interferir no raciocínio deles...</p> <p>... cada grupo tinha que chegar à sua conclusão sobre qual era o problema definitivo...</p> <p>... partiu deles a resolução do problema. Toda a linha de raciocínio que vai conduzir a solução do problema partia do grupo...</p> <p>... você vê os alunos chegando até ao mesmo resultado, mas com outro raciocínio, de uma forma mais convincente, com mais argumentos...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção do conhecimento.</li> <li>• Mediação como processo metodológico.</li> </ul>

	<p>qual era o problema definitivo. Isso foi muito legal porque partiu deles a resolução do problema. Toda a linha de raciocínio que vai conduzir a solução do problema partia do grupo. Eventualmente eu conduziria o raciocínio de uma forma totalmente diferente e você vê os alunos chegando até ao mesmo resultado, mas com outro raciocínio, de uma forma mais convincente, com mais argumentos. Eu achei isso muito válido.</p>		
Professor 7	<p>Dentro de minha experiência com as aulas no Senac, no curso de técnico de segurança do trabalho uma excelente mediação foi propor algumas atividades que unissem os conhecimentos técnicos com a vivência deles na área, apesar deles ainda não serem técnicos, pois ainda não estão formados, mas vivenciando experiências eles puderam transpor para a sala de aula suas vivências relatando experiências de técnicos que já estão na área e essa experiência pode fazer um link com a teoria. Então seria uma forma de estar unindo o que foi trabalhado em sala de aula com a prática.</p> <p>Por exemplo, certa vez enquanto falava de custos de acidentes, um aluno relatou um acidente. Ficou falando dos dias perdidos e que teve que contratar outro funcionário, então da experiência do aluno com essa situação houve um entrosamento perfeito com a teoria. Este foi um item que eu achei importante porque uniu a teoria com a prática e ,principalmente, por que aproveitei os conhecimentos</p>	<p>... atividades que unissem os conhecimentos técnicos com a vivência deles na área...</p> <p>... vivenciando experiências eles puderam transpor para a sala de aula suas vivências relatando experiências de técnicos que já estão na área e essa experiência pode fazer um link com a teoria. Então seria uma forma de estar unindo o que foi trabalhado em sala de aula com a prática...</p> <p>... Esse é um ponto, em minha opinião, que o professor deve sempre se ater, ouvir os alunos e através das experiências deles introduzir os conceitos teóricos da aula a ser desenvolvida.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção do conhecimento.</li> </ul>

	<p>prévios dos alunos. Esse é um ponto, em minha opinião, que o professor deve sempre se ater, ouvir os alunos e através das experiências deles introduzir os conceitos teóricos da aula a ser desenvolvida.</p>		
Professor 8	<p>A reunião de análise de desenvolvimento e aprendizagem dos conteúdos trabalhados no técnico de segurança do trabalho, pois os comentários e impressões individuais coincidem com as minhas impressões também. E é bom saber, além de vivenciar, que as minhas impressões se complementam com a dos outros docentes que desenvolveram competências no curso. Exemplificando: quando um docente ou vários docentes explanam determinada condição de desenvolvimento de algum aluno, essa condição, no meu entendimento, já existia. Então é como se completasse o meu entendimento sobre um conceito final sobre aquele desenvolvimento do aluno e aí a mediação docente atinge plenamente o seu objetivo.</p>	<p>... quando um docente ou vários docentes explanam determinada condição de desenvolvimento de algum aluno, essa condição, no meu entendimento, já existia. Então é como se completasse o meu entendimento sobre um conceito final sobre aquele desenvolvimento do aluno e aí a mediação docente atinge plenamente o seu objetivo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo que estabelece relação entre o conhecimento prévio e o conteúdo da competência a ser desenvolvida.</li> <li>• Mediação focada na discussão metodológica da avaliação.</li> </ul>
Professor 9	<p>Foi interessante um fato quando desenvolvia a competência Temperaturas Extremas. Utilizei como técnica uma aula interativa, já que o assunto não é muito palpável, busquei com a aula interativa que houvesse a participação plena dos alunos, questionando e fazendo com que todos participem. Através de perguntas, de exposição pude verificar a assimilação dos alunos. Ao final percebi que eles estavam muito motivados e que a assimilação do conceito tinha ocorrido em profundidade.</p>	<p>... Utilizei como técnica uma aula interativa... ... busquei com a aula interativa que houvesse a participação plena dos alunos, questionando e fazendo com que todos participem. ... Através de perguntas, de exposição pude verificar a assimilação dos alunos...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> </ul>



		... Ao final percebi que eles estavam muito motivados e que a assimilação do conceito tinha ocorrido em profundidade.	
Professor 10	Nós tivemos um pessoal que foi indicado para empresas, como estagiários. Esse pessoal conseguiu fazer mudanças até do ponto de vista estrutural. Alunos trabalhando em empresas. Nós criamos, implantamos um SESMT, com laboratório, com todo o material era munição. Nós conseguimos fazer provas de segurança com munição. Eu fui o orientador desse trabalho e isso foi uma extensão da sala de aula. Na empresa os alunos desenvolveram uma atividade trabalhada em sala de aula e colocando na prática o que tinham aprendido. Essa é uma experiência na CBC. Outra experiência que nós temos é numa empresa que chama Tecsimi, que faz máquinas. Os alunos do técnico de segurança começaram a participar nas reuniões de qualidade e nas reuniões de mudanças.	... Esse pessoal conseguiu fazer mudanças até do ponto de vista estrutural... ... Nós conseguimos fazer provas de segurança com munição... ... Eu fui o orientador desse trabalho e isso foi uma extensão da sala de aula... ... Na empresa os alunos desenvolveram uma atividade trabalhada em sala de aula e colocando na prática o que tinham aprendido...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como um processo de crescimento mútuo - entre professor e aluno</li> </ul>

b) E você já viveu uma experiência de mediação que avalie como não satisfatória?

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	Não, normalmente, não. Eu não vejo assim como pontos não satisfatórios. Não encontrei, pelo menos até hoje, situações onde eu fizesse uma intervenção e não tivesse um	... situações onde eu fizesse uma intervenção e não tivesse um retorno adequado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de intervenção.</li> </ul>

	retorno adequado.		
Professor 2	<p>Às vezes você faz algumas inserções de problemas que o aluno tem dificuldade de assimilação, de conhecimento, porque não conhece o todo. Um exemplo típico agora é o acidente do GOL da Legacy, porque é um acidente que, muitas vezes, hoje, os alunos não tem conhecimento do todo, então eles sabem um pouco o que a mídia está falando, e se você coloca um assunto desse que você não consegue esclarecer com todos os fatos, fica difícil para o aluno se posicionar, porque a cada dia a mídia está trazendo fatos novos, coisas novas, então o que era uma certeza no dia anterior, talvez não seja a certeza total. Quando se têm novas variáveis, e o docente mesmo tendo domínio do assunto, ocorre que um problema vai levar a outras situações que vão envolver outras NRs, vai amarrar normas, vai amarrar uma série de coisas, e às vezes o aluno não tem esse grau de conhecimento, até porque foge um pouco da área de trabalho dele e aí o aluno tem dificuldade...mas o acidente de trabalho ele tem que conhecer, saber analisar, quais as origens, as causas.</p>	<p>... inserções de problemas que o aluno tem dificuldade de assimilação, de conhecimento, porque não conhece o todo... ... Quando se têm novas variáveis, e o docente mesmo tendo domínio do assunto, ocorre que um problema vai levar a outras situações...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação comprometida pela falta de conhecimentos prévios dos alunos.</li> </ul>
Professor 3	<p>Não satisfatório no sentido do resultado final. Uma situação que posso descrever é que sempre coloco aos alunos que você tem que valorizar a CIPA. E para valorizar você tem que qualificar, você tem que participar efetivamente desses grupos. Nesse sentido o técnico de</p>	<p>... E aí as coisas se misturaram de tal forma que ele não conseguia fazer direito nem um, nem outro trabalho e o resultado foi realmente negativo em termos de</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como relação de afetividade.</li> </ul>

	<p>segurança tem essa possibilidade de capacitar os integrantes da CIPA. Assim um determinado aluno se empolgou tanto com a situação que ele mesmo se inscreveu na CIPA. Ele então era o quê? Ele era o técnico de segurança e era um membro da CIPA. E aí as coisas se misturaram de tal forma que ele não conseguia fazer direito nem um, nem outro trabalho e o resultado foi realmente negativo em termos de resultados. Ele começou a sofrer muita pressão no aspecto de que alguns assuntos ele, como técnico de segurança, não deveria levar para a CIPA, mas enquanto membro da CIPA ele deveria levar, era o papel dele levar. Então era uma situação conflitante porque normalmente aquilo que se leva enquanto membro da CIPA é para ser encaminhado para a segurança do trabalho só que como ele era um membro da CIPA e da segurança do trabalho, ficava numa situação meio difícil. Portanto a mediação não obteve um resultado satisfatório, pois a interpretação do aluno foi de que ele deveria se envolver totalmente e aí as coisas se misturaram e não foi um resultado satisfatório.</p>	<p>resultados... ... era uma situação conflitante... ... Portanto a mediação não obteve um resultado satisfatório, pois a interpretação do aluno foi de que ele deveria se envolver totalmente e aí as coisas se misturaram e não foi um resultado satisfatório.</p>	
Professor 4	<p>Que não fosse satisfatória totalmente, eu não me lembro de nenhuma, só que a gente recepciona muitos alunos que não vem sabendo o que é realmente o curso de técnico, eles vêm achando algo e quando eles vêm que o negócio é sério, mais trabalhado, mais detalhado, muitas normas que eles tem que aprender, vivenciar, eles começam a se</p>	<p>... Essas pessoas dão uma certa insatisfação porque a gente não consegue trazê-los para a experiência real, então você se sente insatisfeito por ver o lado de uma pessoa que estava num curso</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como relação frustração.</li> </ul>

	desligar do curso. Essas pessoas dão uma certa insatisfação porque a gente não consegue trazê-los para a experiência real, então você se sente insatisfeito por ver o lado de uma pessoa que estava num curso de forma enganada.	de forma enganada...	
Professor 5	Nesse mesmo exemplo, posso tentar elucidar. No final de umas 6 ou 7 aulas o aluno ainda fala que na prática não é assim. Ele até aceita que a parte comportamental seja muito importante, mas 'na prática não é assim'. As empresas querem ver resultado no bolso e não querem olhar tanto para o ser humano que existe naquele funcionário. Então mesmo a mediação tendo sido satisfatória, porque o aluno entendeu o que deveria ser feito, na prática, ele continua não fazendo o procedimento correto. Ele até entendeu, talvez numa outra empresa ele vá colocar em prática, mas ali no momento não. Ele tem que segurar o emprego e então ele vai fazer aquilo que o empregador mandar e não o que realmente ele aprendeu. Na minha visão, mesmo a mediação tendo sido boa, existe a falha pelo resultado.	...Ele até aceita que a parte comportamental seja muito importante, mas 'na prática não é assim' ... ... mesmo a mediação tendo sido satisfatória, porque o aluno entendeu o que deveria ser feito, na prática, ele continua não fazendo o procedimento correto...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como relação frustração.</li> </ul>
Professor 6	Às vezes eu não consigo me conter. Muitas vezes o aluno está com uma linha de raciocínio, está pensando numa possível resposta e eu na ansiedade de que ele não complete o raciocínio de maneira correta, acabo interferindo e vejo que acaba dando tudo errado. Uma dificuldade que eu tenho de me conter e deixar que ele caminhe com as suas próprias pernas. Isso ruim e por isso	Às vezes eu não consigo me conter. Muitas vezes o aluno está com uma linha de raciocínio, está pensando numa possível resposta e eu na ansiedade de que ele não complete o raciocínio de maneira correta, acabo interferindo e vejo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação centrada na ansiedade.</li> </ul>

	eu comecei a me 'podar' para que isso não acontecesse.	que acaba dando tudo errado...	
Professor 7	Eu costumo, dependendo do nível de atenção dos alunos, propor alguma dinâmica, propor alguma coisa diferente. Houve determinadas situações em que eu preparei uma dinâmica e era um dia errado, uma hora errada e eu percebi que não teria o feed back necessário, ou seja, não adiantava eu chegar e tentar colocar uma coisa sem sentir, o feeling, e percebi que naquele momento a melhor estratégia era recuar. Então já houve situação que eu tentei mediar, colocando uma dinâmica para melhorar a motivação, mas, por um erro de diagnóstico meu, acabei até desistindo de fazer a dinâmica. Tive nesse momento que ter um jogo de cintura para retomar de onde havia parado e, então, houve sim, situação que eu tentei propor e não aconteceu.	... propor alguma dinâmica, propor alguma coisa diferente... ... não adiantava eu chegar e tentar colocar uma coisa sem sentir,... ... Tive nesse momento que ter um jogo de cintura...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de flexibilidade e de bom-senso</li> </ul>
Professor 8	Certa vez, na aplicação de uma prova de avaliação, ocasião em que um aluno foi muito mal e solicitou uma revisão de prova, me recordo de eu ser extremamente inflexível, deixando de explorar outras formas, outros métodos de avaliar a competência do aluno com relação aos conteúdos desenvolvidos em sala.	... eu ser extremamente inflexível... ... deixando de explorar outras formas, outros métodos de avaliar a competência do aluno com relação aos conteúdos desenvolvidos em sala.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de flexibilidade e de bom-senso</li> </ul>
Professor 9	Isso já ocorreu, ocorreu até mais do que uma vez. Normalmente na competência Agentes Químicos. Por se tratar de um assunto árduo, abstrato, por mais esforço que se use os alunos não assimilam os conceitos a contento. Já	... Por se tratar de um assunto árduo, abstrato, por mais esforço que se use os alunos não assimilam os conceitos a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação comprometida pela falta de conhecimentos</li> </ul>

	tentei várias formas de desenvolver, mas é muito difícil para o aluno. Quando percebo que é necessário, retomo os conceitos e explico novamente, até que eles absorvam o máximo possível.	contento... ...Já tentei várias formas de desenvolver... ... Quando percebo que é necessário, retomo os conceitos e explico novamente...	prévios dos alunos.
Professor 10	Principalmente na ausência de matérias básicas. Conhecimento prévio que o aluno deveria ter e daí uma grande pressão para a realização de um trabalho técnico com falta de recurso para que eles pudessem atingir o objetivo. Esses recursos na realidade eram os conhecimentos prévios que eles não tinham.	... Conhecimento prévio que o aluno deveria ter... ... pressão para a realização de um trabalho técnico com falta de recurso para que eles pudessem atingir o objetivo... ... Esses recursos na realidade eram os conhecimentos prévios que eles não tinham.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação comprometida pela falta de conhecimentos prévios dos alunos.</li> </ul>

c) Quais os aspectos do seu trabalho que são facilitadores de uma boa mediação docente?

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	Uma boa comunicação, o aluno estar disposto a estar aprendendo, ter esse papel de estar aprendendo, é uma boa mediação quando temos a abertura do aluno. A gente sente que ele aprendeu quando tem uma boa receptividade. Isso é	Uma boa comunicação,... ... , o aluno estar disposto a estar aprendendo... ... abertura do aluno...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo</li> </ul>

	um fator de facilitação.	A gente sente que ele aprendeu quando tem uma boa receptividade.	
Professor 2	Eu procuro sempre respeitar os pontos de vista dos alunos, tentar colocar aqueles alunos que na maioria das vezes não tem uma participação mais efetiva para serem inseridos, pois se você simplesmente deixar para aqueles mais habituais responderem, vai ficar quase que um monólogo e na realidade a classe vai ser representada por 3 ou 4 alunos e a idéia é que todos os alunos participem, principalmente aqueles que são mais introvertidos, mais introspectivos, que às vezes tem uma dificuldade de fala e discussão. Eu procuro até começar por eles pedindo para que todos respeitem a fala de cada um e fazendo sempre um ping-pong para que todos participem, mas respeitando mais aquelas pessoas que tem maior dificuldade de se expor em público, essa é uma idéia. Outra é que sejam temas do dia-a-dia, novos, recentes que estão aparecendo sempre na mídia, e não falar de coisas muitas velhas, muito antigas. Não adianta agora eu falar do incêndio do Andraus, do Joelma que para mim é um fato importante, mas que os alunos não participaram, não vivenciaram. Então são assuntos novos e a gente tenta garantir a participação de todos, principalmente dos mais introvertidos.	... respeitar os pontos de vista dos alunos,... ... a idéia é que todos os alunos participem... ... temas do dia-a-dia, novos, recentes que estão aparecendo sempre na mídia...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interação e respeito</li> <li>.</li> <li>.</li> </ul>
Professor 3	A experiência, a bagagem que a gente (professor) adquire no trato com os alunos, com o que eles esperam, qual a	... A experiência, a bagagem que a gente (professor) adquire no trato	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento próprio</li> </ul>

	<p>expectativa deles, e com alguém que um dia será um profissional, que estará do outro lado. É uma coisa que eu sempre procuro colocar para eles: sempre pensar que hoje eles estão aqui como alunos e então eles podem questionar, discordar, ter dúvidas, mas quando eles estiverem do outro lado e chegar um problema para eles, eles terão que resolver. E certamente a resolução é a bagagem daquele conhecimento que ele já adquiriu.</p>	<p>com os alunos,...</p> <p>... qual a expectativa deles, e com alguém que um dia será um profissional, que estará do outro lado...</p> <p>... eles terão que resolver...</p> <p>... a resolução é a bagagem daquele conhecimento que ele já adquiriu.</p>	
Professor 4	<p>Existe o aspecto da vivência de ambos, professor e aluno, mas neste caso, mais a minha, da vivência pessoal. Às vezes para um bom instrutor não basta só conhecer sua matéria a fundo, ele tem que ter experiência de vida para saber como falar com as pessoas e mostrar o outro lado da moeda, e isso que é um fator muito importante. O professor se colocar como aluno naquele momento para ver o que ele está observando e com isso fazer essa mediação. Então a experiência de vida é fundamental para estar sendo inserida com a experiência profissional.</p>	<p>... vivência de ambos, professor e aluno,...</p> <p>... professor se colocar como aluno naquele momento para ver o que ele está observando...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empatia</li> </ul>
Professor 5	<p>Trabalhar bastante com dinâmicas de grupo, colocar situações para esse tipo de funcionário, então você consegue um diálogo maior. Sempre colocando situações, por meio de dinâmicas em que ele vai colocar a mão na massa. A prática. Debater muito sobre isso. Conversar muito. Isso dá resultado. Porque você também mexe com aquele aluno de forma que ele se coloque no lugar do</p>	<p>... , colocar situações para esse tipo de funcionário, então você consegue um diálogo maior....</p> <p>... por meio de dinâmicas em que ele vai colocar a mão na massa. A prática...</p> <p>... Debater muito sobre isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empatia</li> </ul>



	<p>outro, e isso te dá um bom resultado. Trabalhar com o emocional do aluno ajuda bastante, para que ele, quando for profissional, saiba como lidar com aquele outro profissional..</p>	<p>Conversar muito... ... Trabalhar com o emocional do aluno ajuda bastante,...</p>	
Professor 6	<p>Sou paciente, procuro ouvir todas as opiniões que eles têm, tenho uma didática que eu encaro como facilitadora e não me importo de repetir várias vezes até eles entenderem o assunto, buscar estratégias diferentes para que eles possam ter outras opções de aprendizagem. Deixo os alunos muito à vontade para eles responderem o que acham, não tem resposta certa ou errada até o momento em que se está aprendendo, a gente sempre tenta conduzir de uma forma que o erro faça parte do processo de aprendizagem e que ninguém será punido por isso.</p>	<p>Sou paciente, procuro ouvir todas as opiniões que eles têm,... ... não me importo de repetir várias vezes até eles entenderem o assunto, buscar estratégias diferentes para que eles possam ter outras opções de aprendizagem... ... de uma forma que o erro faça parte do processo de aprendizagem...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paciência e observação</li> </ul>
Professor 7	<p>Eu acredito que seja uma facilidade que eu tenho, um dom que eu tenho, a empatia. Capacidade de me colocar no lugar do outro, no caso, no lugar do aluno. Às vezes, numa aula teórica, eu percebo através de reações corporais, dos horários, do cansaço físico que é perceptível, que a aula não está sendo bem aproveitada. Nesse caso, eu tento aproximar do aluno a minha aula. Com a realidade do aluno para tentar fazer com que ele se interesse pelo conteúdo que está sendo trabalhado, procuro estimular o aluno. Acho que essa capacidade de me colocar no lugar</p>	<p>Capacidade de me colocar no lugar do outro, no caso, no lugar do aluno... ... reações corporais,... ... eu tento aproximar do aluno a minha aula. Com a realidade do aluno para tentar fazer com que ele se interesse pelo conteúdo que está sendo trabalhado, procuro estimular o aluno...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empatia.</li> </ul>

	do outro é uma facilidade que eu tenho e em alguns momentos, ajuda.		
Professor 8	O conhecimento dos conteúdos desenvolvidos por outros docentes e além do conhecimento o entendimento de como esses conteúdos podem fazer parte de uma estrutura. Assim o meu conhecimento é um facilitador, analisando a situação, o processo, completando uns aos outros. Assim o meu próprio conhecimento do tema a ser desenvolvido e saber o que colegas estão desenvolvendo, facilita a articulação dos vários conhecimentos como um todo, e isso facilita muito a mediação da aprendizagem.	O conhecimento dos conteúdos desenvolvidos por outros docentes e além do conhecimento o entendimento de como esses conteúdos podem fazer parte de uma estrutura... ... Assim o meu conhecimento é um facilitador, analisando a situação, o processo, completando uns aos outros... ... meu próprio conhecimento do tema a ser desenvolvido... ... articulação dos vários conhecimentos como um todo...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento próprio</li> </ul>
Professor 9	A informalidade, sempre focando o aluno. Ser o mais informal possível para não inibi-los. Tenho obtido bons resultados com isso.	A informalidade, sempre focando o aluno... ... Ser o mais informal possível para não inibi-los.... ... Tenho obtido bons resultados com isso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informalidade.</li> </ul>
Professor 10	Acredito que primeiro o diálogo bem franco, que eu acho que é a base. Segundo é colocar para eles todas as	... o diálogo bem franco... ... colocar para eles todas as	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo</li> </ul>

	responsabilidades como profissional, conhecimento daquilo que ele vai fazer. Eu acho que o básico é ter vontade de trabalhar, desenvolver da melhor maneira possível aquilo que vai fazer.	responsabilidades como profissional, conhecimento daquilo que ele vai fazer... ... ter vontade de trabalhar, desenvolver da melhor maneira possível aquilo que vai fazer.	
--	--	--	--

d) E os dificultadores?

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	Talvez essa falta de receptividade seja um fator de dificuldade.	... falta de receptividade...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela falta de receptividade dos alunos</li> </ul>
Professor 2	Às vezes alguns alunos não conseguem respeitar a fala do outro, então ao mesmo tempo em que lançamos um tema, tudo tem que ficar canalizado para que todos possam ser ouvidos. Sempre tem aquele aluno que consegue se expor mais, é mais aberto ao diálogo, tem mais poder de liderança e sempre ele quer conduzir a discussão. Uma das maiores dificuldades é tentar dar a liberdade, manter a	... alguns alunos não conseguem respeitar a fala do outro,... ... Uma das maiores dificuldades é tentar dar a liberdade, manter a democracia, para que todos exponham com a mesma ênfase, com a mesma propriedade, e às	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela falta de respeito entre os alunos.</li> <li>• Mediação dificultada pela aprendizagem</li> </ul>

	<p>democracia, para que todos exponham com a mesma ênfase, com a mesma propriedade, e às vezes é difícil. As pessoas, às vezes, começam a falar e são brecadas e sempre os mesmos querem expor suas idéias. São pessoas que tem um domínio maior, até pela própria personalidade: conseguem se expor de uma forma mais clara. Uma das grandes dificuldades é fazer com que todos participem de uma discussão, e essa mediação, esse debate é legal porque ela enriquece. Ela não fica só naquele tema abordado e às vezes a gente pode abranger outros temas, outros itens da Norma, outras Normas, e é uma discussão que envolve outras matérias, outras disciplinas, é muito rico. O duro é conseguir envolver todos de uma forma democrática.</p>	<p>vezes é difícil...  ... Uma das grandes dificuldades é fazer com que todos participem de uma discussão...  ... Ela não fica só naquele tema abordado e às vezes a gente pode abranger outros temas, outros itens da Norma, outras Normas, e é uma discussão que envolve outras matérias, outras disciplinas, é muito rico...</p>	<p>sem autonomia</p>
Professor 3	<p>A dificuldade hoje, talvez não só com o aluno do técnico de segurança do trabalho, mas do aluno de um modo geral, é que as pessoas estão muito desmotivadas com relação ao o que eles querem efetivamente. Então eles chegam meio perdidos e então o primeiro papel que você tem que fazer quando encontra esse aluno é mostrar para ele o porque esse curso é interessante. Vai além de simplesmente você chegar lá e levar conhecimento para ele, você tem fazer esse papel de motivador também. E é difícil.</p>	<p>... as pessoas estão muito desmotivadas com relação ao o que eles querem efetivamente...  ... Vai além de simplesmente você chegar lá e levar conhecimento para ele, você tem fazer esse papel de motivador também...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela falta de interesse.</li> </ul>
Professor 4	<p>Sim. A diferença de classes sociais. Quando a gente fala numa classe de alunos, mesmo fazendo o mesmo curso eles não são homogêneos, eles vem de educação diferente, criação diferente, locais totalmente diferentes em questão</p>	<p>... A diferença de classes sociais...  ... educação diferente, criação diferente, locais totalmente diferentes em questão de cultura,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela diversidade.</li> </ul>

	de cultura, do que é ser educado, do que é não ser educado, e isso dificulta muito porque às vezes você pedir um por favor, dizer obrigado, não jogar papel no chão, a própria postura que o aluno traz na sua formação de caráter, isso dificulta. Às vezes ele acha que para estar certo ele tem que dar a última palavra e às vezes você estar certo é dar o seu consentimento. Essa dificuldade que eu vejo como sendo a maior para uma boa mediação.	do que é ser educado, do que é não ser educado...	
Professor 5	A própria resistência do aluno. Tem alunos que vem, principalmente aquele que já trabalha numa empresa grande, ou que trabalhe na área, ele já vem com certos vícios, e ele é mais resistente. Ele quer ver para crer, ele já vem com um NÃO na frente. Para que tudo isso? É bobagem...e isso atrapalha.	A própria resistência do aluno... ... ele já vem com certos vícios, e ele é mais resistente...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela resistência</li> </ul>
Professor 6	A ansiedade. Mas isso eu já estou me controlando mais. A gente quer que ele chegue na resposta, mas a gente tem que se conter porque ele tem que construir isso sozinho. Tem que ser a aprendizagem dele e não a minha.	A ansiedade... ... Tem que ser a aprendizagem dele e não a minha.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela ansiedade</li> </ul>
Professor 7	Na minha autocrítica, um item que tenho que trabalhar mais é a disciplina. Alguns alunos são mais expansivos então de repente eu preciso estar mais preparado para não permitir que isso atrapalhe a aula e fique uma situação sem controle.	... um item que tenho que trabalhar mais é a disciplina...	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela falta de organização.</li> </ul>
Professor 8	A minha formação técnica profissional estruturada nos aspectos numéricos, no meu caso, técnico em edificações –	... minha formação técnica profissional estruturada nos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação dificultada pela</li> </ul>

	nível médio – e engenharia civil – nível superior. Pouco ou quase nenhuma formação em psicologia aplicada à docência. Eu venho aprendendo, refletindo um pouco sobre algumas experiências vividas.	aspectos numéricos... ... Pouco ou quase nenhuma formação em psicologia aplicada à docência... ... Eu venho aprendendo, refletindo um pouco sobre algumas experiências vividas.	inflexibilidade. • Mediação dificultada pela falta de formação especializada
Professor 9	Não tenho sentido isso aqui no Senac. Com essa técnica de informalidade eles ficam a vontade e tem sido, relativamente, fácil.	Não tenho sentido isso aqui no Senac. Com essa técnica de informalidade eles ficam a vontade e tem sido, relativamente, fácil.	• Mediação como produto da reflexão sobre a prática docente
Professor 10	O dificultador pela minha parte, talvez seja um pouco de ansiedade. Muitas vezes você chega para um grupo e você vê 2 ou 3 encaminhando e você tem vontade de que todos os outros se encaminhem da mesma forma. Então essa ansiedade mata, mas eu sempre dou uma olhada para não interferir. Então assim como uma parelha de cavalos, eu preciso então colocara aqueles que estão puxando mais para que eles se interessem pelo grupo para depois ajudar, mas é essa dificuldade que sinto, essa ansiedade.	... um pouco de ansiedade... ... um grupo e você vê 2 ou 3 encaminhando e você tem vontade de que todos os outros se encaminhem da mesma forma... ... Então essa ansiedade mata, mas eu sempre dou uma olhada para não interferir...	• Mediação dificultada pela ansiedade.

### Comentários

Participantes	Unidades de Contexto	Unidades de Significado	Núcleos Temáticos
Professor 1	Eu acho que o docente tem que estar atualizando-se e ser o responsável pela intermediação, essa ponte intermediária, para essa mediação acontecer, trazendo o aluno para a realidade, abordar fatos e dados atuais, para tentar aliar a prática à teoria. Eu acho isso importante hoje em dia. Ter o ensino também voltado nessa linha, voltado para as coisas da atualidade, para as coisas corriqueiras, para ver a praticidade das coisas. Não adianta ficar nas coisas muito teóricas de “livro”, que não vai acontecer. O importante é alguma coisa que faça sentido para aluno. Não adianta uma coisa muita teórica que ele não vai utilizar, e não vai saber como utilizar depois a teoria na prática.	<p>... o docente tem que estar atualizando-se e ser o responsável pela intermediação...</p> <p>... essa ponte intermediária, para essa mediação acontecer, trazendo o aluno para a realidade,...</p> <p>... fatos e dados atuais, para tentar aliar a prática à teoria...</p> <p>... O importante é alguma coisa que faça sentido para aluno...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de intermediação.</li> </ul>
Professor 2	Seria interessante se pudéssemos fazer isso com maior propriedade. Por exemplo, agora de manhã passei um vídeo de mineração, eu estava falando de periculosidade, falando de alguns explosivos e passando o DVD com o intuito de amarrar várias normas regulamentadoras. Com isso foi possível “bolar” meio que uma APR-Análise preliminar de riscos e ao mesmo tempo caracterizar periculosidade e insalubridade, os danos, sistema de proteção coletiva, individual. Então consegui com quase 20 alunos, ter uma discussão ampla de 8 ou 9 Nrs que se	<p>... consegui com quase 20 alunos, ter uma discussão ampla de 8 ou 9 Nrs que se amarram com as Nrs 15 e 16...</p> <p>... cada um foi colocando o seu ponto de vista e teve uma participação, não diria igual de todos, mas que todos puderam se expressar e falar...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção do conhecimento.</li> </ul>

	<p>amarram com as Nrs 15 e 16. Consegui que cada um falasse, cada um foi colocando o seu ponto de vista e teve uma participação, não diria igual de todos, mas que todos puderam se expressar e falar. A dificuldade maior é essa, é pegar a pessoa que é mais tímida, que está mais cansada, que ele participe efetivamente. A aula flui normal, ninguém fica tão cansado e não fica aquele monólogo professor-aluno, facilita bastante. Podemos até intercalar uma aula mais teórica com uma aula mais prática, mais dinâmica.</p>		
Professor 3	<p>É uma coisa que é muito interessante e eu acho que essa mediação ela é fundamental, mas ela tem que ser um pouco melhor qualificada. Por exemplo, o que você está trazendo para mim é novidade. Eu nunca tinha pensado sob esse aspecto da mediação. É realmente uma novidade para mim. Eu até vivencio isso, mas não tinha me dado conta de que eu seria um mediador da aprendizagem do conhecimento. Eu acho que tem que mudar um pouco esse foco. Você não está ali somente para levar o conhecimento técnico, está muito além disso. É importante saber previamente qual a mensagem que você quer levar e para quem você vai levar, planejar, executar e na verdade eu sou um facilitador do processo de aprendizagem.</p>	<p>... Eu nunca tinha pensado sob esse aspecto da mediação...  ... Eu até vivencio isso, mas não tinha me dado conta de que eu seria um mediador da aprendizagem do conhecimento...  ... Você não está ali somente para levar o conhecimento técnico, está muito além disso...  ... É importante saber previamente qual a mensagem que você quer levar e para quem você vai levar, planejar, executar e na verdade eu sou um facilitador do processo de aprendizagem.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação com foco na transmissão de informação</li> <li>• Mediação como processo de facilitação da construção do conhecimento.</li> <li>• Mediação focada em resultados.</li> </ul>
Professor 4	<p>Eu acredito que uma 'chave' para a mediação é o bom</p>	<p>Eu acredito que uma 'chave' para</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como</li> </ul>



	<p>senso. Eu costumo dizer que não adianta lançar palavras para quem não quer ouvir. Então às vezes é preferível você interromper, pedir para as pessoas envolvidas fazerem uma reflexão, analisarem todos os atos e depois trazerem novamente o assunto a público, porque você de cabeça cheia, até preocupado com a atitude de outros colegas, você começa a querer ter razão e começa a ficar cego. Nesse momento o bom senso impera. E o bom senso me diz que de cabeça cheia não se deve tomar decisão. E isso vale para os alunos também. Às vezes eles estão aborrecidos por não terem ido bem numa atividade, por algum problema na empresa que trabalham ou com a família e trazem esses problemas para dentro da classe. E eles ficam ali sem querer aceitar qualquer opinião. Nesse momento o bom senso manda a gente parar naquele momento, deixar esfriar os ânimos, interromper a aula, mesmo que não seja o horário do café, só para dar uma relaxada. Todas as vezes que fiz isso, a volta foi melhor e aí pude continuar com a mediação a contento.</p>	<p>a mediação é o bom senso... ... pedir para as pessoas envolvidas fazerem uma reflexão, analisarem todos os atos e depois trazerem novamente o assunto a público,...</p>	<p>prática de reflexão da ação.</p>
Professor 5	<p>Acho que a gente não pode desistir. Tentar e tentar e nunca desistir porque uma hora os alunos tem que cair na real.</p>	<p>Acho que a gente não pode desistir. Tentar e tentar e nunca desistir...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como relação de persistência.</li> </ul>
Professor 6	<p>Eu acho que esse papel da mediação é fundamental para o docente ter a noção exata do que é ser um mediador. Porque foi-se o tempo que o docente tinha aquela imagem do 'sabe-tudo', que tinha todo o conhecimento, que vai</p>	<p>... foi-se o tempo que o docente tinha aquela imagem do 'sabe-tudo', que tinha todo o conhecimento, que vai transferir</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como</li> </ul>

	<p>transferir todo o conhecimento para o aluno. Hoje o conhecimento está aí, ele vai acessar da forma que quiser, talvez de uma forma mais interessante do que ouvir o professor falar lá na frente. Então o papel desafiador do professor hoje que eu vejo na mediação, é com todas essas informações disponíveis, todas essas fontes variadas, é ele ter um caminho, uma orientação para seguir, fazer uma leitura crítica, ter um olhar mais prudente da realidade, mas que parta dele esse caminho também. Então o docente tem que orientar, mas não dar as respostas prontas.</p>	<p>todo o conhecimento para o aluno... ... Então o papel desafiador do professor hoje que eu vejo na mediação, é com todas essas informações disponíveis, todas essas fontes variadas, é ele ter um caminho, uma orientação para seguir, fazer uma leitura crítica, ter um olhar mais prudente da realidade, mas que parta dele esse caminho também...</p>	<p>complemento da aprendizagem.</p>
Professor 7	<p>Pelo que eu entendo de mediação, o que seria conflito, resolução de conflitos, e considerando uma sala de aula, que conflitos poderíamos ter? Aluno/professor, conhecimento/dificuldade do aluno, se for sob esse ponto de vista eu acho que a toda hora, todo momento se faz necessária a mediação. O professor age com um facilitador, mediador, pois acabou aquilo do 'mestre sabe tudo'. Isso da escola tradicional, já acabou. A metodologia moderna hoje requer que o professor seja um facilitador, mediador do conhecimento, pois nós recebemos uma carga enorme de informações, de conhecimento e se o professor não for um mediador vai ficar muito difícil. Ele não pode se colocar nem como o dono da verdade e nem ser omissor. Ele tem que ficar no meio termo, não deixar a aula virar</p>	<p>... mediação, o que seria conflito, resolução de conflitos, e considerando uma sala de aula, que conflitos poderíamos... ... O professor age com um facilitador, mediador, pois acabou aquilo do 'mestre sabe tudo'... ... A metodologia moderna hoje requer que o professor seja um facilitador, mediador do conhecimento, pois nós recebemos uma carga enorme de informações, de conhecimento e se o professor não for um mediador vai ficar</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> <li>• Mediação como complemento da aprendizagem.</li> </ul>

	<p>uma bagunça, mas também não ser um professor linha dura, que também não é por aí. Então no meu entender, mediar é uma coisa essencial para o docente.</p>	<p>muito difícil... ... Ele tem que ficar no meio termo...</p>	
Professor 8	<p>É uma questão muito interessante do ponto de vista de estar em sala de aula e não só passar informações, não só relatar experiências vividas, como também ser o elemento que vai propiciar, vai facilitar o desenvolvimento do aluno. Eu acho que esse é um fator extremamente importante do ponto de vista da docência, a mediação.</p>	<p>... estar em sala de aula e não só passar informações não só relatar experiências vividas, como também ser o elemento que vai propiciar, vai facilitar o desenvolvimento do aluno...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como complemento da aprendizagem.</li> </ul>
Professor 9	<p>Como meu conhecimento é muito técnico, eu fui fazer um curso de licenciatura em química e a parte técnica do curso é muito simples para mim, já que sou engenheiro químico, mas a parte pedagógica em geral é que me assusta. Eu não tinha conhecimento nenhum e isso foi muito importante para mim. Mesmo eu sendo professor há muitos anos, agora resolvi buscar isso, pois achei importante. Um dos cursos que para mim foi importante para mim, que eu aprendi a desenvolver aulas diferentes, interativas, com a participação dos alunos o tempo todo, foi aqui no Senac num dos módulos do PDE. Eu uso isso até hoje, eu não sabia fazer isso. Eu dava aula expositiva, eu falava e eles ficavam ouvindo. Hoje não. Hoje tenho uma visão de que a aula é outra coisa, e aí comecei a me interessar por essa área, e que o professor na sala de aula tem uma ação que</p>	<p>... mas a parte pedagógica em geral é que me assusta. Eu não tinha conhecimento nenhum e isso foi muito importante para mim... ... Mesmo eu sendo professor há muitos anos, agora resolvi buscar isso, pois achei importante... ... Eu dava aula expositiva, eu falava e eles ficavam ouvindo. Hoje não... ... Hoje tenho uma visão de que a aula é outra coisa, e aí comecei a me interessar por essa área, e que o professor na sala de aula tem uma ação que vai além da aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como complemento da aprendizagem.</li> <li>• Mediação como processo de interação.</li> </ul>

	vai além da aula expositiva, e eles gostam muito da aula expositiva, gostam de participar. No início ficam um pouco inibidos, mas depois o rendimento melhora muito.	expositiva... ... e eles gostam muito da aula expositiva, gostam de participar...	
Professor 10	Eu acho o tema muito importante. Nós estamos numa fase onde se diz que a violência é pregada pela falta de conhecimento então se nós temos conhecimento e temos uma chance de que esse trabalho, essa mediação, pode ajudar o aluno no sentido geral, isso me deixa muito feliz em fazer parte desse processo, em estar participando.	... violência é pregada pela falta de conhecimento então se nós temos conhecimento e temos uma chance de que esse trabalho... ... , isso me deixa muito feliz em fazer parte desse processo, em estar participando.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mediação como processo de interação.</li> </ul>

**Buy Now to Create PDF without Trial Watermark!!**

**Anexo VIII**

**Protocolo de Pesquisa nº 13234674**

**Created by eDocPrinter PDF Pro!!**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)